



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA, EDUCAÇÃO E
LINGUAGENS – PPGCEL

EMANUELA DE SOUZA CORDEIRO

**IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS DA MULHER NEGRA NA ESCRITA DE
CONCEIÇÃO EVARISTO EM *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES***

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
FEVEREIRO DE 2020

EMANUELA DE SOUZA CORDEIRO

**IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS DA MULHER NEGRA NA ESCRITA DE
CONCEIÇÃO EVARISTO EM *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens – PPGCEL, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens.

Orientador: Prof. Dr^a. Avanete Pereira Sousa.
Coorientador: Prof. Dr^a. Adriana Maria de Abreu Barbosa.

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
FEVEREIRO DE 2020

C819i

Cordeiro, Emanuela de Souza.

Imaginário sociodiscursivos da mulher negra na escrita de Conceição Evaristo em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. / Emanuela de Souza Cordeiro, 2020.

127f. il. ; (algumas color.).

Orientador (a): Dr^a. Avanete Pereira Sousa.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL, Vitória da Conquista, 2020.

Inclui referência F. 119 – 127.

1. Mulheres Negras – Livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. 2. Conceição Evaristo. 3. Imaginários sociodiscursivos. 4. Sexismo-Racismo-Identidade. I. Sousa, Avanete Pereira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL. T. III.

CDD: 809.89297

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS



UESB



Governo do
Estado da Bahia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Recredenciada pelo Decreto Estadual
Nº 16.825, de 04.07.2016

ATA DE DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DA MESTRANDA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS DA UESB.

Aos treze dias do mês de março do ano de 2020, às 14 horas, reuniram-se na sala de defesa do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, os membros da Banca Examinadora constituída pelo Prof. Dr. Marcus Antônio Assis Lima (PPGCEL/UESB), Prof.ª Dr.ª Núbia Regina Moreira (PPGED/UESB) e pelo Prof.ª Dr.ª Avanete Pereira Souza (PPGCEL/UESB) orientadora, para julgar a dissertação “Imaginários sociodiscursivos da mulher negra na escrita de Conceição Evaristo em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*”, de autoria de Emanuela de Souza Cordeiro. Após apresentação pela candidata e arguição pela banca, deliberou-se pela aprovação, condicionando-se o efeito legal desta ata, para o fim específico de emissão de diploma de mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, linha de pesquisa: Linguagens e Práticas Sociais à entrega de versão definitiva da dissertação até 30 dias decorridos da data de defesa, conforme preconiza artigo 64, capítulo XXIV – das dissertações, da Resolução Consepe Nº 46/2016 – que aprova o Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens. Nada mais havendo a ser tratado, a comissão examinadora encerrou a sessão pública de defesa, da qual lavrei a presente ata que, após a sua leitura, será assinada por mim, pelos demais membros da banca e pela candidata ao título de mestre.

Vitória da Conquista, 13 de março de 2020.

Avanete Pereira Souza

Orientadora – Avanete Pereira Souza

Marcus Antônio Assis Lima

1ª Examinador – Prof. Dr. Marcus Antônio Assis Lima

Núbia Regina Moreira

2ª Examinadora – Prof.ª Dr.ª Núbia Regina Moreira

Emanuela de Souza Cordeiro

Mestranda - Emanuela de Souza Cordeiro

Campus de Vitória da Conquista

(77) 3424-8695 | ppgcel@gmail.com

Campus de Itapetinga
Praça da Primavera, 40
Bairro Primavera
CEP 45.700-000
PABX: (77) 3261-8600

Campus de Jequié
Rua José Moreira Sobrinho, s/n
Bairro Jequiézinho
CEP 45.200-000
PABX: (73) 3528-9600

Campus de Vitória da Conquista
Estrada do Bem Querêr, km 4
Bairro Universitário
CEP: 45031-300
PABX: (77) 3424-8600

Dedico esse trabalho à senhora Anercina Rosa de Oliveira, mãe de minha sogra Eulália Lemos de Oliveira e mais 15 filhos, parteira da cidade de Macaúbas – BA, de 1950 a 1980, responsável por ajudar a trazer ao mundo mais de mil bebês. Uma mulher negra que, apesar de sua gratuita e imensurável contribuição à saúde pública dessa pequena cidade brasileira, nunca recebeu nenhum tipo de reconhecimento.

Até agora.

AGRADECIMENTOS

Na vida, nada se faz realmente sozinho, pois, ainda que indiretamente, sempre há alguém colaborando de alguma maneira. Por isso, não deixarei de agradecer àqueles que marcaram esse processo de escrita tão importante para mim.

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida e pela força diária dada em resposta às minhas muitas orações.

Agradeço à minha família, de perto e de longe, pois me apoia, estendendo a mão nos momentos de necessidade, e acredita nos meus sonhos, levando-os a sério. Dentre os meus, dois merecem um agradecimento especial. Meu esposo Irandy, que demonstrou amor, compreensão e companheirismo nesses dois anos de estudos, realizando sempre o que estava ao seu alcance para que eu pudesse continuar a minha jornada. E minha filha Cecília, que abriu mão, muitas vezes, da minha presença unicamente em respeito ao meu trabalho de pesquisa. Sua compreensão, sendo ainda tão jovem, demonstrou um amor que as palavras não podem declarar. Muito obrigada a vocês, meus amores!

À minha orientadora Avaneite, por me acompanhar nesse processo, dando-me o apoio necessário para prosseguir.

À minha coorientadora Adriana, por me mostrar caminhos possíveis e por abrir a porta do seu universo de saberes quando eu precisava do seu olhar de feminista.

Às professoras que compuseram a minha banca de qualificação, Maira e Núbia, pelo direcionamento em um momento tão necessário ao prosseguimento da pesquisa.

Ao professor Marcus e, novamente, à professora Núbia, por terem aceitado integrar a minha banca de defesa e por terem engrandecido esse trabalho com suas contribuições.

A todos os meus colegas de mestrado, pelo companheirismo nas situações de dúvida. Em especial, àquelas que foram não só colegas, mas agora amigas, Clélia, Elisabeth e Roseli, que se mostraram predispostas e preocupadas nas situações que exigiam muito de nós. São pessoas que ganhei de presente e vou levar para a vida!

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, através do Programa de Pós-Graduação em Letras, pela alta qualidade do mestrado, com professores comprometidos e, além de muito competentes, humanos!

*E não há mais
quem morda a nossa língua
o nosso verbo solto
conjugou antes
o tempo de todas as dores.*

*E o silêncio escapou
ferindo a ordenança
e hoje o anverso
da nudez é a nudez
do nosso gritante verso
que se quer livre.
(Conceição Evaristo,
Poemas da recordação e outros movimentos)*

RESUMO

A nação brasileira foi estruturada sob a égide do patriarcado e do escravagismo. Em decorrência disso, ainda na atualidade nos deparamos com uma sociedade sexista e racista. Desse modo, o espaço da mulher negra em nossa sociedade tem sido construído a duras penas e o modo como ela é representada nos meios de produção cultural colabora para a manutenção de estereótipos e concepções essencialistas de suas identidades. A escritora Conceição Evaristo, por meio de uma escrita literária engajada, não só abre espaço para que seja ouvida a voz das mulheres negras, como também as dignifica e as humaniza. Nesse sentido, essa pesquisa tem por objetivo investigar como a escrita de Conceição Evaristo transgride os imaginários sociodiscursivos da mulher negra, tomando por fonte o livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Para tanto, lançaremos mão de um estudo bibliográfico, no qual faremos uso do arcabouço teórico-metodológico da Semiologia, do linguista francês Patrick Charaudeau, partindo dos sujeitos da linguagem no discurso ficcional e, sobretudo, da sua teoria acerca dos imaginários sociodiscursivos; além de conceitos acerca da identidade, oriundos dos estudos culturais, propostos por Stuart Hall e Bhabha, por ser essa uma questão bastante perceptível nos contos do livro escolhido para a investigação. O *corpus* de análise é composto pelos contos *Isaltina Campo Belo*, *Mary Benedita* e *Saura Benevides Amarantino*, sendo, portanto, um recorte, dada a extensão da nossa fonte. Para que a análise dessa materialidade seja realizada, serão necessários, além dos contos, elementos paralinguísticos, como textos que abordam o conceito de “escrevivência” da própria Conceição Evaristo, depoimentos e entrevistas cedidas pela autora, assim como outros autores que discutam aspectos relacionados às representações das mulheres negras, tanto no âmbito literário, como no âmbito social. O texto chega à conclusão de que a escrita evaristiana transgride os imaginários sociodiscursivos das mulheres negras através da construção de personagens que rompem com os modelos instituídos na memória coletiva da sociedade brasileira, propondo ressignificações capazes de revelar a existência de novas representações dessas mulheres, num movimento de desessencialização identitária.

Palavras-chave: Imaginários sociodiscursivos. Conceição Evaristo. Mulheres Negras. Sexismo. Racismo. Identidades.

ABSTRACT

The Brazilian nation was structured under the aegis of patriarchy and slavery. As a result, we are still faced with a sexist and racist society today. In this way, the space of black women in our society has been built with great difficulty and the way in which she is represented in the means of cultural production contributes to the maintenance of stereotypes and essentialist conceptions of their identities. The writer Conceição Evaristo, through engaged literary writing, not only paves the way for the voice of black women to be heard, but also dignifies and humanizes them. In this sense, this research aims to investigate how Conceição Evaristo's writing violates the sociodiscursive imaginary of black women, based on the book *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. For that, we will make use of a bibliographic study, in which we will make use of the theoretical-methodological framework of Semiolinguistics, by the French linguist Patrick Charaudeau, starting from the subjects of language in fictional discourse and, above all, from his theory about sociodiscursive imaginary; in addition to concepts about identity, coming from cultural studies, proposed by Stuart Hall and Bhabha, as this is a very noticeable issue in the stories of the book chosen for the investigation. The corpus of analysis composed by the short stories *Isaltina Campo Belo*, *Mary Benedita* and *Saura Benevides Amarantino*, being, therefore, an excerpt, given the extent of our source. For the analysis of this materiality to be carried out, in addition to the short stories, parallel linguistic elements will be necessary, such as texts that address the concept of “writing” by Conceição Evaristo, testimonies and interviews provided by the author, as well as other authors that discuss aspects related to representations of black women, both in the literary and social spheres. The text concludes that the evaristian writing violates the sociodiscursive imaginary of black women through the construction of characters that break with the models established in the collective memory of Brazilian society, proposing resignifications capable of revealing the existence of new representations of these women, in a movement of identity desessentialization.

Keywords: Sociodiscursive imaginary. Conceição Evaristo. Black Women. Sexism. Racism. Identities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro.....	33
Figura 2 – Quadro dos sujeitos da linguagem.....	69
Figura 3 – Quadro proposto por Machado e Mendes.....	71
Figura 4 – Contrato de comunicação.....	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - CONCEIÇÃO EVARISTO, ESCRIVIVÊNCIA E A OBRA INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES.....	21
1.1 Vida e obra de Conceição Evaristo: a consagração de uma autoria feminina negra na literatura brasileira.....	23
1.2 O conceito de Escrivivência.....	29
1.3 A obra <i>Insubmissas Lágrimas de Mulheres</i>	32
1.4 Definição do <i>corpus</i> de análise.....	42
CAPÍTULO II - A TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA: REFERENCIAL TEÓRICO.....	44
2.1 O gênero conto.....	46
2.2 Entendendo a formação dos imaginários sociodiscursivos.....	50
2.3 A questão da identidade.....	56
2.3.1 A relação entre identidade, essencialização e imaginários sociodiscursivos.....	58
2.3.2 Outras considerações acerca da identidade.....	60
2.3.3 Identidade social e identidade discursiva na Teoria Semiolingüística.....	62
2.4 Os sujeitos da linguagem e o contrato de comunicação na Teoria Semiolingüística.....	65
2.5 Análise dos sujeitos da linguagem no discurso ficcional e o contrato de comunicação em <i>Insubmissas Lágrimas de Mulheres</i>	70
CAPÍTULO III UMA INTERPRETAÇÃO SEMIOLINGUÍSTICA DOS CONTOS ISALTINA CAMPO BELO, MARY BENEDITA E SAURA BENEVIDES AMARANTINO.....	75
3.1 A literatura canônica e o imaginário de mulher negra.....	75
3.2 Heterossexualização e Lesbianidade em <i>Isaltina Campo Belo</i>	83
3.3 Intelectualidade, Patriarcado e a Ressignificação do Sangue Menstrual em <i>Mary Benedita</i>	93
3.4 A questão da maternidade em <i>Saura Benevides Amarantino</i>	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS.....	121

INTRODUÇÃO

A nação brasileira foi estruturada sob a égide do patriarcado e do escravagismo. Em decorrência disso, ainda na atualidade nos deparamos com uma sociedade sexista e racista. Boa parte da população brasileira continua defendendo a ideia de que não existe racismo no Brasil, acreditando no mito da democracia racial que, por meio da ideia de miscigenação, acaba por negar a existência das desigualdades raciais. Como disse o sociólogo Carlos Hasenbalg (1987 *apud* CARNEIRO, 2011, p. 17), “esse mito resulta em uma poderosa construção ideológica, cujo principal efeito tem sido manter as diferenças inter-raciais fora da arena política, criando severos limites às demandas do negro por igualdade racial”. Essa mesma população aceita, com facilidade, a ideia da objetificação do corpo feminino através de músicas ou das peças publicitárias estampadas nas revistas, *outdoors*, ou nas telas da televisão, dos aparelhos eletrônicos que são suporte para as redes sociais e as páginas de internet. Outrossim, aceitam tacitamente o fato de mulheres receberem menores salários que homens, e/ou, ainda, a culpabilização da vítima nos casos de estupro e abusos sexuais. Há, ainda, quem defenda a tese de que as mulheres têm muito espaço de atuação no país, sob a alegação de que uma delas já foi eleita à presidência da República, o que por si só bastaria para provar que esse gênero não tem do que reclamar, já que possui voz e vez suficientes por aqui.

Nesse cenário de falsa igualdade fica muito mais difícil discutir temas como racismo e sexismo, pois se não existe discriminação, para que tocar no assunto? Entretanto, basta olhar com atenção ao nosso redor para notar que a ausência desses problemas é uma mera ilusão. Em meio às desigualdades sociais, lá no espaço reservado aos grupos subalternizados, na classe trabalhadora, em meio à população carente das comunidades, das favelas, dos bairros periféricos, vemos emergir com veemência as opressões de classe, raça e gênero. Temos então, nesse conjunto interseccionado, do qual emerge a questão da mulher negra no Brasil, a interconexão de vários sistemas de opressão.

Diariamente é possível encontrar notícias, nos mais diferentes meios de comunicação, de casos envolvendo abusos ou agressões a mulheres. É preocupante notar também o aumento das taxas de feminicídio. O Atlas da Violência de 2018 traz informações acerca dos casos de feminicídio no Brasil num período de 10 anos. O estudo divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública afirma que

Houve um aumento de 15,4% na taxa de homicídio de mulheres negras entre 2006 e 2016, passando de 4,6 para 5,3. Entre as mulheres não negras, que inclui brancas, amarelas e indígenas, o crescimento foi de 8%. Considerando apenas 2016, a taxa de homicídio de negras foi de 5,3, 71% maior do que a de não negras, que foi de 3,1 (MARQUES, 2018).

Esses dados revelam que as mulheres negras são as principais vítimas de violência no Brasil, fruto de uma organização social erigida sob o racismo, já que essas mulheres pertencem justamente aos grupos sociais marginalizados e habitam os espaços onde há maior incidência de violência. Desse modo, as taxas de feminicídio ora apresentadas servem como balizadores da existência (e persistência) tanto do sexismo, como do racismo no Brasil.

A estrutura social racista que ainda está presente na contemporaneidade é decorrente do um sistema colonial que, para escravizar os corpos negros dissolutamente, buscou, através de práticas e discursos, desumanizar e silenciar as populações negras. Segundo Homi Bhabha (1998, p. 111), “o objetivo do discurso colonial foi sempre apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução”. Dessa forma, o discurso colonial, possuidor do privilégio epistêmico, construiu estereótipos¹ embasados na cor da pele, o que levou a organização simbólica do mundo social a uma estrutura de representações sociais que marginalizou as pessoas negras, já que é “por meio das representações sociais que o indivíduo explica e justifica suas práticas sociais, suas normas e suas regras” (CHARAUDEAU, 2017, p. 575). Tais discursos foram reproduzidos ao longo da história e estão presentes nas narrativas ficcionais ou não, mantendo vivas no imaginário social as estereotípias que circulam como “verdades”.

Como se pode notar, dentre os inúmeros fatores que podem contribuir para manter vivo e atuante o racismo no Brasil estão as representações sociais em que as pessoas negras são veiculadas nos meios de produção cultural. E, devido ao fato de termos o patriarcado²

¹ No processo de construção da teoria dos imaginários sociodiscursivos, Charaudeau aborda a noção do termo estereótipo, que será a mesma adotada neste estudo toda vez que nos reportarmos a essa expressão. Desse modo, partimos da ideia de que os estereótipos estão no mesmo plano semântico dos chavões, dos lugares-comuns, dos preconceitos (CHARAUDEAU, 2017). Assim sendo, “deve-se conceder ao estereótipo a possibilidade de dizer qualquer coisa de falso ou verdadeiro, simultaneamente” e, por conta disso, “rejeita-se o estereótipo já que ele deformaria ou mascararia a realidade” (CHARAUDEAU, 2017, p. 573).

² Tomamos, neste trabalho, o conceito de patriarcado exposto no livro *Breve História do Feminismo*, de autoria Carla Cristina Garcia, como “forma de organização política, econômica, religiosa, social baseada na ideia de autoridade e liderança do homem, no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres; do marido sobre as esposas, do pai sobre a mãe, dos velhos sobre os jovens, e da linhagem paterna sobre a materna. O patriarcado surgiu da tomada de poder histórico por parte dos homens que se apropriaram da sexualidade e reprodução das mulheres e seus produtos: os filhos, criando ao mesmo tempo uma ordem simbólica por meio dos mitos e da religião que o perpetuam como única estrutura possível” (REGUANT, 1996 *apud* GARCIA, 2015, p. 16-17).

como um histórico sistema organizacional da sociedade, as mulheres negras sofrem diariamente o racismo e o sexismo, o que estampa representações cotidianas e persistentes que as empurram para as margens, pois são sempre vistas como servis e despidas de humanização, remetendo a um passado escravista. Sintomaticamente, os efeitos dessas representações mantiveram-nas silenciadas em um lugar de subalternidade.

A literatura, como produto cultural, constitui-se como espaço para configurações de imaginários sociodiscursivos. Para Leenhardt (1998), o texto literário teria sua significância social pelo fato de se constituir um importante meio de que dispõe o indivíduo para estabelecer suas relações imaginárias com os demais componentes do grupo ao qual pertence. Além disso, ainda segundo o autor, a literatura se constitui como uma das tantas formas de manifestação de valores, crenças, regras e mitos. Desse modo, o texto literário contribui para dar forma aos imaginários presentes na memória coletiva. São eles os imaginários sociodiscursivos, conceituados por Patrick Charaudeau, linguista francês fundador da teoria de análise de discurso Semiolinguística, que permeiam essa memória coletiva do povo brasileiro e que serão abordados neste estudo. Nesse âmbito, Charaudeau (2017) elucida que os imaginários sociodiscursivos nascem a partir da mecânica das representações, a qual constrói a significação sobre os objetos do mundo como um modo de apreender o próprio mundo. Ou seja, por serem estruturas formuladas a partir das representações sociais, reproduzem os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante (em palavra). As representações são o resultado, portanto, de um processo de (re)simbolização do mundo, estando depositadas na memória coletiva. Entretanto, não podem ser confundidas com o estereótipo, pois não se trata de criar discursos falsos, ou falaciosos, mas de expor uma realidade, que se concretiza no mundo do dizer (do discurso).

Direcionando o olhar para a literatura canônica brasileira, é notável a predominância autoral branca e masculina. Ora, como então esperar dela um espaço para manifestação de imaginários sociodiscursivos das mulheres negras que fuja à regra do racismo e do sexismo? Conforme Schmidt (1995, p. 35)

[o]s esquemas representacionais do ocidente, disseminados nas práticas culturais e discursivas foram concebidos e construídos a partir da centralidade e da visão soberana de um único sujeito, flexionado pela cor, branco; pelo gênero, masculino, o sujeito da representação por excelência.

No contexto literário, de modo genérico, a mulher negra vem sendo representada como a ama de leite/mãe preta, a mulata sensual, a negra servil. Não foge à regra do que afirma a intelectual negra estadunidense bell hooks³ (1995, p. 468) acerca do modo como a mulher negra é vista pelos ocidentais: “ela é símbolo quintessencial de uma presença feminina ‘natural’, orgânica, mais próxima da natureza, animalística e primitiva”. Um pensamento racista e estereotipado elaborado ainda no período da escravidão e que se perpetua até os nossos dias.

Dado esse contexto de exclusão e opressão das mulheres negras, que se mantém ativo hodiernamente, e tendo a literatura como espaço privilegiado para a manifestação de imaginários sociodiscursivos, percebemos a necessidade de um trabalho de pesquisa voltado para o âmbito literário. Foi justamente refletindo acerca desse contexto que eu, como professora de Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica, percebi que as aulas de Literatura deveriam contribuir para favorecer a disseminação de um pensamento anti-hegemônico, antirracista e antimisógeno. A percepção da necessidade dessa postura educacional surgiu em 2013, quando fui apresentada, por meio de um minicurso de extensão promovido pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia, às Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. O documento foi proposto para cumprir a pauta de políticas afirmativas adotadas pelo então governo federal, que, conforme está posto no documento, estava comprometido em instituir e implementar “um conjunto de medidas e ações com o objetivo de corrigir injustiças, eliminar discriminações e promover a inclusão social e a cidadania para todos no sistema educacional brasileiro” (BRASIL, 2004, p. 5). Nessas diretrizes encontra-se a lei 10.639/03, que institui o ensino sistemático de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, referindo-se, em especial, aos componentes curriculares Educação Artística, Literatura e História do Brasil.

Tais diretrizes nos convidam a problematizar saberes e fazeres instituídos, na perspectiva da descolonização do pensamento⁴, a partir da qual nossas percepções e representações sobre o mundo e sobre o Outro são ressignificadas por meio da análise do processo de construção das diferenças. Assim, como docente em uma das áreas citadas no

³ A autora Gloria Jean Watkins optou por adotar o nome “bell hooks”, em minúsculo, desafiando as convenções linguísticas e acadêmicas, por querer dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa. O nome adotado foi inspirado em sua bisavó materna, Bell Blair Hooks.

⁴ “Os trabalhos e as obras de Gonzalez também têm como proposta a descolonização do conhecimento e a refutação de uma neutralidade epistemológica.” (RIBEIRO, 2017, p. 27) Assim, temos atualmente inúmeros pensadores, incluindo feministas, que buscam uma mudança de mentalidade social a partir de epistemologias que rompam em definitivo com o pensamento colonial.

documento, refleti acerca do papel da literatura e em como, por meio dela, os imaginários sociodiscursivos são difundidos. Desse modo, agora, na oportunidade de desenvolver uma pesquisa *strictu sensu*, por permanecer imersa no campo educacional e por perceber a presença de um cenário social ainda racista, e, somado a isso, por presenciar o crescente número de atos de violência praticados contra as mulheres, sobretudo as negras, além do fato de notar que as desigualdades sociais persistem apontando a presença de uma maioria afro-brasileira em posição de subalternização, decidi realizar minha pesquisa exatamente levando em consideração esse contexto.

Para a realização da pesquisa, decidi, então, direcionar o olhar para a literatura brasileira contemporânea e, assim, percebi que tem ganhado destaque a escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, por garantir representatividade às populações negras brasileiras ao produzir obras que possibilitam a manifestação das vozes das mulheres negras no nosso contexto literário. Nesse sentido, vi na escrita dessa autora um campo de pesquisa: um espaço para investigação que poderá conduzir a um novo olhar sobre o texto literário.

Maria da Conceição Evaristo produz uma obra literária que parte de sua “escrevivência” - designação elaborada por ela mesma, cujo conceito se constrói com base em sua experiência de vida e em sua posição/atuação no mundo. Evaristo chegou a concorrer a uma vaga na Academia Brasileira de Letras em 2018, dada a riqueza de sua obra marcada por um discurso que não só traz à tona questões étnico-raciais, mas que, sobretudo, confere às mulheres e aos homens negros uma visibilidade despida de estereotipizações - algo que lhes foi negado por séculos de discriminação.

Autora de vários romances, ensaios, artigos e poemas, Conceição Evaristo já tem muitos textos publicados fora do Brasil, assim como nos Estados Unidos, na Alemanha, na Inglaterra e na África do Sul, apenas citando alguns países. O livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, publicado em 2016 pela editora Malê, já em sua segunda edição⁵, conta com treze contos, dentre os quais três são o nosso objeto de análise no presente estudo. A escolha desse livro como fonte para o recorte do nosso *corpus* de análise se deu por ser essa uma obra totalmente protagonizada por mulheres, o que evidencia o compromisso da autora com uma escrita gendrada, marcadamente comprometida com a representatividade das mulheres negras no âmbito literário brasileiro.

Como mulher negra, oriunda da periferia, por meio de sua escrevivência ela se posiciona como uma voz que habitou no espaço de subalternidade, e acaba por demonstrar em

⁵ A primeira edição do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* foi publicada em 2011 pela editora Nandyala.

sua escrita como é a vida nesse espaço. Como intelectual, visto ser ela uma mulher circunscrita no âmbito acadêmico, a autora procura criar espaços e condições de autorrepresentação novamente lançando mão da escrevivência, além de questionar os limites representacionais por meio de seus textos, tanto acadêmicos como literários, que objetivam problematizar os imaginários sociodiscursivos postos, sobretudo na literatura brasileira, dando visibilidade a esses grupos. E mais que isso: através de uma escrita que transgride os imaginários, fundamentados em estruturas rígidas de representação das mulheres negras, a autora revela a diversidade de identidades que a memória coletiva brasileira frequentemente ignora, apaga ou silencia.

Além da presença do protagonismo feminino negro, outro elemento comum a todos os enredos de *Insubmissas Lágrimas* é a marca da violência e/ou do sofrimento vivenciados pelas protagonistas. Seja uma violência física ou psicológica, exposta ou velada, é inegável a percepção de que esses contos revelam sofrimentos que foram impostos violentamente a essas mulheres. O livro *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*, organizado por Constância Lima Duarte (2016), traz vários ensaios nos quais se discute a questão da violência na obra da autora. Assim, apesar dessa temática estar muito explícita no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, percebemos outro elemento também comum a todos os enredos da obra. Trata-se da evocação, por meio do discurso, dos imaginários sociodiscursivos difundidos socialmente acerca das mulheres negras. Esses imaginários, ao serem evocados, ora são apenas revelados, ora são questionados, ora são transgredidos e ora são ressignificados. Diante desse quadro, o que faremos na análise dos contos dessa obra é justamente investigar como a escrita de Conceição Evaristo transgride os imaginários sociodiscursivos da mulher negra, pois compreendemos que uma sociedade sexista e racista se pauta em discursos igualmente sexistas e racistas, fundamentados em imaginários sociodiscursivos que foram estruturados por meio de séculos de práticas sociais preconceituosas, machistas e colonialistas. Assim, para que haja uma mudança de mentalidade social, existe a necessidade de se ressignificar discursos, visto que são estes aquilo que molda a nossa maneira de pensar o mundo e as relações existentes nele.

Quanto ao recorte, a escolha dos contos, a saber, *Isaltina Campo Belo*, *Mary Benedita* e *Saura Benevides Amarantino*, deu-se a partir da relevância social das temáticas presentes neles, sobretudo, diante do atual contexto da sociedade brasileira, que tem vivenciado um período de retrocesso quanto à evolução do pensamento crítico, científico e intelectual. Para citar alguns, são temas como lesbianidade, patriarcado e amor materno. Tais temáticas têm

estado em evidência nas redes sociais e na mídia em geral, e causado muita controvérsia por revelar diferentes pontos de vistas, ora pautados em preconceitos e estereótipos, ora centrados em discursos teóricos e/ou científicos que estão associados à ideia de respeito às diferenças e à equidade social.

Assim, esta pesquisa tem como principal objetivo investigar como a escrita de Conceição Evaristo transgride⁶ os imaginários sociodiscursivos da mulher negra, tomando por fonte o livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Para tanto, lançaremos mão de um estudo bibliográfico, no qual faremos uso do arcabouço teórico-metodológico da Semiologia, do linguista Patrick Charaudeau, partindo dos sujeitos da linguagem no discurso ficcional e, em especial, da sua teoria acerca dos imaginários sociodiscursivos; além de conceitos acerca da identidade, oriundos dos estudos culturais, propostos por Stuart Hall e Bhabha, por ser essa uma questão bastante perceptível na obra em questão.

O uso da Teoria Semiológica se justifica por ela estudar ou analisar discursos sociais. É como afirma Machado e Mendes, no artigo *A análise semiológica: seu percurso e sua efetiva tropicalização*: “sempre levamos em conta, ao praticá-lo, das atitudes do sujeito-comunicativo face ao seu discurso, face ao mundo que o rodeia (o social) e face ao outro a quem a comunicação é dirigida” (MACHADO e MENDES, 2013, p. 3).

Falar em mulheres (negras) acaba nos remetendo a muitas ideias difundidas pelos movimentos feministas. Em decorrência disso, para respaldar algumas colocações que aparecerão nesta pesquisa, lançaremos mão de ideias oriundas de mulheres negras ou não, que escrevam sobre questões envolvendo raça e/ou gênero.

Assim, iniciamos dizendo que, no contexto dos feminismos negros, fala-se na descolonização do pensamento através da legitimação das vozes subalternizadas. Ao dar espaço para que as mulheres negras sejam ouvidas e seus saberes reconhecidos, busca-se destronar o privilégio epistêmico que está de posse do sujeito masculino e branco, a figura perene do colonizador. Nas palavras de Lélia Gonzalez⁷ (1984 *apud* RIBEIRO, 2017, p. 27):

Quem possui o privilégio social possui o epistêmico, uma vez que o modelo valorizado de ciência é o branco. A consequência dessa hierarquização legitimou a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno o que seria a exclusividade do que seria conhecimento válido inviabilizando assim outras experiências de conhecimento.

⁶ Tomamos o sentido do verbo transgredir em concordância com as acepções propostas pelo dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2011, p. 870), no qual o verbete *transgredir* significa passar além de; atravessar; ultrapassar o limite de algo; infringir; violar.

⁷ GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984. p. 225. Disponível em: <<https://goo.gl/VFdjdq>>. Acesso em: 25/09/2017.

Nesse sentido, tendo em vista que o livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* é totalmente protagonizado por mulheres negras, além de ter também autoria feminina negra, e pelo fato da escritora Conceição Evaristo demonstrar em suas entrevistas, bem como em sua obra como um todo, o compromisso para com a valorização das relações étnico-raciais, podemos afirmar que este estudo se situa no campo dos estudos culturais da decolonialidade, uma vez que o pensamento decolonial “se estabelece na perspectiva da reestruturação das nações africanas no âmbito da aquisição da consciência política de sua autonomia sociocultural de campo epistêmico legitimamente constituído” (REIS e ANDRADE, 2018, p. 3).

A partir desse contexto, levantamos como hipótese a ideia de que, ao dar espaço em sua escrita para a manifestação de vozes femininas negras, concedendo uma representação literária que dignificam suas histórias, Conceição Evaristo traz à tona imaginários sociodiscursivos das mulheres negras e os transgride com o objetivo de propor novas representações para esse grupo social, o que contribui para a quebra de paradigmas preconceituosos instalados na sociedade brasileira.

Nesse sentido, esta pesquisa está dividida em três capítulos. O primeiro, cujo título é *Conceição Evaristo, Escrivivência e a obra Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, contextualizará a produção literária de Conceição Evaristo, explicitando as especificidades dessa produção que levaram ao reconhecimento e à consagração da autora como representante da autoria feminina negra na contemporaneidade. Para tanto, rememoraremos a trajetória de vida da escritora, destacando os principais eventos que a conduziram a uma tomada de consciência de negritude e à dedicação a uma escrita que funde vivência e produção literária - a *escrivivência*. Ainda, discutiremos o conceito do termo *escrivivência* e, em seguida, abordaremos os principais aspectos da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, objeto de estudo deste estudo, determinando o recorte da obra que se constituirá como *corpus* de análise.

Seguindo para o próximo passo, o capítulo 2, *A Teoria Semiociolinguística: referencial teórico*, apresentará a base teórica que fundamenta a pesquisa. Assim, será exposto o que é o gênero textual conto, a Teoria Semiociolinguística e os sujeitos da linguagem no discurso ficcional, explicando de que forma os contos do livro se encaixam nessa teoria. De igual modo, trataremos da conceituação teórica do que são e de como são formados os imaginários sociodiscursivos, bem como faremos uma sucinta abordagem acerca da questão da identidade.

Adentrando mais fundo na pesquisa, teremos a *Uma interpretação semiolinguística dos contos Isaltina Campo Belo, Mary Benedita e Saura Benevides Amarantino*. Neste capítulo analisaremos de que maneira a escrita de Conceição Evaristo transgride os imaginários sociodiscursivos da mulher negra por meio dos contos selecionados. O primeiro passo para realizar essa análise será expor o modo como as mulheres negras vêm sendo representadas na literatura canônica, evocando imaginários sociodiscursivos que essencializam as identidades dessas mulheres. Em seguida, procederemos à análise do primeiro conto, *Isaltina Campo Belo*, na qual se observará a proeminência de duas temáticas a serem discutidas: a heterossexualização e a lesbianidade. O segundo conto, *Mary Benedita*, trará os temas intelectualidade, patriarcado e a ressignificação do sangue menstrual. Já no terceiro, teremos a questão da maternidade em *Saura Benevides Amarantino*.

E, finalmente, nas *Considerações Finais*, faremos a exposição das principais ideias discutidas neste estudo, e buscaremos evidenciar a resposta encontrada para o nosso problema de pesquisa apresentado nesta introdução. Além disso, deixaremos uma reflexão acerca de outras possibilidades de investigação que tomem por base o contexto ora apresentado.

CAPÍTULO I
CONCEIÇÃO EVARISTO, ESCRIVÊNCIA E A OBRA *INSUBMISSAS*
LÁGRIMAS DE MULHERES

Para alcançar nosso principal objetivo neste estudo, é necessário, além de trilhar um percurso teórico-metodológico, trazer informações específicas concernentes à proposta de pesquisa, colaborando para a elaboração de um raciocínio lógico/científico que dê conta da proposta. Diante disso, discutimos neste primeiro capítulo questões que visem a contextualizar a produção literária de Conceição Evaristo, explicitando as especificidades dessa produção que levaram ao reconhecimento e à consagração da autora como representante da autoria feminina negra na contemporaneidade. Com isto, é possível oferecer uma visualização contextual que justifique a escolha da autora para nossa pesquisa.

Assim, primeiramente, rememoramos a trajetória de vida da escritora, destacando os principais eventos que a conduziram a uma tomada de consciência de negritude e à dedicação a uma escrita que funde vivência e produção literária - a *escrevivência*. É importante, desde já, informar aqui que falar em Conceição Evaristo é falar em *escrevivência*. Essa categoria de escrita, criada por ela mesma, se embasa numa prática de produção escrita atrelada fortemente à sua condição de mulher negra na sociedade brasileira (EVARISTO, 2017a). Ou seja, sua obra literária manifesta a sua visão de mundo a partir das suas experiências particulares como mulher e como negra em uma sociedade sexista e racista. Seus enredos misturam ficção e realidade, e suas personagens estarão ancoradas em perfis possíveis de serem vistos no cotidiano.

Desse modo, não podemos confundir a escrita de Evaristo com o gênero autobiografia, por exemplo, pois este é um gênero literário no qual o autor narra sua própria história. Talvez, o gênero mais próximo dessa nova modalidade de escrita seja a *autoficção*⁸, por ser uma autoria fictícia, porém verdadeira – chamada de realidade autoral. A *autoficção* combina dois estilos, paradoxalmente contraditórios: o de autobiografia e o de ficção (DOUBROVSKY, 1977). No entanto, a *autoficção* é caracterizada, sobretudo, por contar a própria história do autor do texto de modo fictício (DOUBROVSKY, 1977), porém, não é exatamente isso o que acontece nos textos evaristianos. Conceição Evaristo conta histórias não apenas suas, ou que de alguma forma estejam relacionadas à sua vida em

⁸ Serge Doubrovsky (1977, capa) enuncia acerca das nomenclaturas autobiografia e *autoficção*: “Autobiografia? Não, esse é um privilégio reservado aos importantes desse mundo, ao fim de suas vidas, e em belo estilo. Ficção, de acontecimentos e fatos estritamente reais; se se quiser, *autoficção*, por ter confiado a viagem de uma aventura à aventura da linguagem, fora da sabedoria e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo”.

particular, mas sim histórias de outras pessoas que, por terem vivências parecidas com as suas, ou por serem situações que ela viu acontecer, ainda que não exatamente do mesmo modo, são histórias que se fundem e se confundem. Por isso, transmitem uma sensação de pertencimento.

Nesse sentido, Evaristo já declarou: “Estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas” (EVARISTO, 2016, p. 7). Isto é, uma escrita produzida a partir de um lugar de enunciação que é “/.../, sobretudo, o da vivência da experiência narrada e o quanto essas escritas negras e femininas encontram-se embaralhadas na tênue linha que tenta separar /.../ a realidade vivida, da ficção sonhada” (CORDEIRO; BARBOSA, 2015, p. 2).

Na sequência, abordamos os principais aspectos da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, objeto de estudo desta pesquisa. Tais aspectos foram determinantes para a escolha dessa coletânea de contos em meio a tantos outros textos circunscritos da obra de Evaristo. A autora escreveu outro livro de contos, *Olhos d'água*, que foi publicado em 2014, sendo este, inclusive, ganhador de um prêmio de literatura nacional, o que também contribuiu para a divulgação da sua obra. Em decorrência do sucesso dessa publicação, muitos pesquisadores debruçaram-se sobre o livro, estudando-o e discutindo as inúmeras temáticas nele presentes. No entanto, quando do momento da escolha de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* como nosso objeto de estudo, este não tinha ainda sido alvo de muitos estudos ou discussões, mas vimos nele uma gama muito vasta de questões a serem investigadas. Uma dessas questões que observamos foi o modo como a autora faz alusão aos imaginários sociodiscursivos das mulheres negras em suas narrativas. E, tratar dessa temática, além de ser algo inédito, é de grande importância, pois introduz discussões que perpassam as imagens e discursos que são difundidas em nossa cultura e que estão alocadas na memória coletiva do brasileiro acerca das mulheres negras. Assim, percebemos que investigar os imaginários sociodiscursivos na escrita evaristiana nessa obra específica é promover um debate social extremamente enriquecedor para a valorização e o reconhecimento das relações étnico-raciais em nossa sociedade.

Logo após, então, determinamos o recorte da obra que se constitui como *corpus* de análise. Nessa seção, explicamos o porquê da escolha dos três contos que serão analisados, bem como abordamos o recorte à luz da Semiologia, usando os termos específicos dessa teoria para se determinar um recorte textual de análise.

1.1 Vida e obra de Conceição Evaristo: a consagração de uma autoria feminina negra na literatura brasileira

Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre (EVARISTO, 2009)

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em uma favela (termo que ela prefere manter, em vez de comunidade, por entender que mudar a nomenclatura não muda a realidade) em Belo Horizonte, em 1946, e trabalhou como doméstica em sua cidade até seguir para o Rio de Janeiro, na década de 1970, onde encontrou o Movimento Negro e nele ingressou. Entretanto, a autora não se reconheceu como mulher negra apenas quando entrou no Movimento Negro, embora este fato tenha sido para ela um marco do seu engajamento na militância política. Desde a infância, ela afirma ter se percebido negra quando, ao ler sua certidão de nascimento, notou que a cor que lhe fora dada era a parda. “Impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia, sim, sempre soube que eu sou negra” (EVARISTO, 2010, p. 11).

A expressão “sempre soube que eu sou negra” de Evaristo remete à necessidade de compreensão de uma questão intrínseca aos movimentos negros contemporâneos – a ideia de consciência. Isso se dá porque, para que a luta anti-hegemônica se realize, é preciso que haja conscientização da população negra, a fim de que essas pessoas que pertencem a um mesmo contexto étnico, marcado pela exclusão, identifiquem seus interesses em comum. É por isso que, entre os militantes⁹, fala-se em tornar-se negro¹⁰, sendo isto decisivo para sua atuação política. Conceição Evaristo aborda essa questão relatando como se deu esse processo de conscientização de negritude:

⁹ Conforme definição apresentada no dicionário Aurélio, militante é um adjetivo comum de dois gêneros, oriundo das ciências sociais, e significa “1. Que, lutando, defende uma causa, uma ideia, um partido etc. 2. Que adere sem restrições a organização política, sindical, religiosa etc., e participa intensamente da vida dessa organização. 3. Pessoa militante” (FERREIRA, 2011, p. 595). No contexto em que o termo militante aparece no texto, significa aquela pessoa que aderiu ao movimento, defendendo e disseminando os ideais propostos pelo grupo e atuando no sentido de resistir às imposições ideológicas e culturais que estejam em dissonância com o que o movimento acredita.

¹⁰ Segundo Neuza Santos Souza, escritora, psiquiatra e psicanalista, autora do livro *Tornar-se Negro*, “ser negro é tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, *a priori*, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro” (SOUZA, 1983, p. 77).

Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no curso primário experimentei um ‘apartheid’ escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o curso primário, quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios (EVARISTO, 2010, p. 13).

Estar habitando sempre lugares inferiores aos lugares ocupados pelos brancos, como os “porões da escola”, remete, como ela mesma pontua, à permanência da população negra no mesmo lugar de escravidão do passado, apesar de a abolição já ter ocorrido há mais de dois séculos. Percebe-se, também, que essa consciência está associada à sua condição de classe subalternizada quando diz “a nossa condição de negros pobres”. Sobre essa constatação, a intelectual ainda afirma que “sua relação com a literatura passa pelas cozinhas alheias”, pois eram domésticas as mulheres de sua família, e mais: “gosto de brincar muito que a relação minha com a literatura parte desse lugar de subalternidade” (EVARISTO, 2010, p. 14-15).

Ao falar acerca de como se deu sua paixão pelas palavras que a conduziram, com o tempo, ao universo da literatura, a autora relata:

Minha mãe, tias e primas trabalharam em casas de grandes escritores mineiros ou nas casas de seus familiares. Digo mesmo que o destino da literatura me persegue... Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. (...) Tínhamos sempre em casa livros velhos, revistas, jornais. Lembro-me de nossos serões de leitura. Minha mãe ou minha tia a folhear conosco o material impresso e a traduzir as mensagens. E eu, na medida em que crescia e ganhava a competência da leitura, invertia os papéis, passei a ler para todos. Ali pelos meus onze anos, ganhei uma biblioteca inteira, a pública, quando uma das minhas tias se tornou servente daquela casa-tesouro, na Praça da Liberdade. Fiz dali a minha morada, o lugar onde eu buscava respostas para tudo (EVARISTO, 2010, p. 15).

Assim, Evaristo alia seu fascínio e encantamento pelas palavras a uma consciência identitária, que imbricadas com sua criatividade poética, deram lugar a uma escrita emancipadora das pessoas negras, sobretudo das mulheres, encontrando espaço de maior

visibilidade e expressividade no âmbito da literatura brasileira. Teoria que salvou bell hooks¹¹, assim como salvou Evaristo.

Saindo da infância da autora, uma vez tendo já construída em si uma consciência identitária de negritude, ela segue sua vida. Apesar de ter sempre se mantido ativa na busca pela afirmação e valorização da cultura afro-brasileira, a escritora relata, em entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado, em 2009, que considera seu ingresso no Movimento Negro, no início da década de 1970, como marco efetivo do seu engajamento na militância política:

Marca mesmo essa visão pra mim de Movimento Negro como luta coletiva. [A partir] daí é que eu vou descobrir a cultura negra. Aqui no Rio de Janeiro que eu vim conhecer candomblé, porque lá em Minas eu não conhecia, nós somos extremamente católicos (cf. MACHADO, 2014, p. 252).

Na década de 1980, Evaristo fez parte do grupo Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo e concluiu o curso de Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo Machado:

É possível dizer que a trajetória de Conceição Evaristo acompanha, em linhas gerais, as mudanças observadas no Movimento Negro contemporâneo. Após uma militância mais “direta” no grupo Negrícia, nos anos 1990 Conceição Evaristo se dedica à realização de seu mestrado em literatura brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), engrossando as fileiras de intelectuais negras/os que produzem conhecimento acadêmico contra-hegemônico nas universidades brasileiras. Sua dissertação, intitulada *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (Evaristo, 1996), mostra-se uma reflexão acadêmica crítica – em primeira pessoa – sobre a produção literária das/os escritoras/es negras/os brasileiras/os (MACHADO, 2014, p. 254).

Ou seja, o ativismo negro da escritora manteve laços com sua formação acadêmica, sendo, inclusive, essa relação com o Movimento Negro uma espécie de propulsão para que ela se mantivesse no âmbito acadêmico, já que ela mesma afirma que “/.../ mesmo quando as pessoas advogam que a academia não é um lugar de militância, ela é um lugar de militância. O intelectual está ali, os professores estão ali militando de alguma forma. Ou a favor do status quo ou contra, ou [ainda] por omissão” (cf. MACHADO, 2014, p. 254).

Com o pensamento de que o espaço acadêmico também poderia ser um campo para a luta política, já que, segundo ela “esse saber te legitima, para você ser uma difusora do saber” (cf. MACHADO, 2014, p. 255), Conceição Evaristo realizou seu doutorado na Universidade

¹¹ Conforme a autora vai elucidando no decorrer de sua obra *Ensinando a transgredir* (2013), revelando o modo como a teoria a salvou em um mundo sexista e extremamente racista. (HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir** – a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.)

Federal Fluminense, em Niterói, onde defendeu a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (defendida em 2011), na qual estudou as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto L. Dessa forma, num espaço de maior legitimidade, a autora continuou a defender seus ideais através da sua escrita, quer fossem literários ou teóricos.

Portanto, mediante sua trajetória, vemos que Evaristo se dedicou à escrita literária e hoje já possui reconhecimento acadêmico pela qualidade e representatividade de suas obras. Possui inúmeras antologias e textos traduzidos para o inglês, que são estudados fora do país¹². Seu primeiro romance a ser publicado foi *Ponciá Vivência*, em 2003, pela editora Mazza. Em 2004, essa obra passou a integrar a bibliografia do vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais. Em 2007, *Ponciá Vivência* foi traduzido para o inglês, dada tão grande aceitação pelo público norte-americano do conto *Ana Davenga*, publicado anteriormente numa coletânea intitulada *Fourteen female voices from Brazil*.

Em 2006, foi publicado *Becos da Memória*; em 2011, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*; em 2014, a obra *Olhos d'água*, livro que recebeu o Prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas”. Já em 2016, lança mais um volume de ficção, *Histórias de leves enganos e parecenças*.

Nos últimos anos, três de seus livros, que continuam recebendo novas edições no Brasil, foram traduzidos para o Francês e publicados em Paris pela editora Anacaona. Em 2017, o Itaú Cultural de São Paulo realizou a Ocupação Conceição Evaristo contemplando aspectos da vida e da literatura da escritora. No contexto da exposição, foram produzidas as *Cartas Negras*, retomando um projeto de troca de correspondências entre escritoras negras iniciado nos anos noventa. Em 2018, a escritora recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra (LITERAFRO, 2009).

Vale ressaltar que toda essa obra não foi construída da noite para o dia. Além disso, não foi uma tarefa fácil, visto que, como Conceição Evaristo já afirmou em entrevistas, assim como escrever, publicar é um ato político. Isso se dá por causa da existência de um racismo estrutural¹³ em nossa sociedade que, certamente, reflete-se em todas as áreas e segmentos

¹² Dentre elas, estão: *Cadernos Negros 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 25, 26, 28 e 30*; *Vozes mulheres – mural de poesias* (1991); *Gergewart* (1993); *Moving beyond boundaries. International Dimension 27 of Black Women's Writing* (1995); *Finally US. Contemporary Black Brazilian Women Writers* (1995); e *Callaloo, vol. 18, number 4* (1995). Possui dois ensaios: *Literatura negra: Uma poética de nossa afrobrasilidade*. (1996), apresentado inicialmente como dissertação de mestrado (cursado na PUC – RJ); e *Da grafia desenho* (2007).

¹³ O racismo é “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos

sociais, inclusive no mercado editorial. Todavia, a obra dessa autora se encontra cada vez mais em evidência. Isso se dá pela sua valiosa escrita que, além de ser capaz de encantar, envolver e seduzir o leitor, ainda é capaz de promover reflexão e contribuir para uma luta política de valorização da população negra brasileira, colocando-a numa posição de protagonista de sua história e retirando-a de um lugar de silenciamento.

Conceição Evaristo afirma que, desde a graduação, já vinha observando como o negro era representado na literatura. E, ao dar prosseguimento aos seus estudos, percebeu que poderia fazer uso do seu conhecimento para produzir um pensamento crítico acerca desse assunto para, através da criação literária, tirar a mulher negra, em especial, de um espaço de representações marginalizadas, perpassadas por estereótipos e de silenciamento. A esse respeito, em entrevista à Revista Conexão Literatura, questionada se pensa em um público-alvo específico quando escreve, ela responde:

O meu grande desejo é que a minha escrita pudesse chegar até às pessoas que me inspiram. E isso só seria possível se a ferramenta da leitura pertencesse a todas as classes sociais, se os livros e outros bens culturais estivessem disponíveis para todas as pessoas. Há um público ávido por textos que se distanciem o mais possível da forma estereotipada de composição das personagens negras na literatura brasileira. Pensando primeiramente nesse público que busca textos que trazem identificações afirmativas, positivas, mesmo que atravessadas pela dor, de nossa condição de descendentes de povos africanos, que a minha escrita se dirigiu primeiro (cf. PASQUALE, 2017).

A possibilidade de essa escrita chegar às mulheres que precisam se ver representadas de outras maneiras motiva a escrita de Evaristo, porque são essas mesmas mulheres as que mais anseiam por um olhar diferente. O desejo central da autora é de que suas produções possam ser lidas por todas as pessoas que sofram de alguma forma de exclusão, mas também por todos que assim desejem:

Registro que o primeiro espaço de recepção de minha escrita foi dentro do Movimento Social Negro e todas as pessoas, não só negras, e que são atentas e sensíveis para os modos de relações raciais na sociedade brasileira. (...) Hoje, eu poderia dizer que escrevo para quem quiser me ler, mas com particular atenção para quem sofre por um motivo ou por outro, qualquer forma de exclusão, marcado pelo fato de ser negro, mulher, pobre, ter uma opção sexual diferenciada do que a sociedade espera... Cuido para que essas pessoas, muitas vezes agredidas em suas identidades, percebam personagens tão humanas quanto elas (cf. PASQUALE, 2017).

dependem do grupo racial ao qual pertençam. O racismo é estrutural porque integra a organização econômica e política da sociedade” (ALMEIDA, 2018, p. 25).

Mesmo que a escrita de Conceição Evaristo seja projetada, *a priori*, para a recepção por parte dos grupos sociais que são colocados social, político e economicamente em um lugar de marginalização, ou que, de alguma maneira, são oprimidos, cabe salientarmos que a expansão do público leitor de uma literatura como a desta escritora é um dos passos a ser dado para dar prosseguimento à luta, cujo objetivo é fazer com que as vozes dos afro-brasileiros, principalmente, das mulheres negras, ecoem e sejam ouvidas por todos, em diferentes lugares, a fim de, gradativamente, serem incorporadas à nossa memória coletiva, constituindo-se em novos imaginários. Na Teoria Semiolinguística, esse público leitor, que está posicionado como receptor na situação de comunicação, equivale ao que Charaudeau denominou de TU Interpretante (TUi), conforme veremos pormenorizadamente no próximo capítulo.

Além disso, em inúmeras entrevistas concedidas pela autora, ela demonstra ver na escrita um espaço para a reverberação de vozes silenciadas de grupos que tiveram as identidades agredidas: “Esses grupos que tiveram suas identidades agredidas ou negadas têm na literatura um espaço de recuperação, de afirmação” (cf. MARTINEZ, 2019). Em decorrência disso, além de se comprometer com uma escrita literária que garanta um espaço para representações dignas, sobretudo, das mulheres negras, Conceição Evaristo atua no sentido de ajudar novos escritores negros a ganharem aceitação por compreender a importância do discurso e da linguagem para a estruturação cultural que determina o modo como os grupos humanos veem um ao outro, bem como por reconhecer que o processo de construção de novos pensamentos se dá de modo paulatino e que todo o esforço em conjunto é que determinará o sucesso da missão, do propósito dar visibilidade a essas vozes.

Tudo é construído paulatinamente. Cada escritor negro que se apresenta, que fala de seu processo criativo e do seu entendimento de literatura só faz com que a Literatura Nacional ganhe. A gente vai forçando uma marca, assim como a autoria indígena faz e como a literatura homoafetiva faz. Essa última, por exemplo, vai construindo outras formas de relacionamento que vão inclusive desconstruir uma literatura que traz um imaginário heteronormativo (cf. MARTINEZ, 2019).

Portanto, ao levarmos em consideração a trajetória de vida de Conceição Evaristo, compreendemos que a autora escreve suas obras literárias com um compromisso artístico, político e social por meio da quebra de paradigmas representacionais reveladores de imaginários sociodiscursivos, que por sua carga de significação, colaboram para subjugar os afro-brasileiros, com ênfase na mulher negra, mantendo-os num espaço de subalternidade instituído desde o período da escravidão. Ademais, promove, por meio de sua autoria, a possibilidade de uma veiculação de novos imaginários sociodiscursivos, numa escrita

protagonizada por pessoas negras que, por muito tempo, foram representadas nos meios de produção cultural despidas de humanização ou foram invisibilizadas. Em sua escrita, Evaristo abre um espaço para que seja audível as vozes daqueles que se veem emudecidos por uma sociedade heteropatriarcal e racista, que relega às margens todos aqueles cujas identidades não possuem reconhecimento nesses modelos de organização de pensamento.

1.2 O conceito de Escrevivência

Quando eu penso escrevivência, eu penso numa imagem que seja capaz de borrar esta [a de mãe preta]. A autoria das mulheres negras não é para adormecer os da casa-grande. Pelo contrário: é para incomodá-los nos seus sonos injustos (EVARISTO, 2009).

O termo “escrevivência”, cunhado por Conceição Evaristo para nomear sua escrita literária, por si só já é sugestivo e instigador. A princípio, este termo habita o campo dos neologismos, já que é uma palavra nova criada por um usuário da língua para satisfazer uma necessidade contextual de comunicação. É sabido dos leitores de textos literários que muitos autores criam novas palavras. Isso faz parte, inclusive, da sua prática poética de produção de textos, por ser algo instigador da imaginação e da reflexão no ato da leitura, ou pelo fato de o léxico, por mais amplo que seja, ser insuficiente para expressar tudo o que se deseja. Fazer uso da criação de novas palavras na escrita literária é um importante recurso expressivo e amplificador de significações.

Segundo Margarida Basílio (2003), um neologismo geralmente é criado a partir de processos já existentes da língua, como a justaposição, a prefixação, a aglutinação, a verbalização e a sufixação. No caso da palavra “escrevivência”, notamos que o processo empregado foi de composição por aglutinação, que ocorre quando duas palavras se fundem havendo troca ou supressão de fonemas (BASÍLIO, 2003), exatamente como acontece com o termo em análise; há uma interseção no ponto em que termina a palavra “escrever” e inicia a palavra “vivência”. Ocorre, portanto, a junção do verbo “escrever” com o substantivo “vivência” (do verbo “vivenciar”, formado por meio de uma derivação regressiva deverbal). Assim, podemos pensar no substantivo “escrevivência” como construído pelo viés de uma ação: a de escrever a partir de uma vivência.

Nesse sentido, é possível perceber que se trata de uma escrita que se funde com a própria vida, o que pode ser considerada, nas palavras da autora, um depoimento.

Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu- agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se con(fundem), sigo eu nessa escrevivência a lembrar de algo que escrevi recentemente: “O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia...” (cf. DUARTE, 2010, p. 17).

A partir dessa declaração, fica evidente que essa escrita – a escrevivência – é marcada pelo lugar que Conceição Evaristo ocupa no mundo, embasada em uma identidade feminina e negra, ou seja, nas palavras da autora, em sua “condição étnica e de gênero, ainda acrescida de outras marcas identitárias” (PEREIRA, 2007, p. 285). Em entrevista concedida a Eduardo de Assis Duarte (2011, p. 115), Evaristo afirma que “o ponto de vista que atravessa o texto e que o texto sustenta é gerado por alguém. Alguém que é o sujeito autoral, criador/a da obra, o sujeito da criação do texto” e, nesse sentido, ela diz que quando escreve, ela é “eu-sujeito a criar um texto” de modo que todas as características inerentes à sua existência e posição no mundo, como a sua condição de mulher negra, viúva e professora oriunda das classes populares, além do fato de ser mãe de uma menina especial, constituem-se como condições influenciadoras tanto da elaboração de suas narrativas como da concepção das personagens e, até mesmo, das opções de linguagem a partir de uma história, de uma experiência pessoal que ela denomina de intransferível (cf. DUARTE, 2011).

A autora propõe uma produção escrita “contaminada pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2017a.). Ou seja, escreve levando em consideração suas experiências como mulher negra no Brasil. Inclusive, estar nessa condição de mulher negra é estar sujeita tanto ao racismo, quanto ao sexismo e, se a condição socioeconômica dessa mulher é desfavorável, ela poderá estar sujeita aos preconceitos de classe.

Para explicar o porquê de uma escrita fundada em sua “escrevivência”, Conceição Evaristo traz à tona a existência de um contexto histórico que precisa ser revisto e ressignificado. Ela então parte de uma metáfora, a da “mãe-preta” que contava histórias para ninar os filhos dos senhores de escravos.

Este termo nasce fundamentado no imaginário histórico que eu quero borrar, rasurar. Esse imaginário traz a figura da “mãe preta” contando histórias para adormecer a prole da Casa Grande. E é uma figura que a literatura brasileira, principalmente no período Romântico, destaca muito. Quero rasurar essa

imagem da “mãe preta” contando história. A nossa “escrevivência” conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande (EVARISTO, 2017a).

Como se pode notar, as criações literárias da autora propõem inquietar a classe dominante numa sociedade que usufruiu (e por que não dizer, ainda usufrui) dos serviços da “mãe preta” como escrava doméstica¹⁴, que era obrigada a viver em função dos seus senhores. Essa “mãe preta” é a mulher negra, sem direito a manifestar seus próprios anseios, ou de se ver representada dignamente. Suas histórias eram contadas apenas para ninar a prole da Casa Grande. Entretanto, o espaço que as mulheres negras exigem hoje é o de protagonistas de sua própria história, seja, como afirmou Evaristo, por meio de uma escrita que as representem de modo particular, seja coletivo, o importante é que elas estarão assumindo seu lugar no mundo, seu direito à fala, e, com isso, acordando os da “Casa Grande” dos seus “sonos injustos”.

A autora objetiva, pois, “rasurar essa imagem de mãe preta contando história” e isso se dá através de narrativas que, ao inserir a mulher negra em novas cenas representacionais, acaba por rasurar, questionar e suplantar essa imagem reducionista que habita o imaginário da população brasileira. Até porque, se hoje, a maior parte da população negra ainda ocupa postos de trabalho voltados para a força bruta, para a informalidade, ou para a prática de serviços domésticos, isto é, pertencem às classes sociais subalternizadas, é porque não foram dadas as mesmas oportunidades de crescimento e ascensão a esse grupo social. Entretanto, isso não significa que as pessoas negras não possam ser representadas de outras formas, ressaltando suas subjetividades, ou sendo protagonistas de suas histórias, pois resgatar esse direito a variadas formas de representação é resgatar humanidades negadas.

Lendo escrevivências, o leitor não vai encontrar romantizações exacerbadas ou idealizações inalcançáveis. Assim, garantir um espaço para as vozes silenciadas não implica falsear realidades, ou transformar os sujeitos em seres extraordinários para criar “heróis”. O que essa escrita faz é garantir espaços de representações sem estereótipos; é permitir que novos protagonistas surjam expressando suas idiosincrasias; é desvelar narrativas escondidas por opressões de gênero, raça e classe. Por isso, é dos bairros periféricos, das vilas e ou das favelas que emergem enredos encenados em ambientes de pobreza, de marginalidade social.

¹⁴ Segundo pesquisa desenvolvida pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social, em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), de 2016, 39,6% das mulheres negras estão inseridas em relações precárias de trabalho, seguidas pelos homens negros (31,6%), mulheres brancas (26,9%) e homens brancos (20,6%), sendo que as mulheres negras eram o maior contingente de pessoas desempregadas e/ou colocadas no trabalho doméstico (IPEA, 2016).

Os protagonistas podem ser favelados, crianças ou adultos moradores de rua, prostitutas, mulheres jovens ou idosas, hétero ou homossexuais, enfim, seres humanos que habitam uma zona marginal que a sociedade faz questão de esquecer ou, quando não consegue, tenta ocultar. Como pontuam Duarte e Lopes:

São narrativas marcadas por intensa dramaticidade e conduzidas de forma a transpor para a literatura toda a tensão inerente ao cotidiano dos que estão permanentemente submetidos à violência em suas diversas modalidades. Barracos e calçadas, bordéis e delegacias compõem o território urbano em que se defrontam os excluídos de todos os matizes e gradações, mas deixando nítida na mente do leitor qual a cor da pobreza brasileira. No entanto, a autora escapa das soluções fáceis, não glamouriza o morro, nem investe no realismo brutal que termina transformando a violência em mercadoria. Seus contos aliam a denúncia social a um lirismo trágico, que remete ao mundo íntimo dos humilhados e ofendidos, tomados como seres sensíveis, marcados não apenas pelos traumas da vida lúmpem, mas também por desejos, sonhos, lembranças (DUARTE e LOPES, 2008).

Assim, quando o leitor se depara com a escrevivência, encontra uma forma nova, diversa de escrita, que lhe permite enxergar a vida sob a perspectiva daquele que se vê à margem, tanto da sociedade de modo mais genérico, como da própria literatura canônica. Tal escrita revela o compromisso da autora para além de sua própria história, visto ser esta, na verdade, não apenas sua, uma vez que se configura como o reflexo da realidade de milhares de pessoas negras que, por meio dessa escrevivência, podem encontrar um espaço para existência, já que “quando pessoas negras estão reivindicando o direito à voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida” (RIBEIRO, 2017, p. 45).

1.3 A obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta (EVARISTO, 2016)

O livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* teve sua primeira edição¹⁵ publicada em 2011 pela editora Nandyala, tendo ganhado a sua segunda edição em 2016, pela editora Malê.

¹⁵ Cabe aqui informar que alguns dos livros de Conceição Evaristo tiveram sua primeira edição custeada por ela mesma, a exemplo de *Ponciá Vivência*, integralmente, e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, com 60% do custeio e, o restante, pela editora Nandyala. Essas e outras dificuldades enfrentadas por Evaristo no início da sua carreira como escritora denotam, conforme Bárbara Machado, que “a despeito da importante posição ocupada por ela no campo intelectual negro, o fato de ela ser uma escritora negra brasileira de prestígio significa ser uma escritora *negra brasileira*, isto é, ocupar um lugar importante dentro de um campo que, por sua vez, está em posição subalterna no campo mais amplo da literatura brasileira. É sintomático, portanto, que Conceição tenha

Ambas são comprometidas com a difusão de escritores negros, sendo consideradas, no mercado editorial, como empresas culturais. No *site* oficial da editora Malê, em um de seus textos de abertura, ela informa que “busca colaborar com a ampliação da diversidade do mercado editorial brasileiro, publicando autores com o objetivo de garantir-lhes visibilidade, assessoramento editorial e publicações com *design*, produção gráfica e impressão de qualidade” (EDITORA MALÊ, 2019). No *site* da Nandyala é possível percebermos, por meio das imagens em geral, dos autores e das obras publicadas, que a editora possui compromisso semelhante, no entanto, na aba onde poderíamos ler sua missão, o texto está indisponível.

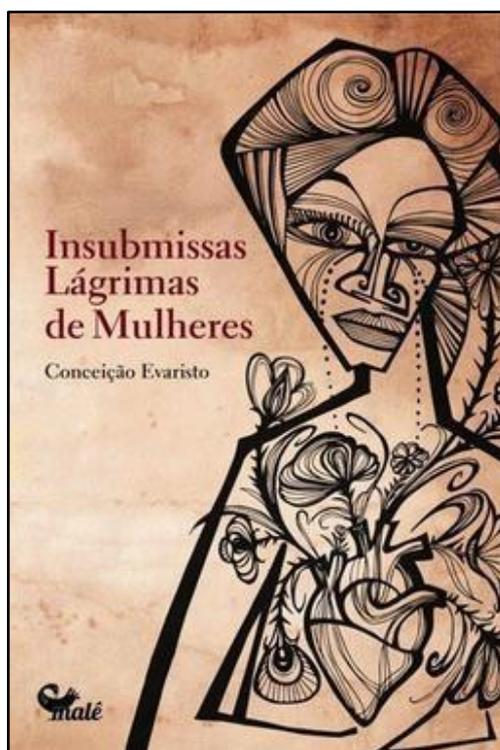


Figura 1 – Capa do livro.
Fonte: Editora Malê (2019).

A capa do livro, assinada por Iléa Ferraz¹⁶, permaneceu a mesma. Seu colorido está entre um marrom avermelhado, com nuances mais claras e mais escuras, e o preto, com o qual

que pagar por parte da edição de seus livros, como ocorreu com *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Essa situação revela o lugar de gueto que a literatura negra ainda ocupa dentro do campo editorial amplo, bem como a posição problemática da literatura negra em relação à literatura brasileira” (MACHADO, 2014, p. 260).

¹⁶ “Artista multimídia: atua, canta, dirige, escreve, produz, ilustra, cria e executa projetos cenográficos. Foi indicada ao principal prêmio do teatro brasileiro, Prêmio Shell de Teatro, na categoria melhor atriz com o espetáculo “Nunca Pensei Que ia Ver Esse Dia”. Participou de importantes festivais de teatro na Europa e apresentou-se em Angola (Luanda e Benguela), com o espetáculo *O Cheiro da Feijoada*. Dirigiu os filmes e ilustrou livros infanto-juvenis. Entre seus principais trabalhos na TV destacam-se as novelas e minisséries: *Chica da Silva* (Manchete), *A Padroeira* (Rede Globo), *Pacto de Sangue* (Rede Globo), *Tenda dos*

está grafado o nome da autora, da editora e a figura ilustrativa. Tal figura é o desenho de uma mulher com traços fenotípicos afrodescendentes, como os cabelos encaracolados, as narinas e os lábios volumosos. A ilustração apresenta essa mulher com o olhar triste, derramando lágrimas em abundância; estas caem sobre o seu coração, que está exposto, ou seja, representado fora do corpo, e sendo segurado pelas suas próprias mãos. O coração lembra um vaso, pois dele saem umas flores que parecem brotar dos orifícios das artérias do órgão. Essas flores são bonitas, vistosas e crescem por todos os lados. Algumas delas estão tão crescidas que chegam à altura da orelha da mulher ilustrada. Relacionando a ilustração da capa com os enredos dos contos do livro, é possível realizar diversas leituras, sendo uma delas a de que as lágrimas precipitadas dos olhos das mulheres negras, as protagonistas, são capazes de fazer brotar na alma flores de esperança, de superação, de recomeço, pois, apesar de todo sofrimento enfrentado pelas personagens, elas expressam capacidade de resiliência. Essas mulheres demonstram nunca terem desistido da vida, apesar de carregarem no coração dores infundas e profundas. Os contos, de modo geral, falam de lágrimas insubmissas, ou seja, de mulheres que sofreram diferentes tipos de situações que lhes causaram muitas dores, e principalmente, vivenciaram situações de violência, tanto física quanto psicológica, mas que, no entanto, são sofrimentos que as protagonistas não permitem que as submetam à derrota e à morte.

Recentemente, Conceição Evaristo, em uma entrevista concedida ao canal Leituras Brasileiras, afirmou que escreveu esse livro em um momento de insubmissão no qual ela se propôs a dar uma resposta a uma provocação de uma pesquisadora, Edileuza da Penha, que questionou se a vida das mulheres negras resumia-se a tristezas, a finais infelizes. Assim, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* traz essas narrativas de mulheres que, apesar de tudo o que passaram, encontram-se em paz, refeitas em suas emoções.

O livro possui 140 páginas e é composto por 13 contos, cujos títulos são os nomes de suas protagonistas. O enredo de cada conto foi elaborado a partir de entrevistas feitas pela autora a mulheres negras do mundo real. No prefácio da obra, Conceição Evaristo faz esse comunicado ao leitor e comenta sobre como dará vida às personagens e às suas histórias por meio da obra de caráter ficcional:

Milagres (Rede Globo), A Turma do Pererê (TV Brasil), Helena (Manchete), Mãe de Santo (Manchete) e Escrava Anastácia (Manchete)” (BUALA. s.d. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/autor/ilea-ferraz>. Acesso em: 27/11/2019).

Da voz outra, faço a minha, as histórias também. /.../ Portanto, essas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (EVARISTO, 2017a).

A partir dessas colocações feitas vemos como essa forma de registro literário, associando vivência e escrita, tem um papel importante no cenário da literatura brasileira. Temos aí a expressão de uma mulher negra que constrói protagonistas também mulheres e negras para compor o repertório literário brasileiro.

Pensando na maneira na qual Conceição Evaristo abre espaço para o protagonismo feminino negro, reiterando sempre que seu fazer literário é uma escrevivência, é interessante observar como se dava a convivência entre as mulheres de sua família.

Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós era a talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeiro a dos patrões, depois a dos homens e seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como “cabeça” da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus artigos? Pergunto isso, não afirmo (EVARISTO, 2005a, p. 4).

Esse relato de Evaristo, presente do artigo *Gênero e etnia: uma escrevivência em dupla face*, de 2005b, certamente estabelece uma relação, traduzida pela autora como escrevivência, com o estilo de escrita do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, como poderá ser visto nas observações que serão tecidas adiante.

Por serem contos, poderíamos ler todos de maneira independente. Porém, existe um EUE/narrador, que foi construído pelo *scriptor* segundo a Teoria Semiolinguística, interligando-os, visto que está presente em todos os contos uma voz como de alguém que tem o papel de abrir espaço para que as histórias, que poderiam estar silenciadas, sufocadas no interior de suas protagonistas, encontrem espaço para se manifestarem e se fazerem audíveis. Acerca dessa presença marcante de voz narrativa, afirma Constância Lima Duarte:

Esta voz feminina que narra em primeira pessoa e se apresenta como “alguém que gosta de ouvir”, não é nomeada: “Da voz outra”, ela diz, “faço a minha, as histórias também”. É ela que procura cada uma das mulheres e provoca o retorno de lembranças dolorosas do passado. É ela também que se encarrega de lembrar ao leitor o que já foi dito, e, quase como um refrão, reafirma que gosta muito de ouvir histórias (DUARTE, 2016, p. 149).

Além disso, o *scriptor* conecta as histórias dos contos através de comentários que faz no início de alguns deles, rememorando enredos já apresentados na sequência dos contos, ou o fato de a narradora estar ali ouvindo histórias de mulheres para poder contá-las depois. A título de exemplo do modo como atua o *scriptor*, citamos:

Líbia Moirã, das mulheres com quem conversei, foi a mais resistente em me contar algo de sua vida. Primeiramente quis saber do meu interesse em escrever histórias de mulheres /.../ (EVARISTO, 2017a, p. 87). Enquanto Lia Gabriel me narrava a história dela, a lembrança de Aramides Florença se intrometeu entre nós duas. Não só a de Aramides, mas as de várias outras mulheres que se confundiram em minha mente (EVARISTO, 2017a, p. 95).

Cada conto comporta um enredo com densidade dramática e poética. As histórias são carregadas de dor, violência (ora física, ora psicológica), traumas, dramas vários, mas também de coragem, resiliência, quebra de paradigmas comportamentais estabelecidos socialmente, sobrevivência. Quando contam suas histórias, as mulheres demonstram exibir “com orgulho as antigas cicatrizes (...) o fazem a partir de uma atitude de sobreviventes, de quem exorcizou a dor e se encontrou inteira para além dela” (DUARTE, 2016, p. 150). Na verdade, o orgulho em narrar o sofrimento está na consciência da força que emana de sua história (DUARTE, 2016).

As mulheres ali apresentadas são, na mesma sequência em que aparecem no livro: Aramides Florença, Natalina Soledad, Shirley Paixão, Adelha Santana Limoeiro, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo, Mary Benedita, Mirtes Aparecida da Luz, Líbia Moirã, Lia Gabriel, Rose Dusreis, Saura Benevides Amarantino e Regina Anastácia. Um fato curioso é que praticamente todos os nomes das protagonistas dos contos têm, em seu significado, alguma relação com o enredo narrado. Por exemplo, *Natalina Soledad* fala de uma mulher que criou seu próprio nome movida por circunstâncias bastante dolorosas. O substantivo próprio Natalina remete-nos à ideia de natalidade, nascimento; e Soledad, à palavra solidão em espanhol. *Mary Benedita*, uma artista e poliglota, tem seu primeiro nome em inglês. *Mirtes Aparecida da Luz* tem no sobrenome “Luz” determinada

relação com sua condição no conto – ela é uma personagem cega, incapaz de ver a luz, porém, um ser humano muito iluminado.

As narrativas estão divididas entre antes e depois da história contada pela protagonista à narradora (ou EUE/narrador). Ou seja, em um primeiro momento, o EUE/narrador nos revela como foi o encontro com a mulher que está ali para contar sua história, apresentando-a ao leitor (TU-destinatário). Em seguida, há o *flashback*, no qual cada uma relata espontaneamente o acontecido.

Assim, em *Aramides Florença* temos uma mulher que vivia um casamento pleno e feliz com o companheiro. No entanto, o viu se transformar em um homem insensível, áspero e, por fim, violento e cruel, após ela gestar um filho do casal. O final é chocante e avassalador, pois revela o sofrimento de uma mulher que se viu estuprada pelo próprio cônjuge em pleno período de resguardo pós-parto.

Natalina Soledad, por sua vez, narra a história de uma mulher que, em um dado momento da vida, decidiu mudar de nome. O motivo foi o inconformismo do pai, um homem extremamente machista, pai de seis filhos homens e que, por não se conformar em ter como sétimo filho uma mulher, registrou-a com um nome indigno e passível de críticas e embaraços – Troçoléia Malvina Silveira. A garota cresceu convivendo com o desprezo do pai e com as gozações de todos que ouviam seu nome esdrúxulo. O novo nome escolhido pela protagonista é o substantivo próprio “Natalina¹⁷”, que tem sua origem no latim e significa nascimento. Já “Soledad¹⁸” é originário do espanhol e significa solidão. Logo, o sentido do seu novo nome, mais aceitável socialmente, representava o modo como ela se sentiu durante toda a sua vida.

A narrativa de *Shirley Paixão* revela uma mulher que vivia com o marido, pai de suas duas filhas, mas que veio de um outro relacionamento trazendo consigo uma filha, a quem ela acolheu como sendo sua mesmo. A dor tremenda vivenciada por essa mulher se deu quando ela viveu um episódio no qual descobriu que esse homem, a quem amava e confiava, abusava sexualmente da filha mais velha, ou seja, a que não era biologicamente dela.

Então [ele] puxou violentamente Seni da cama, modificando naquela noite a maneira silenciosa como retirava a filha do quarto e a levava aos fundos da casa, para machucá-la. /.../ Foi quando assisti à cena mais dolorosa de minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas chamavam por socorro (EVARISTO, 2016, p. 28-29).

¹⁷ [http// www.significadodonome.com](http://www.significadodonome.com) . Acesso em 28/11/2019.

¹⁸ [http// www.significadodonome.com](http://www.significadodonome.com) . Acesso em 28/11/2019.

Após a cena, Shirley recolhe suas filhas, inclusive a não biológica, Seni, e vai para bem longe do marido. A protagonista está contando essa história para a narradora como algo que lhe ocorreu no passado. No presente, Seni já se tornara pediatra, e suas irmãs já haviam dado netos à Shirley, que se sente orgulhosa pela superação.

Adelha Santana Limoeiro encerra um enredo com uma dor totalmente psicológica. Conta a história de uma mulher já idosa que vê seu cônjuge de mesma idade perder sua virilidade sexual. Dessa forma, a fim de não o ver em angústia, por ele acreditar que se encontrava nesse estado por estar casado com uma mulher já velha, abrindo mão de seu orgulho feminino em nome do bem-estar do companheiro, Adelha o incentiva a procurar outras mulheres. O momento que mais revela ao homem que o problema de sua falta de potência sexual não estava na figura de sua esposa idosa e sim na sua própria incapacidade por não possuir mais juventude e vigor ocorre quando ele passa mal tentado ter uma relação sexual com uma mulher mais jovem e Adelha precisa ir socorrê-lo. A situação é muito embaraçosa, revelando como deve ter sido doloroso para aquela mulher ter que vivenciar um momento tão constrangedor.

Já *Maria do Rosário Imaculada dos Santos* traz uma narrativa que lembra muitos dramas expostos nos jornais – a tragédia das crianças roubadas, ou desaparecidas. Maria foi roubada na infância por um casal que, a princípio, ela acreditava ser estrangeiro, mas que descobriu com tempo ser, na verdade, do sul do país. A criança foi levada para muito longe do seu seio familiar e carregava no peito a esperança de um dia poder rever os seus. Na fase adulta, passou por diferentes formas de exploração. Casou-se algumas vezes e sempre evitava ter filhos, por medo deles lhe serem arrancados como ela fora dos seus pais. No entanto, viu seu sonho se realizar ao assistir a uma palestra sobre crianças desaparecidas e perceber que ela poderia ser aquela criança que ainda estava sendo procurada. Dessa forma, a personagem reencontra a si mesma quando consegue rever sua família após anos de uma separação forçada.

Na narrativa de *Isaltina Campo Belo*, a protagonista inicia seu relato revelando o que sentia desde a infância:

Desde menina – assim começou Campo Belo, com a foto de Walquíria nas mãos [Walquíria era a filha de Isaltina] – eu me sentia diferente. /.../ Tive uma infância feliz, só uma dúvida me perseguia. Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado o nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados (EVARISTO, 2017a, p. 57).

Isaltina cresceu e foi na adolescência que experimentou a pior de todas as agressões que uma mulher pode sofrer no seu corpo. Ela foi estuprada, não por um homem, mas por cinco. Essa violência resultou ainda em uma gravidez. No entanto, Isaltina não rejeitou o fruto desse ato, mas fez dele, ou melhor dela – Walquíria, a alegria da sua vida, o motivo para prosseguir vivendo. Um conto carregado de violência física e psicológica por diversas perspectivas, mas que apresenta em seu desfecho a satisfação da descoberta de que era possível à protagonista assumir sua sexualidade ao lado de uma igual, o que a permitiu assumir sua identidade lésbica de maneira livre.

Na sequência, temos o conto *Mary Benedita*, personagem que ainda menina decide convencer os pais a deixarem-na morar na capital com a tia. Lá ela cresce tendo oportunidades de estudar, o que faz com muito afinco. Torna-se poliglota, viaja o mundo e desenvolve um fazer artístico que a faz reconhecida internacionalmente. Nesse conto, a violência aparece de uma forma muito peculiar: é a violência “praticada pela mulher contra si mesma”, pois, “no afã de se bastar, se auto mutila, e exhibe queloides por todo o corpo” (DUARTE, 2016, p. 153).

O conto *Mirtes Aparecida da Luz* conta a história de uma mulher com deficiência visual que engravida e o marido, aquele que deveria apoiá-la, na verdade, se vê perdido e imobilizado diante da possibilidade de o casal ter um filho. Quando ela dá a luz à menina, ele acaba cometendo suicídio, deixando-a sozinha com uma criança para criar e educar. Mirtes se sai bem no papel de mãe, contrariando as expectativas negativas do pai, e dá lições de como é possível enxergar a vida a partir de outros “olhos”.

Líbia Moirã apresenta a angústia de uma mulher atormentada por pesadelos frequentes que a impedem de ter uma vida psíquica e emocional tranquila. Tudo que estava ao seu alcance, bem como ao de sua família, ainda na infância, para ajudá-la a ter noites de sono e paz, havia sido feito. Desde remédios a benzeções e terapias várias, nada conseguia apaziguar o sono da personagem. O pesadelo era sempre o mesmo:

Eu, perdida em algum lugar indefinido, sozinha e vendo alguma coisa grande, muito grande, querendo sair de um buraco muito pequeno. O movimento dessa coisa grande rompendo o buraco pequeno era externo a mim, mas me causava uma profunda sensação de dor (EVARISTO, 2017a, p. 88).

Depois de meio século enfrentando noites mal dormidas, já na comemoração do aniversário de 50 anos do irmão caçula, a personagem, envolta em emoções e memórias de infância, lembrou-se de um fato muito marcante vivenciado aos cinco anos de idade. Líbia

Moirã havia assistido a todo o trabalho de parto que trouxera seu irmãozinho caçula ao mundo. A cena foi tão forte que permaneceu no seu subconsciente a vida inteira, manifestando-se através de sonhos temerosos.

O conto que vem em seguida conta uma história que, em parte, se repete na vida de milhares de mulheres mundo afora – a violência doméstica praticada por um marido opressor e cruel. Mas *Lia Gabriel*, apesar de sair perdendo muitos bens materiais, consegue deixar o marido e reconstruir a vida com seus quatro filhos. O problema é que o comportamento agressor do seu antigo cônjuge não havia deixado marcas apenas nela, pois o filho mais novo estava sofrendo com surtos psicóticos, originados de traumas sofridos quando ainda morava com o pai.

Rose Dusreis conta a história de uma excelente dançarina, professora de balé clássico, dança moderna, balé afro, jazz, sapateado e dança de salão, cuja academia de dança era a mais procurada da cidade. Quando criança, Dusreis já demonstrava suas habilidades artísticas, no entanto, “dançar não nos oferecia nenhum sustento para sobrevivência” (EVARISTO, 2017a, p. 108), como relata, enquanto narradora, à sua interlocutora no conto. “Não comemos dança, dizia minha mãe, toda vez que eu chegava da escola, encantada com o ensaio de balé a que eu assistia lá” (EVARISTO, 2017a, p. 108), continua Dusreis. Além da ausência de recursos financeiros da família para custear o sonho da garota de seguir a vida artística, ela ainda foi discriminada por, segundo a professora de dança da sua escola, ela não ter o “tipo físico propício” para o balé clássico. Evidentemente, estava ali presente um preconceito de raça que a menina compreendeu somente na fase adulta. Assim, a protagonista enfrentou os desafios impostos pela extrema pobreza, pela perda do pai e pelos preconceitos que veementemente se colocavam como empecilhos para que ela não concretizasse o sonho de se tornar uma grande dançarina. No entanto, foi quando a situação se agravou em demasia, e a garota foi levada para um convento que funcionava como uma instituição educacional para crianças ricas que, apesar de ter sido levada ali para trabalhar, a menina teve acesso a aulas de dança e a uma educação de qualidade. Assim, gradativamente, as portas foram se abrindo, e Rose Dusreis cursou vários estilos de dança fora do seu estado e até fora do seu país, tornando-se a renomada professora descrita no início do enredo. Desse modo, o conto registra que, por trás daqueles belíssimos passos bailados por uma mulher negra, havia uma história de superação, perseverança e resiliência.

Saura Benevides Amarantino traz o drama de uma mulher que possui guardado dentro de si um sentimento que não condiz com um pensamento muito difundido na sociedade – o de

que o amor de mãe não tem outro igual. Isso porque a personagem não ama a filha mais nova. Existe todo um contexto que a levou a não amar a garota, mas não foi um contexto de violência. Nesse conto, a dor se dá por Saura ser fortemente discriminada socialmente por entregar a filha aos cuidados do pai, abandonando-a por completo, visto que não conseguiu amá-la.

O último conto do livro é o *Regina Anastácia*. Nele vemos relatada a história de amor vivenciada pelo casal Regina Anastácia e Jorge D'Antanho. Eles precisaram lutar com todas as forças contra o preconceito de cor e de classe existentes na cidade. Ela, negra e pobre. Ele, branco e rico – sendo sua família praticamente dona da cidade. Segundo Duarte (2016, p. 154), o que mais chama a atenção nessa história é o fato do enredo se relacionar com “o mito da princesa africana feita escrava, ainda nos tempos coloniais”. Além disso, a narradora ainda compara a presença marcante e audaciosa da protagonista Regina Anastácia (como uma rainha) a mulheres reais como “Mãe Menininha de Gantois, Ivone de Lara, Ruth de Souza, Toni Morrison /.../, acrescentando, ao final, o nome de Joana Josefina Evaristo, ‘tão rainha quanto ela’, que é precisamente o nome da mãe da autora deste livro” (DUARTE, 2018, p. 154).

Todos os contos de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* possuem expressividade narrativa e poética muito grandes e inúmeros pontos comuns são perceptíveis entre os contos. A característica mais evidente e logo notada comum a todos eles é o protagonismo feminino negro. Este foi levado em consideração quando do momento da escolha da obra como objeto de estudo, pois entendemos que uma das justificativas para o presente estudo é a necessidade de se repensar o modo como as mulheres negras continuam sendo estigmatizadas na sociedade contemporânea apesar de estarmos vivendo em uma época em que se fala tanto em igualdade de direitos, respeito étnico e valorização das diferenças. Embora tais ideias estejam sendo difundidas na sociedade, é notável que há um longo percurso a ser percorrido a fim de vermos essas ideias fazerem parte verdadeiramente da realidade e alcançarem todos os segmentos sociais, pois os discursos racistas, machistas e preconceituosos de toda natureza encontram-se tão arraigados nas práticas e discursos sociais que somente através de novos discursos e ou da transgressão e ressignificação dos mesmos é que poderemos ver uma efetiva mudança do atual cenário.

Uma questão que também precisa ser levada em consideração quando nos reportamos às mulheres negras é que sempre existiu um silenciamento muito grande direcionado às vozes subalternizadas e que as mulheres negras se encontram nesse grupo. Quando uma autora

negra, como Conceição Evaristo, consegue romper com esse silêncio e utiliza sua escrita para abrir espaço, de modo que a voz das mulheres negras em geral seja ouvida, como é feito em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, a autora traz uma grande contribuição social pois rompe paradigmas sociais de preconceitos e estereótipos. Nesse sentido, falar em espaço para a reverberação das vozes das mulheres negras é falar em nomeação de opressões, pois “se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível” (RIBEIRO, 2017, p. 43) Nesse sentido, garantir que as mulheres negras tenham direito à fala é garantir-lhes o direito de lutar por uma vida melhor, menos desigual, com maior justiça social.

Segundo a crítica e teórica indiana Gayatri Chakravorty Spivak (2010), a mulher subalternizada é ainda mais silenciada, visto que ela se encontra numa posição de maior marginalização devido aos problemas em torno da questão de gênero. Assim, a filósofa sugere que caberá à mulher intelectual “a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual” (SPIVAK, 2010, p. 15). Logo, é válido observar como a escrita de Conceição Evaristo se posiciona como uma importante voz enunciativa nesse processo de construir espaços para fazer emergir a voz do sujeito subalternizado.

1.4 Definição do *corpus* de análise

A materialidade linguística que será analisada é uma produção escrita que tem como suporte um livro cujo título é *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Este é composto por 13 contos, portanto, configuram-se narrativas curtas, mas que, dada a extensão dos diversos temas abordados, exige um recorte metodológico. Assim, iremos nos deter sobre três contos, *Isaltina Campo Belo*, *Mary Benedita* e *Saura Benevides Amarantino*. A escolha destes textos deu-se a partir da relevância social das suas temáticas mais proeminentes, a saber: heterossexualidade e homoafetividade, em *Isaltina*; patriarcado, intelectualidade e sangue menstrual, em *Mary Benedita*; e a questão da maternidade em *Saura Benevides Amarantino*. Tais temas têm sido alvo de constantes debates na contemporaneidade, o que corrobora a necessidade de se discuti-los.

Quanto à importância do material e seu valor de representatividade, o *corpus* é parcial e aberto. É parcial, porque é constituído de uma pequena parcela da obra produzida pela autora, sendo, desse modo, apenas um recorte. É aberto, porque permite múltiplas

interpretações, bem como a visualização de diferentes temáticas e, conseqüentemente, de diferentes abordagens (cf. CHARAUDEAU, 2011)

Para que a análise dessa materialidade seja realizada, serão necessários, além dos contos, elementos paralingüísticos, como os textos que abordam o conceito de “escrevivência” da própria Conceição Evaristo, depoimentos e entrevistas cedidas pela autora, assim como outros autores que discutam aspectos relacionados às representações das mulheres negras, tanto no âmbito literário, como no âmbito social. Assim, lançaremos mão de algumas abordagens difundidas por feministas (negras), bem como discussões de Stuart Hall e Homi Bhabha envolvendo a temática identidade. Utilizaremos, no âmbito da Semiologia, os textos que discorrem acerca da teoria dos sujeitos da linguagem, o contrato de comunicação e a teoria dos imaginários sociodiscursivos.

A construção de um *corpus* em análise do discurso pela Teoria Semiológica, segundo Charaudeau (2011), se dá a partir de um posicionamento teórico ligado a um objetivo de análise chamado, na teoria, de problemática. A problemática em que se insere esse *corpus* pode ser classificada como representacional e interpretativa. Visto que o que se busca com essa análise é investigar como a escrita de Conceição Evaristo transgride os imaginários sociodiscursivos da mulher negra por meio do texto literário. Essa problemática é representacional, pois o objeto de estudo “é definido através das hipóteses de representações sociodiscursivas que se supõem dominantes num dado momento da história de uma sociedade e que caracterizam um determinado grupo social” (CHARAUDEAU, 2011, p. 6). É interpretativa porque “é necessário formular, de início, uma hipótese sobre o que são os posicionamentos em relação com as práticas discursivas e os tipos de sujeitos que se acham ligados a tais posicionamentos e práticas” (CHARAUDEAU, 2011, p. 6). Cumprindo este critério, a principal hipótese é a de que, ao dar espaço em sua escrita para a manifestação de vozes femininas negras, concedendo dignidade literária às suas histórias, Conceição Evaristo traz à tona imaginários sociodiscursivos das mulheres negras e os transgride com o objetivo de propor novas representações para esse grupo social, o que contribui para a quebra de paradigmas preconceituosos instalados na sociedade brasileira.

CAPÍTULO II

A TEORIA SEMIOLINGÜÍSTICA: REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo tem como objetivo principal apresentar a base teórica que fundamenta esta pesquisa. Assim, tendo surgido em meados da década de 1980, a Teoria Semioliológica é resultado dos estudos e pesquisas implementadas pelo linguista francês Patrick Charaudeau, professor de Ciências da Linguagem na Universidade de Paris XII e diretor do Centro de Análise do Discurso. Aqui no Brasil essa teoria se efetivou em 1994 no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, recebendo transformações e contribuições importantes, a exemplo do quadro proposto por Machado e Mendes para os gêneros que possuem uma organização narrativa (MACHADO; MENDES, 2013) e que utilizaremos para efetuar a análise, neste capítulo, dos contos que são nosso objeto de estudo.

Sobre a terminologia Semioliológica, o próprio Charaudeau explica: “O *semio* desta designação vem de *sémiosis*, processo que traz em si uma relação entre forma e sentido, nos diferentes quadros epistemológicos” (CHARAUDEAU, 1995 *apud* MACHADO; MENDES, 2013, p. 3). Assim, o que a Semioliológica faz é estudar ou analisar os discursos sociais: “sempre levamos em conta, ao praticá-lo, das atitudes do sujeito-comunicativo face ao seu discurso, face ao mundo que o rodeia (o social) e face ao outro para quem a comunicação é dirigida” (MACHADO; MENDES, 2013, p. 3).

Explicando o que seria uma análise semioliológica do texto e do discurso, Charaudeau postula que:

No que tange ao discurso – sem deixar de lado o campo da língua – sabemos que constitui um campo disciplinar próprio, com seu domínio próprio de objetos, seu conjunto de métodos, de técnicas e de instrumentos. Entretanto, há diferentes maneiras de problematizar seu estudo. A maneira pela qual abordamos o discurso insere-o numa problemática geral que procura relacionar os fatos de linguagem a alguns outros fenômenos psicológicos e sociais: a *ação* e a *influência*. Nessa perspectiva, o que se pretende é tratar do fenômeno da construção psico-socio-linguística do sentido [isto é, finalmente, a construção do “processo de semiotização do mundo”]., a qual se realiza através da intervenção de um sujeito, sendo, ele próprio, psico-socio-linguístico (CHARAUDEAU, 2005a, p. 1).

Assim, a análise do discurso pela via semioliológica se efetivará a partir de campo disciplinar próprio, por meio de uma problematização que busque relacionar os fatos da linguagem a outros fenômenos psicológicos. É dessa forma, analisando o discurso sob uma

perspectiva psico-social-lingueira que se efetivará a construção do “processo de semiotização do mundo”. Dessa posição teórica partirá a nossa análise dos contos escolhidos como *corpus* para este estudo.

Assim, segue o nosso percurso de discussão no presente capítulo. No primeiro momento ainda não adentramos no campo da Semiologia¹⁹, pois essa seção se restringe a apenas definir o gênero conto, a fim de promover uma melhor contextualização para o leitor desse estudo. Assim, uma vez que a materialidade linguística que constitui o objeto de estudo desta pesquisa é um livro de contos, faz-se necessário tanto apresentar de que definição de conto nós estamos partindo, como conhecer as principais características desse gênero. Para tanto, utilizamos os teóricos Mikail Bakhtin (1997), para compreender o conceito de gênero do discurso; Massaud Moisés (1973), da teoria literária, para elucidar a questão dos gêneros literários; e Ernani Terra (2019), com vistas à compreensão da definição e das características do conto.

Em seguida, adentramos no universo da Teoria Semiológica. Assim, apresentamos o carro-chefe da nossa discussão neste estudo que são os imaginários sociodiscursivos propostos por Charaudeau (2017). Nessa seção, compreendemos a definição de imaginários sociodiscursivos, bem como como eles são formados. Abordamos a relação entre as representações sociais e os imaginários e vemos quais são os tipos de saberes que os formulam.

Posteriormente, abordamos a questão da identidade, um assunto que tem se mostrado relevante direta e indiretamente ao nosso estudo. Para tanto, iniciamos a partir da perspectiva teórica de Charaudeau (2009), na qual veremos como a Semiologia define o processo de tomada de consciência de si, ao passo que pontua identidade social e identidade discursiva como fundamentos da competência comunicacional. E, em decorrência da necessidade de um diálogo com teorias sociais que estejam em um espaço distinto da linguística e dos estudos discursivos propriamente ditos, lançamos mão de alguns postulados dos teóricos Stuart Hall (2011) e Homi Bhabha (1998).

Na sequência, adentramos na teoria dos sujeitos da linguagem, em que apresentamos já uma aplicação da teoria na obra ficcional como um todo, conforme estabelecem Machado e Mendes (2013) a partir de uma perspectiva já tropicalizada, ou seja, transformada pelo olhar

¹⁹ Na Semiologia, é possível definir o gênero conto através da teoria das visadas discursivas e dos modos de organização do discurso. E Charaudeau não o chamaria de gênero, mas de tipo de discurso. Entretanto, não utilizamos essas teorias nesta seção, pois não temos a intenção de problematizar a estrutura dos contos de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* por meio de uma análise discursiva.

dos estudiosos brasileiros da Teoria Semiolinguística. Mostramos como se aplica o conceito dos sujeitos da linguagem na obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, e estabelecemos como se constitui o contrato de comunicação no discurso ficcional da obra em apreço.

2.1 O gênero conto

No conto tudo precisa ser apontado num risco leve e sóbrio: das figuras, deve-se ver apenas a linha flagrante e definidora que revela e fixa uma personalidade; dos sentimentos, apenas o que caiba num olhar, ou numa dessas palavras que escapa dos lábios e traz todo o ser; da paisagem, somente os longes, numa cor unida (EÇA DE QUEIROZ, 2004, p. 23).

Para que seja viável a conceituação do termo conto, faz-se necessário compreender como os processos de construções verbais viabilizam a comunicação humana. Segundo Mikail Bakhtin (1997, p. 280), em *A estética da criação verbal*, “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. No entanto, apesar de os modos dessa utilização serem tão variados, não existe uma contradição que comprometa a unidade nacional de uma língua. A partir dessa constatação, Bakhtin propõe o conceito de gênero do discurso através da elucidação do modo como os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas das atividades humanas. Nas palavras do autor:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Segundo ele, existe uma infinidade de gêneros do discurso, dado o caráter inesgotável das atividades humanas que requerem, em cada situação de comunicação, uma maneira específica de elaboração discursiva que atenda à intenção comunicativa do enunciatador na dada situação. Nesse sentido, cada esfera dessa atividade humana “comporta

um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (BAKHTIN, 1997, p. 280). A título de exemplo, podemos visualizar o que são os gêneros do discurso quando o autor salienta a questão da heterogeneidade desses no excerto que segue:

Cumpre salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas), o relato familiar, a carta (com suas variadas formas), a ordem militar padronizada, em sua forma lacônica e em sua forma de ordem circunstanciada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais (em sua maioria padronizados), o universo das declarações públicas (num sentido amplo, as sociais, as políticas). E é também com os gêneros do discurso que relacionaremos as variadas formas de exposição científica e todos os modos literários (desde o ditado até o romance volumoso) (BAKHTIN, 1997, p. 281).

Como se pode notar, os gêneros do discurso são as diferentes formas de se estruturar os enunciados com vistas a uma intencionalidade comunicacional específica. Assim, um gênero se difere do outro por suas características específicas que se organizam em torno de propósitos comunicativos variados, tal como um ditado é diferente de um romance ou de uma carta. Com base nesse contexto, podemos afirmar que um conto é um gênero discursivo, uma vez que este possui características específicas que o diferem, por exemplo, de uma novela, de uma fábula, ou de um romance. Mesmo esses gêneros tendo como traço comum - o fato de serem todos textos narrativos, e de até seguirem certos parâmetros semelhantes - na verdade, eles não seguem o mesmo padrão de escrita, por apresentarem diferentes características associadas às suas intenções comunicativas. Ou seja, podem ser entendidos a partir de sua finalidade.

Quando nos reportamos à literatura, temos o conto como um gênero do discurso inserido em um gênero literário. Assim sendo, quando visto como categoria textual, o conto é denominado de gênero textual, ou gênero do discurso. Porém, quando visto no universo textual da teoria literária, o conto é classificado como um subgênero (MOISÉS, 1973²⁰). Isso ocorre porque existe uma conceituação própria no âmbito da teoria literária que propõe a reunião de obras que são classificadas de acordo com sua forma e conteúdo. Assim, na teoria literária, teremos uma divisão clássica, desde a Antiguidade, formada por três grupos (ou

²⁰ Optamos por usar como referência uma obra tão antiga (1973) devido à sua relevância no campo de estudo a que estamos nos reportando (teoria literária). Essa obra é citada por grande parte dos autores contemporâneos que discutem essas mesmas questões

gêneros): o narrativo (ou épico), o lírico e o dramático (MOISÉS, 1973). Massaud Moisés, discorrendo acerca da origem dos gêneros literários, afirma que:

Os gêneros literários nascem por uma espécie de imposição natural, qualquer coisa como a adequação do indivíduo ao ritmo cósmico, marcado por uma regularidade inalterável... Por outro lado, a reiteração dum módulo expressivo e, correspondentemente, dum modo de conteúdo (o que significa, de resto, uma específica visão do mundo) obedece a uma tendência inata do homem para a ordem (MOISÉS, 1973, p. 37).

Ou seja, os gêneros literários são resultado de uma necessidade humana de se adequar ao mundo em que vive. Por meio deles, os seres humanos buscam as respostas para sua própria existência, ao passo que buscam se ambientar no espaço em que vivem e com as demais pessoas com as quais dividem esse espaço.

O conto está inserido no gênero narrativo (ou épico), que se caracteriza pela narração de histórias e/ou acontecimentos (ficcionalis ou não), em verso ou em prosa (MOISÉS, 1973). O tempo é elemento estrutural desse gênero. Se dá de modo sucessivo, em um discurso que viabiliza a percepção da continuidade, da linearidade temporal, ainda que, por vezes, apareça de modo digressivo. São exemplos de subgêneros do gênero narrativo (ou épico) a epopeia, o mito, a lenda, o romance e, é claro, o conto.

Tendo isso esclarecido, adentraremos agora na compreensão do conceito e das características do conto. O escritor e doutor em Língua Portuguesa, Ernani Terra, traz em seu *blog* uma abordagem sucinta e bastante elucidativa acerca do (sub)gênero conto, explicando, inclusive, que essas mesmas informações também podem ser encontradas em seus livros *O conto na sala de aula* e *Leitura do texto literário*, de 2017, bem como em um artigo publicado recentemente na *Revista Metalinguagens*, 2019, do Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Assim, tomamos nesta dissertação as definições de conto desse conceituado autor:

Narrativa condensada (em inglês é denominado *short-story* = história curta, literalmente), que apresenta um número pequeno de personagens, unidade de tempo restrito, normalmente centrado em um único evento, abdicando de análises minuciosas, digressões e descrições pormenorizadas. Por ser uma forma narrativa, o conto costuma ser analisado e definido em relação a outras formas de narrar, particularmente o romance. Se o romance é um gênero ligado à tradição escrita, o conto tem suas origens na tradição oral, no ato de contar histórias, que eram passadas de geração a geração (TERRA, 2019).

O autor ainda estabelece uma diferenciação entre o conto popular e o literário. Aqueles contos que são transmitidos oralmente são os populares. Já aqueles que são oriundos

da escrita e ali permanecem, a exemplo de *A Cartomante*, de Machado de Assis, constituem uma forma literária. “Outra distinção entre o conto popular²¹ e o conto literário reside na autoria, enquanto os primeiros são anônimos, os segundos possuem autoria definida” (TERRA, 2019).

Ernani Terra ainda explica que “José Paulo Paes ressalta que formas literárias atuais têm sua origem em formas simples; por exemplo, o conto policial seria uma forma evoluída da adivinha” (TERRA, 2019). Mas para Jolles (s/d, citado por TERRA, 2019), “o conto só adquiriu o *status* de forma literária a partir do momento em que os irmãos Grimm reuniram uma coletânea de narrativas sob o título de *Contos para crianças e família*, em 1812”. Assim sendo, segundo Terra (2019), “grosso modo, as formas simples e as formas literárias de Jolles equivaleriam aos gêneros primários e secundários de Bakhtin”, o que demonstra que o conceito de gênero, quando se fala em gêneros literários, se relaciona aos gêneros do discurso abordados na teoria bakhtiniana.

O autor continua a discorrer sobre as características do conto citando Nádya Battella Gotlib (2006), autora da obra *Teoria do conto*, onde ela explica que o conto se difere do relato.

Para essa autora, o relato traz de volta algo que ocorreu, enquanto no conto há narração de fato criado, inventado, ou seja, o que caracteriza o conto é o fato de ser uma narrativa ficcional. O romance é cumulativo, nele há uma sucessão de eventos que se encadeiam em direção ao clímax, o ponto de maior tensão na narrativa, e, posteriormente, ao desfecho ou desenlace, que é a resolução do conflito com a consequente volta à situação de estabilidade. O conto, por ser limitado em sua extensão, procura captar um momento, um instantâneo (TERRA, 2019).

“Ou seja, por ser uma narrativa condensada, o conto elimina tudo o que acessório, centrando-se naquilo que é essencial à trama” (TERRA, 2019). Desse modo, para muitos, por ser uma narrativa curta, o conto permite ao leitor um bom aproveitamento do seu próprio tempo, pois a cada cena narrada, a cada caracterização das personagens, o autor busca captar o olhar atento do leitor, que não pode se permitir deixar escapar nenhum detalhe da narrativa.

²¹ Os contos populares têm servido de matéria-prima para a elaboração de obras literárias. Por isso, é comum encontrar ecos ou referências diretas ou indiretas a eles em contos e romances modernos. A personagem Oskar do romance *O tambor*, do escritor alemão Günther Grass, é inspirado no Pequeno Polegar. Guimarães Rosa inicia seu conto “Conversa de bois” fazendo referência aos contos maravilhosos: “Que já houve um tempo em que eles conversavam, entre si e com os homens é certo e indiscutível, pois que bem comprovado nos livros das fadas carochas”. Nos contos do escritor moçambicano Mia Couto, em que realidade e fantasia se fundem, ressoam vozes de histórias da tradição oral africana (TERRA, 2019).

Para concluir a questão da extensão menor do gênero conto, Ernani Terra faz alusão ao contista Edgar Allan Poe:

Para Edgar Allan Poe, a extensão é requisito fundamental do conto, já que esse gênero literário deve buscar uma unidade de efeito, enganar, aterrorizar, encantar ou deslumbrar, e essa só pode ser conseguida se o texto for possível de ler numa assentada, de meia a duas horas. Para Poe, o trabalho de um contista deve ser racional, tudo deve ser pensado a fim de se obter o resultado pretendido, que é criar o interesse do leitor, para isso “inventará os incidentes, combinando-os da maneira que melhor o ajude a conseguir o efeito preconcebido” (TERRA, 2019).

Outro aspecto, além da extensão textual, que precisa ser levada em consideração com relação ao gênero conto, é o fato de ele, assim como a novela, por ser de caráter narrativo, estar centrado em três pilares: evento, personagem e espaço. No conto, diferentemente do romance, o enredo está centrado em um evento único, apresenta poucas personagens e desenrola-se num espaço limitado (TERRA, 2019). Além disso, o clímax, no conto, ocorre já no final do enredo, enquanto no romance, seria um pouco antes do fim.

Por fim, mas tão importante quanto os demais elementos característicos do gênero conto já apresentados, está a figura determinante do narrador. Quando nos reportamos aos contos populares, pelo seu caráter oral, estamos ouvindo a voz de um contador de histórias; no entanto, quando essa voz aparece na forma escrita, construindo o conto literário, estamos diante de um contista (GOTLIB, 2006).

Esta voz que fala ou escreve só se afirma enquanto contista quando existe um resultado de ordem estética, ou seja: quando consegue construir um conto que ressalte os seus próprios valores enquanto conto, nesta que já é, a esta altura, a arte do conto, do conto literário. Por isso, nem todo contador de histórias é um contista (GOTLIB, 2006, p. 9).

O narrador é, dessa forma, figura essencial para a criação de um conto. É ele o ser “iluminado” que dará vida às personagens, envolvendo-as em um enredo capaz de prender a atenção do leitor. Sem a voz do narrador, não poderíamos ter acesso aos conflitos dessas personagens, nem vibrar, ou sofrer com o clímax dessas narrativas.

2.2 Entendendo a formação dos imaginários sociodiscursivos

A memória coletiva de um povo se estrutura a partir da linguagem, sendo mobilizada através da evocação do que Charaudeau denominou de imaginários sociodiscursivos.

Esse imaginário pode ser qualificado de sociodiscursivo na medida em que se cria a hipótese de que o sintoma de um imaginário é a fala. De fato, ele resulta da atividade de representação que constrói os universos de pensamento, lugares de instituição de verdades, e essa construção se faz por meio da sedimentação de discursos narrativos e argumentativos, propondo uma descrição e uma explicação dos fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos (CHARAUDEAU, 2017, p. 579).

Para compreender o conceito de imaginários sociodiscursivos no âmbito da Teoria Semiollingüística, Patrick Charaudeau (2017), em seu artigo *Estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor*, elucida a diferença entre estereótipos e imaginários, pois, segundo ele, o emprego do termo estereótipo tem feições ambíguas, não podendo ser tomado como central na análise dos discursos sociais. Por isso, o autor trabalha com o conceito de imaginários sociodiscursivos.

Charaudeau afirma que a ideia que se tem de estereótipos está no mesmo campo de significação dos “clichês”, dos “chavões”, dos “preconceitos”, dos “lugares comuns”. O que essas palavras têm em comum é que elas “dizem respeito àquilo que é dito de maneira repetitiva e que, de tal forma, termina por se sedimentar (recorrência e imutabilidade), e descreve uma caracterização julgada simplificadora e generalizante” (CHARAUDEAU, 2017, p. 572). Além disso, todos esses “termos são portadores do traço da suspeita quanto à verdade do que é dito”, logo,

É a presença dessa suspeita que torna difícil a recuperação da noção de estereótipo para fazer dela um conceito. Primeiramente porque assinala que esta noção é dependente do julgamento de um sujeito, e que, sendo este julgamento negativo, oculta a possibilidade de que o que é dito contenha uma parte de verdade, a despeito de tudo ((CHARAUDEAU, 2017, p. 572).

Para explicar melhor essa questão, Charaudeau recupera o significado do termo estereótipo quando este é empregado de modo relativo a indivíduos ou a grupos humanos. Por exemplo, dizer que intelectual não gosta de praticar exercícios físicos é um estereótipo, porém, isso não quer dizer que essa ideia seja completamente falsa. Isso se estende a inúmeras situações. Em outras palavras, os estereótipos surgiram a partir de uma situação real, entretanto, não é por isso que pode ser generalizado, ou seja, aplicado a todos indiscriminadamente. Desse modo, nota-se que o estereótipo pode dizer qualquer coisa de verdadeiro ou de falso ao mesmo tempo. Por isso, Charaudeau afirma:

Há, então, uma ambiguidade quanto ao uso que se faz dessa noção, inclusive nos escritos científicos que lhe foram consagrados: de um lado, defende-se a ideia de que o estereótipo tem uma necessária função de estabelecimento do

elo social – a aprendizagem social se faria com a ajuda de ideias comuns repetitivas como garantias das normas do julgamento social; de outro, rejeita-se o estereótipo, já que ele deformaria ou mascararia a realidade. É bem difícil, nessas condições, tomar essa noção como central dentro da análise dos discursos sociais, salvo para assinalá-la como característica de certos fatos de discursos reveladores tal ou tal sujeito, dentro tal ou tal contexto situacional (CHARAUDEAU, 2017, p. 573).

Desse modo, o autor vai defender o trabalho do analista do discurso tomando por base a noção de imaginários sociodiscursivos. Para apresentar esse conceito, Charaudeau aborda primeiro a relação entre a linguagem e as noções do “real” e da “realidade” através da hipótese sobre o signo linguístico na linha de Saussure e Benveniste. De forma bem genérica, ele diz que “a realidade” “corresponde ao mundo empírico através de sua fenomenalidade, como lugar a-significante (e ainda a-significado), impondo-se ao homem em seu estado bruto aguardando ser significada”, contrapondo ao “real” que “refere-se ao mundo tal qual ele é construído e estruturado por atividade significativa do homem por meio do exercício da linguagem em suas diversas operações de nominação os seres do mundo, de caracterização de suas propriedades e de descrição de suas ações” (CHARAUDEAU, 2017, p. 574).

Posteriormente, Charaudeau explica como as representações sociais se manifestam como mecânica de construção do real. Para tanto, resgata o conceito de “representações sociais”, proposto por Serge Moscovici (2015), da Psicologia Social, e afirma que “as representações sociais são, como consequência, um modo de tomar conhecimento do mundo socialmente partilhado” (CHARAUDEAU, 2017, p. 575). Conclui esse pensamento dizendo que existem “‘representações partilhadas’, noção fundadora da atividade da linguagem, que repousa sobre a ideia da adesão de membros de um grupo aos valores comuns, que seria consenso para que pudessem se comunicar” (CHARAUDEAU, 2017, p. 575).

A partir daí, o autor apresenta a noção de imaginários sociodiscursivos, que será tomada pela Semiologia, a saber:

Uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva. Assim, o imaginário possui uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação (CHARAUDEAU, 2017, p. 578).

Segundo o autor, esses imaginários se estruturam em saberes de conhecimento e de crença. E “é a partir desses tipos de saberes, e sempre por meio da produção discursiva, que se

organizam os sistemas de pensamento conforme os princípios de coerência que criam teorias, doutrinas ou opiniões” (CHARAUDEAU, 2017, p. 580). Assim, os saberes de conhecimento:

Tendem a estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo. Uma verdade que existe fora da subjetividade do sujeito, ou que ao menos foi instalada no exterior do homem (*off topic*). Essa verdade repousa na existência dos fatos do mundo e na explicação dos fenômenos que são colocados frente ao homem e postos à sua consideração, em uma relação objetivante e enunciados sob a forma de um “ele-verdadeiro”, da parte de um sujeito da enunciação que se quer neutro, sem julgamento, desprovido de toda subjetividade, um enunciador abstrato, impessoal (CHARAUDEAU, 2017, p. 581).

Esse processo de construção do saber de conhecimento dá lugar a dois tipos de saberes: o saber científico e o saber de experiência. Os saberes de conhecimento que são socialmente reconhecidos como científicos seguem a estrutura supracitada, acrescentando-se que podem ser aferidos. É um saber que passa por um processo de construção que vai desde a elaboração de um método a um rigor de análise que busca se embasar tanto em uma teoria previamente elaborada racionalmente, como também em experiências e cálculos. Assim, é considerado um conhecimento com alto grau de legitimidade, ficando no campo do provado, portanto, de aceitabilidade. Por sua vez, o saber de experiência “constrói igualmente explicações sobre o mundo que se aplicam ao conhecimento do todo, mas sem nenhuma garantia de serem provadas: não possui procedimentos particulares nem instrumentos” (CHARAUDEAU, 2017, p. 582). Dessa forma, qualquer pessoa pode se valer desse conhecimento através de suposições, desde que tenha experienciado alguma coisa que possa fazer sentido no âmbito do que se quer conhecer/entender.

Já os saberes de crença estão associados a “avaliações, apreciações, julgamentos a respeito dos fenômenos, dos eventos e dos seres do mundo, seu pensamento e seu comportamento” (CHARAUDEAU, 2017, p. 582). Ou seja, o saber de crença surge do olhar do indivíduo, da sua perspectiva de análise. Por meio de sua capacidade de raciocínio, de reflexão, de seu comportamento e de suas vivências, o indivíduo apreende o mundo fazendo avaliações e julgamentos. Comparando as duas macro formas de saber, segundo Charaudeau (2017), podemos dizer que, enquanto os saberes de conhecimento se concentram no campo da objetividade, os de crença se concentram no da subjetividade.

O processo de construção do saber de crença dá lugar a dois tipos de saber: o saber de revelação e o saber de opinião. O saber de revelação “supõe a existência de um lugar de verdade exterior ao sujeito” (CHARAUDEAU, 2017, p. 583), e por essa verdade não poder

ser verificada, comprovada, ela exige adesão do indivíduo, que crê nessa ideia independentemente de ela poder ser comprovada ou não. Porém, “para que esse movimento de adesão encontre sua justificação, devem existir textos que testemunhem essa verdade mais ou menos transcendental” (CHARAUDEAU, 2017, p. 583). Esses textos têm um caráter sagrado, e servirão como referência absoluta dos valores aos quais se quer aderir. Os saberes de opinião estão associados à ideia de se tomar partido, bem como a um julgamento a respeito dos fatos do mundo. “Como no saber de crença, nele não é o mundo que se impõe ao sujeito, mas o sujeito que se impõe ao mundo” (CHARAUDEAU, 2017, p. 584).

A opinião resulta de um movimento de apropriação, da parte de um sujeito, de um saber dentre os saberes circulantes nos grupos sociais. Esse saber é, então, ao mesmo tempo pessoal e partilhado, e é por isso que não pode ser discutido. E, mesmo quando aparece sob uma enunciação generalizante, como no caso dos provérbios, máximas e ditados, o sujeito sabe que esse saber é discutível, como prova o fato de que a todo provérbio responde um contraprovérbio. Está sempre em questão um julgamento de verdade por trás do qual se encontra um ver geral, uma crença popular anônima, como que emanando de uma voz que se encontra por sobre os sujeitos (um metaenunciador); de modo algum uma voz da razão ou da ciência, mas uma voz coletiva em relação à qual o sujeito se posiciona (CHARAUDEAU, 2017, p. 584-5).

A partir do teórico supracitado e sua formulação sobre a formação dos imaginários sociodiscursivos, bem como dos tipos de saberes que os embasam, é possível concebermos o cenário que permitiu a formação desses imaginários das mulheres negras, colocando-as em posição de subalternidade. O cenário é o Brasil colonial, cuja sociedade foi estruturada sob o patriarcado e o escravismo. Sexismo e preconceito racial estão, portanto, indissociáveis de sua formação-base. Alguns desses imaginários se encontram explícitos em falas como a histórica e memorável frase apresentada por Gilberto Freyre, como um ditado popular acerca das mulheres em *Casa-Grande & Senzala*: “mulher branca para casar, mulata para fornicar e preta para trabalhar” (FREYRE, 1998, p. 48).

Com relação à representação da mulher negra, não só no âmbito da literatura canônica, mas também em diferentes ambientes de manifestações discursivas, sua imagem está atrelada às práticas servis e manuais, e seus corpos associados a um padrão de sexualização, como já foi abordado anteriormente, sendo, portanto, necessário compreender os objetos que são representados em um grupo social e qual realidade evocam. E se o que se evocam são imaginários que não deveriam mais corresponder à realidade dos nossos dias, uma vez que o colonialismo e a escravidão de povos africanos já foram abolidos há mais de dois séculos, existe, pois, a necessidade de novas imagens e discursos serem mobilizados nos

meios culturais com vistas à (re)formulação de novos imaginários, que não coloquem à margem as mulheres negras.

A escrita de Conceição Evaristo em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* demonstra estar consciente dessa situação, pois, nos enredos dos contos, vemos os imaginários sociodiscursivos das mulheres negras serem transgredidos. Cada conto sempre evoca alguns imaginários, e sabemos que estão implicitamente, ou até mesmo, explicitamente, relacionados ao universo discursivo das mulheres negras devido às pistas textuais presentes nas narrativas; ao fato de serem todas as protagonistas mulheres negras; e até mesmo à postura da narradora nos contos, como uma espécie de porta-voz que se posiciona ali para fazer com que aquelas vozes sejam ouvidas. .

Os imaginários sociodiscursivos que foram identificados nos contos de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, estejam eles expostos ou subentendidos, demonstram terem sido construídos a partir dos saberes de crença. Isso porque são imaginários que foram fundados não a partir de estudos científicos ou de uma visão técnica sobre os assuntos aos quais se reportam, mas com base no saber popular, sendo, deste modo, estruturados com base no saber de opinião (que é um dos componentes do saber de crença, conforme teoria supracitada). Isso porque, como foi dito, os saberes de opinião “resultam de um movimento de apropriação, da parte de um sujeito, de um saber dentre os saberes circulantes nos grupos sociais. Esse saber é, então, ao mesmo tempo pessoal e partilhado” (CHARAUDEAU, 2017, p. 584). Ou seja, esses imaginários foram sendo construídos paulatinamente em meio a uma sociedade colonial, patriarcal e escravocrata, e foram circulando nos grupos sociais, sendo partilhados entre os brasileiros. Tais imaginários são “um julgamento de verdade por trás do qual se encontra um ver geral, uma crença popular anônima, como que emanando de uma voz que se encontra por sobre os sujeitos (...) uma voz coletiva em relação à qual o sujeito se posiciona” (CHARAUDEAU, 2017, p. 585).

Apenas a título de exemplificação, pois no próximo capítulo, na análise dos contos, esses imaginários sociodiscursivos de que estamos falando serão identificados e analisados, podemos citar a questão do amor materno em *Saura Benevides Amarantino*. No conto que narra uma mulher que não consegue dedicar amor a uma das filhas, podemos nos questionar: de onde surgiu a ideia de que a mulher precisa devotar a um filho amor incondicional? Existe alguma prova científica de que é impossível a uma mulher não amar a um filho? Seria uma mulher menos humana, menos capaz de amar alguém, levando-se em consideração que ela não ama a um de seus filhos? Para todas essas perguntas, a resposta é simplesmente não.

Desse modo, se os saberes que deram origem às representações de mãe amorosa, formadores do imaginário sociodiscursivo de que toda verdadeira mãe ama seu filho incondicionalmente, não são saberes do conhecimento científico, eles estão pautados por crenças (saber de revelação e de opinião). Assim foram também estruturados os demais imaginários sociodiscursivos impressos nos contos de *Insubmissas Lágrimas*, sempre amparados nos saberes de crença, que foram se formando culturalmente a partir de visões preconceituosas e estereotipadas em torno das mulheres (negras).

2.4 A questão da identidade

Questões em torno do conceito de identidade e de como o ser humano a vivencia têm sido frequentemente levantadas devido à complexidade das diversas dimensões que envolvem o tema. Na Teoria Semiolinguística existe um espaço para discussão dessa temática, que está intimamente ligada ao contexto de definição e de formação dos imaginários sociodiscursivos. Desse modo, é de suma importância, ao se enredar pelo campo teórico dos imaginários sociodiscursivos, discutir a presença e o papel da identidade.

A Semiolinguística, enquanto ciência linguística voltada para o universo da palavra no discurso, estabelece *a priori*, como fundamento da competência comunicacional, a existência de duas identidades: uma que é social e outra que é discursiva. Desse modo, o analista do discurso precisa saber diferenciar o sujeito em sua esfera social do sujeito do discurso presente no enunciado proferido por ele. Essas dimensões identitárias do sujeito enunciator serão abordadas mais adiante, à medida em que seguirmos afunilando a discussão em direção aos sujeitos da linguagem. Nesse momento, faz-se necessário compreendermos o conceito de identidade²² em seu sentido mais amplo.

Charaudeau explica que a filosofia contemporânea define identidade como o fundamento do ser, pois:

A identidade é o que permite ao sujeito tomar consciência de sua existência, o que se dá através da tomada de consciência de seu corpo (um estar-aí no espaço e no tempo), de seu saber (seus conhecimentos sobre o mundo), de seus julgamentos (suas crenças), de suas ações (seu poder fazer). A identidade implica, então, a tomada de consciência de si mesmo (CHARAUDEAU, 2009, p. 1).

²² Que é o mesmo conceito de identidade cultural, segundo o autor, em uma publicação anterior (em 2005).

Logo, é na medida em que sujeito vai tomando consciência de si mesmo que sua identidade vai sendo formada. Tal processo só é possível a partir do princípio de alteridade, que se dá a partir do contato com o outro, ou seja, ao se tomar consciência da existência do outro em suas diferenças e semelhanças em relação a si mesmo. Assim:

A percepção da diferença do outro constitui de início a prova de sua própria identidade, que passa então a “ser o que não é o outro”. A partir daí, a consciência de si mesmo existe na proporção da consciência que se tem da existência do outro. Quanto mais forte é a consciência do outro, mais fortemente se constrói a sua própria consciência identitária (CHARAUDEAU, 2009, p. 1).

Enquanto volve o olhar para o outro, o sujeito percebe e é percebido, havendo assim uma troca, em que ocorrerá tanto o reconhecimento, quanto a diferenciação para com o outro, por meio de avaliações, o que, segundo o autor, “permite dizer que a identidade se constrói através de um cruzamento de olhares: ‘existe o outro e existo eu, e é do outro que recebo o eu’” (CHARAUDEAU, 2009, p. 1). Então vem a percepção da diferença do outro seguida de um sentimento de atração e de rejeição em relação ao outro. A atração surge em decorrência da necessidade que o sujeito tem de compreender como é possível haver alguém diferente dele, o que o faz se sentir incompleto: “daí a força subterrânea que nos move para a compreensão do outro; não no sentido moral, da aceitação do outro, mas no sentido etimológico de tomada do outro, de domínio do outro, que pode ir até sua absorção, sua “predação” como dizem os etólogos” (CHARAUDEAU, 2009, p. 1).

O processo de rejeição ocorre paralelamente ao de atração e se dá porque “a diferença percebida, mesmo sendo necessária, não deixa de ser, para o sujeito, uma ameaça” (CHARAUDEAU, 2009, p. 1). Nesse sentido, a diferença implicaria pôr em risco a própria sobrevivência do sujeito, visto que, para ele, é inadmissível aceitar o fato de que outras formas de pensamentos, de valores e/ou de crenças que possam ser melhores que as dele. Assim, surge a necessidade de tornar o outro um igual, ou anular a sua existência. Essa anulação pode ocorrer por meio da intolerância, da rejeição às suas ideias, condutas, valores e crenças, ou da adoção de posturas e de discursos que se oponham ao outro, a ponto de empurrá-lo para as margens do núcleo social. Charaudeau explica que, quando um julgamento negativo em relação ao outro “endurece e se generaliza, transforma-se num estereótipo, num clichê, num preconceito”, tendo estes “uma função de proteção, constituindo uma arma de defesa contra a ameaça que o outro, pela sua diferença, representa para o eu” (CHARAUDEAU, 2009, p. 1-2).

E nisso reside a grande contradição que dá origem à identidade: todo sujeito precisa um do outro para tomar consciência de si mesmo. No entanto, simultânea a essa necessidade do outro está o medo da diferença, o que faz com que se instaure uma desconfiança em relação ao outro, a ponto de querer fazer dele semelhante a si a fim de eliminar a diferença. O problema é que, quando o outro se torna igual, elimina-se a diferença, colocando em xeque a consciência identitária que só é viável a partir da percepção da diferença do outro. “Daí o jogo sutil de regulação que se instaura em todas as nossas sociedades (mesmo nas mais primitivas) entre aceitação e rejeição do outro, valorização ou desvalorização do outro, reivindicação de sua própria identidade contra a do outro” (CHARAUDEAU, 2009, p. 2)

Vale salientar que no processo de interação entre o si e o outro, a identidade vai se formando a partir das ações e dos julgamentos que os indivíduos realizam tanto de si quanto dos outros (CHARAUDEAU, 2005b). Assim:

O indivíduo e os grupos constroem suas identidades seja por meio de seus atos, seja por meio das representações que dão a seus atos. Estas representações tomam a forma de imaginários coletivos que testemunham valores que os indivíduos compartilham, valores por meio dos quais eles se reconhecem e que constituem sua memória identitária (CHARAUDEAU, 2005b, p. 5).

Portanto, são as representações, advindas de um processo no qual o sujeito está construindo a sua identidade, que darão forma aos imaginários sociodiscursivos de que temos discorrido neste estudo. Assim, vemos estabelecida a relação entre a identidade e os imaginários sociodiscursivos.

2.3.1 A relação entre identidade, essencialização e imaginários sociodiscursivos

Retomando a discussão que envolve os julgamentos negativos em relação ao outro no processo de rejeição quando se está formando a identidade, reportamo-nos à ideia de essencialização. No artigo *Reflexões sobre a identidade cultural*, Charaudeau explica que “a identidade cultural não é uma essência, mas um processo de descoberta de si que depende de uma relação com o outro, em um dado contexto socio-histórico e, assim, em perpétua renovação” (CHARAUDEAU, 2005b, p. 2).

As sociedades modernas apresentam processos de movimento no que tange à ideia de essencialização, visto que, ora vemos uma “desessencialização”, quando se percebe a consciência nos grupos sociais e se busca uma pacífica convivência, ora sobrevém uma

necessidade de “re-essencialização”, numa busca por uma essência cultural que seja capaz de identificar os grupos - uma espécie de busca por um “paraíso perdido” (CHARAUDEAU, 2005b). Decorre daí a ideia de que a identidade cultural é, ao mesmo tempo, estável e movediça, pois evolui com o tempo.

Quanto a essa “re-essencialização” que vemos se fortalecer em nossos dias, possivelmente, em parte, até como uma espécie de uma retaliação à globalização tão fortemente nos imposta, o autor comenta:

A identidade do grupo, não podendo se construir na ação nem na perspectiva de um “conjunto contra um outro inimigo”, remete-se a um passado que volta à memória, uma origem para a qual o grupo se volta com nostalgia e que deseja recuperar. Essa origem concretiza-se, aqui, em um território (Israel- Palestina); ali, em uma língua (o còrsego, o catalão, o basco); acolá, no ressurgimento de antigos costumes; mais adiante, numa etnia que foi miscigenada e que precisa ser purificada (Sérvia); ou, ainda, na releitura de valores religiosos (os integrismos e outros fundamentalismos islâmicos ou cristãos) (CHARAUDEAU, 2005b, p. 2).

E assim como a identidade é repleta de paradoxos, a essencialização também é. Se é positiva uma “re-essencialização” para se resistir de algum modo, aos processos de globalização e de homogeneização das massas, ou para ajudar um grupo a ressignificar sua existência a partir de um olhar para sua ancestralidade cultural, ou se ajuda as pessoas a se sentirem menos deslocadas nos espaços sociais, ao identificarem-se com determinados padrões de pensamento que as fazem se sentirem incluídas, é a mesma essencialização caracterizada, sobretudo, pela “concepção de identidade cultural como ‘essência nacional’, que as guerras serão produzidas” (CHARAUDEAU, 2005b, p. 1), que as representações depreciativas ganharão espaço, dando forma tanto aos estereótipos, quanto a imaginários sociodiscursivos negativos em torno de determinados grupos sociais, e que promoverão intolerância e segregacionismos.

A essencialização é, portanto, um elemento sempre tentando se entremeter nos processos de formação da identidade, seja na busca por um rompimento com a ideia, ou no inverso. Tal contexto se revela porque as representações sociais estão sempre carregando essencialismos, e são essas mesmas representações que estarão presentes na memória coletiva dos agrupamentos humanos dando forma aos imaginários sociodiscursivos – “a base dos imaginários socio-discursivos é o lugar de estruturação das diversas representações sociais” (CHARAUDEAU, 2009, p. 7). Assim, podemos afirmar que os imaginários sociodiscursivos carregam certa bagagem essencialista por serem originários das representações sociais.

2.3.2 Outras considerações acerca da identidade

Charaudeau (2009) traz o conceito de identidade direcionado para a compreensão de dois pontos-chaves da Teoria Semiolinguística: a relação indissociável entre identidade e imaginários sociodiscursivos, já que é a primeira que dá origem aos segundos; e a existência de duas identidades quando o sujeito toma a palavra, que é o fundamento da competência comunicacional, a saber, a identidade social e a identidade discursiva. Dessa forma, para adentrar no campo específico de como a tomada de consciência de si se entrelaça com os processos de identificação existentes no meio social na contemporaneidade, estaremos recorrendo, brevemente, a Stuart Hall (2011), com a perspectiva pós-colonial, e Homi Bhabha (1998), com a perspectiva decolonial - ambos com posições advindas dos estudos culturais. Esses fundamentos contribuirão para compreendermos alguns aspectos circunscritos no nosso *corpus* de análise no que tange às personagens dos contos e ao modo como se dá a transgressão dos imaginários sociodiscursivos na escrita evaristiana, quando se fizer necessário.

Considerado como o “pai” dos estudos culturais, embora o autor recue diante dessa autoridade que lhe é atribuída, Stuart Hall (2011) teoriza a identidade cultural, perspectiva da qual iremos partir. A questão da identidade que está sendo amplamente discutida na teoria social tem como essência o argumento de que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2011, p. 7). Essa concepção que reflete a “crise de identidade” pertence a um processo de mudança mais amplo, que desloca as estruturas, bem como os processos centrais das sociedades modernas, levando a uma desestabilização dos quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2011). Tal contexto leva à percepção de que, na modernidade, as identidades são deslocadas ou fragmentadas.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2011, p. 8).

Antes do século XX, a identidade era concebida como um processo biológico, diferentemente do que postulam os estudos culturais, que a vêem definida historicamente. Hall

explica que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas²³ ao redor de um “eu” coerente”. Ainda segundo o autor, existe em nosso interior, “identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2011, p. 13). Desse modo, ao passo que os sistemas representacionais e discursivos se movimentam na sociedade, ficamos diante de inúmeras identidades possíveis, com as quais podemos, ou não, nos identificar, ainda que por um curto espaço de tempo (HALL, 2011). Nesse sentido, tomando como exemplo a expressão “mulher negra”, teremos pelo menos três possibilidades de identificação possíveis: uma relacionada ao gênero, uma relacionada à etnia, e outra relacionada à classe²⁴. Evidentemente, não existe apenas um modo de ser ver a mulher, ou de se perceber em um grupo étnico. Essas diversas formas de estar no mundo, de se tomar consciência de si mesmo, vão dando forma a diferentes identidades as quais o sujeito poderá se identificar com as que mais lhe fizerem sentido.

Relacionando essa teoria com nosso *corpus* de análise, logo notamos o quanto é inoportuno e, até mesmo, inadmissível manter um olhar essencializador sobre as mulheres negras. Conforme essa perspectiva, podemos afirmar, inclusive, que não existe essa categoria “mulher negra” estanque, fixa, essencializada como sugerem as representações, e, por extensão, os imaginários. Até mesmo porque “uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2011, p. 13). O que existe é um discurso rígido, que ainda permeia a sociedade sob a forma de imaginários sociodiscursivos. Este surgiu no período colonial com o intuito de justificar o sistema escravagista e permanece até hoje, funcionando como um mecanismo de manutenção do poder hegemônico patriarcal e branco. Essa categorização nos obriga a discutir “mulheres negras”, pois, foi por meio de processos históricos, amparados por discursos discriminatórios dessas que neste trabalho estamos chamando de mulheres negras, que esse grupo social foi empurrado para as margens.

Levando em consideração a existência de identidades e a noção de que o sujeito da modernidade possui identidades fragmentadas, já que pode se definir a partir de diferentes identificações, podemos compreender que esse sujeito plural não tem um lugar fixo de definição. Nesse sentido, nos estudos culturais teremos os teóricos de fronteira, que irão

²³ Segundo a posição teórica de Stuart Hall (2011, p. 13), “se sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’”.

²⁴ Sabemos que falar em mulher negra é acionar mentalmente padrões de opressão ligados a gênero, a raça e a classe. Entretanto, não temos aludido com constância nesse trabalho à questão de classe, porque o livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, objeto de nossa análise, não salienta esse aspecto opressor, a não ser no último conto, mas não faz parte do nosso recorte de análise.

postular acerca desse ambiente fronteiriço no qual se encontra esse sujeito. Nesse sentido, vamos nos utilizar dos postulados propostos por Homi Bhabha (1998), uma vez que ele já vem sendo citado neste trabalho por suas contribuições na ordem do pensamento decolonial, no qual se enquadra esta pesquisa.

Bhabha (1998) lança mão da literatura para investigar os interstícios onde ocorrem as manifestações culturais. Por meio desse estudo, o autor corrobora que as identidades não são definidas pura e simplesmente pautadas nas especificidades de gênero, classe, raça etc., mas nas fronteiras de diferentes realidades – os entre-lugares.

Esses “entre-lugares” fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. É na emergência dos interstícios – a sobreposição de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de *nação* [*nationness*], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se forma sujeitos nos “entre-lugares”, nos excedentes da soma das “partes” da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero, etc.)? (BHABHA, 1998, p. 20).

O questionamento proposto pelo teórico é problematizado por meio das reflexões que ele apresenta no âmbito literário para desenvolver sua teoria. No livro, temos o exemplo de um certo personagem que, ao passar a viver em Angola, não será apenas português, pois comungará de uma existência em um país que, apesar de não ser sua terra natal, será seu lar, fazendo com que o mesmo apreenda características próprias desse novo lugar de habitação. Assim, será nesse lugar de interstício que o personagem encontrará sua identidade híbrida. Desse modo, os entre-lugares se mostram como novas alternativas políticas elaboradas pelos sujeitos numa dimensão sócio-histórica do ser.

Dessa forma, compreendemos que a modernidade nos apresenta um sujeito que é fluido, e que, por ocupar diferentes espaços de identificação identitária, encontra-se em um entre-lugar, num espaço de fronteira, o que não permite que ele seja definido unicamente por uma perspectiva. Assim, temos as personagens inscritas nos contos de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* protagonistas que são mulheres, negras, pobres, ricas, intelectuais, lésbicas, religiosas etc., interseccionadas, plurais, não essencializadas. São personagens que possuem identidades fragmentadas.

2.3.3 Identidade social e identidade discursiva na Teoria Semi linguística

Na Semiolinguística, “a identidade resulta de um mecanismo complexo que consiste na construção, não de identidades globais, mas de traços de identidades” (CHARAUDEAU, 2009, p. 2). Desse modo, ao questionar a natureza desses traços, Charaudeau demonstra, por meio de algumas situações, que a identidade do sujeito comunicante é compósita. Isso implica dizer que “essa identidade inclui dados biológicos (‘somos o que nosso corpo é’), dados psicossociais atribuídos ao sujeito (‘somos o que dizem que somos’), dados construídos por nosso próprio comportamento (‘somos o que pretendemos ser’)” (CHARAUDEAU, 2009, p. 3). No entanto, o autor elucida que, “como, do ponto de vista da significação, os dados biológicos adquirem as significações que os grupos sociais lhes atribuem, pode-se reduzir estes componentes a dois: o que chamaremos, por comodidade, de *identidade social* e o que chamaremos de *identidade discursiva*” (CHARAUDEAU, 2009, p. 3).

A identidade social precisa ser reconhecida pelos outros, visto que “é ela quem confere ao sujeito o seu ‘direito à palavra’, o que funda sua legitimidade” (CHARAUDEAU, 2009, p. 3). Essa legitimidade está associada à ideia de autorização que um sujeito tem de agir da maneira como age. Essa autorização é dada pelos demais membros da sociedade mediante a apreciação dos papéis sociais que determinam se o sujeito pode ou não tomar a palavra a depender da situação de comunicação. “A legitimidade depende de normas institucionais, que regem cada domínio da prática social e que atribuem funções, lugares e papéis aos que são investidos através de tais normas” (CHARAUDEAU, 2009, p. 3). Desse modo, se o sujeito enunciador não se mostrar legitimado para tomar a palavra, sofrerá descrédito, será rechaçado ou terá sua palavra ignorada.

Nesse sentido, o teórico diferencia os modos de o sujeito conseguir legitimidade de enunciação. Pode ser a partir de determinados domínios que, por si só, já legitimam o enunciador, a exemplo do domínio jurídico, que é regido por uma lógica da lei e da sanção, da obtenção do diploma em direito por parte dos atores e do *status* institucional de aquisição do ingresso na área, seja via concurso ou por nomeação (CHARAUDEAU, 2009). Dá-se, pois, pela força do reconhecimento dos membros de um grupo a um que se destaca dentre os demais por demonstrar competência acima da média. Assim, em nome de um “saber fazer”, se atribui uma “legitimidade da palavra”, a exemplo de um antigo desportista que se torna jornalista, ou do testemunho que permite falar em nome de uma experiência vivida (CHARAUDEAU, 2009), dentre outros.

É importante dizer que, segundo o teórico supramencionado, a identidade social é em parte determinada pela situação de comunicação: ela deve responder à questão que o sujeito

falante tem em mente quando toma a palavra. No entanto, esta identidade social pode ser reconstruída, mascarada ou deslocada a partir do modo como se revela por meio de sua identidade discursiva (CHARAUDEAU, 2009).

A identidade discursiva é “construída pelo sujeito falante para responder à questão: ‘*Estou aqui para falar como?*’. Assim sendo, depende de um duplo espaço de estratégias: de ‘credibilidade’ e de ‘captação’” (CHARAUDEAU, 2009, p. 4). “A credibilidade está ligada à necessidade, para o sujeito falante, de que se acredite nele, tanto no valor de verdade de suas asserções, quanto no que ele pensa realmente, ou seja, em sua sinceridade”, adotando, para tanto, uma atitude discursiva de neutralidade, de distanciamento ou de engajamento – “tais atitudes discursivas estão a serviço de uma atitude demonstrativa, a qual impõe argumentos e um certo modo de raciocínio que o outro deveria aceitar sem discussão” (CHARAUDEAU, 2009, p. 4). Já a captação diz respeito ao fato de o sujeito falante se fazer ouvido (ou atendido), mesmo sem estar em uma posição de autoridade em relação ao seu interlocutor, precisando, desse modo, persuadir ou seduzir o outro. Assim, esse sujeito necessitará adotar uma atitude discursiva polêmica, de sedução ou de dramatização.

Desse modo, é na identidade discursiva que os imaginários sociodiscursivos serão mobilizados compondo as enunciações.

A identidade discursiva se constrói com base nos modos de tomada da palavra, na organização enunciativa do discurso e na manipulação dos imaginários sociodiscursivos. Ao contrário da identidade social, a identidade discursiva é sempre algo “a construir- em construção”. Resulta de escolhas do sujeito, mas leva em conta, evidentemente, os fatores constituintes da identidade social (CHARAUDEAU, 2009, p. 4).

Logo, ao fazer uso de sua identidade discursiva, o sujeito enunciator estará reativando sua identidade social, mascarando-a ou deslocando-a. Cada uma dessas atitudes será tomada a depender da necessidade do sujeito falante de cumprir seu propósito comunicativo na situação de comunicação.

Relacionando, pois, identidade social e identidade discursiva, Charaudeau postula que, enquanto a primeira precisa ser “reiterada, reforçada, recriada, ou, ao contrário, ocultada pelo comportamento linguageiro do sujeito falante”, a segunda, para se construir, “necessita de uma base de identidade social”. Assim, “é pela sua combinação que se constrói o poder de influência do sujeito falante” (CHARAUDEAU, 2009, p. 3).

Nesse estudo, levaremos em consideração as identidades social e discursiva para analisar a identidade compósita do sujeito enunciator dos contos de *Insubmissas Lágrimas de*

Mulheres, a escritora Conceição Evaristo. Tal análise se efetuará na próxima seção, quando discutiremos os sujeitos da linguagem.

2.4 Os sujeitos da linguagem e o contrato de comunicação na Teoria Semiollinguística

A comunicação humana, ao contrário do que já foi postulado no universo dos estudos linguísticos, é um fenômeno complexo, pois não se restringe a apenas passar uma informação. Segundo Charaudeau:

“Comunicar” é proceder uma *encenação*. Assim como, na encenação teatral, o diretor de teatro utiliza o espaço cênico, os cenários, a luz, a sonorização, os comediantes, o texto para produzir *efeitos de sentido* visando um público imaginado por ele, o locutor – seja ao falar ou ao escrever – utiliza componentes do dispositivo da comunicação em função dos efeitos que pretende produzir no seu interlocutor (CHARAUDEAU, 2016, p. 68).

Como se pode perceber, a comunicação só se efetiva mediante uma encenação que diz respeito a todos os mecanismos que precisam entrar em jogo quando se tem uma intenção comunicativa. Será, desse modo, partindo de um princípio de intencionalidade que se estabelecerá o contrato de comunicação.

Mas, antes de pensar em como se estabelece o contrato de comunicação, é importante mencionar o que Charaudeau postula acerca do duplo processo de semiotização do mundo. O primeiro é o processo de transformação que, “partindo de um ‘mundo a significar’, o transforma em um ‘mundo significado’ sob a ação de um sujeito falante” (CHARAUDEAU, 2005a, p. 2). O segundo é o processo de transação, que “faz deste ‘mundo significado’ um objeto de troca com um outro sujeito que desempenha o papel de destinatário desse objeto” (CHARAUDEAU, 2005a, p. 2). Será por meio das operações de transformação, consideradas no quadro situacional imposto pelo processo de transação, que se efetivará a construção de um contrato de comunicação.

Assim, o processo de transformação compreende quatro tipos de operação:

A *identificação*, pois é necessário apreender no mundo fenomênico os seres materiais ou ideais, reais ou imaginários, conceitualizá-los e nomeá-los para que se possa falar deles. Os seres do mundo são transformados em “identidades nominais”.

A *qualificação*, pois estes seres têm propriedades, características que, a um só tempo, os discriminam, os especificam e motivam sua maneira de ser. Os seres do mundo são transformados em “identidades descritivas”.

A *ação*, pois estes seres agem ou sofrem a ação, inscrevendo-se em esquemas de ação conceitualizados que lhes conferem uma razão de ser, *ao*

fazer alguma coisa. Os seres do mundo são transformados em “identidades narrativas”.

A *causação*, pois estes seres, com suas qualidades, agem ou sofrem a ação em razão de certos motivos (humanos ou não humanos) que os inscrevem numa cadeia de causalidade. A sucessão dos fatos do mundo é transformada (explicada) em “relações de causalidade” (CHARAUDEAU, 2005a, p. 2).

Nesse sentido, as operações a que o processo de transformação se refere estão associadas às classes gramaticais de uma língua e como as palavras se organizam em um enunciado para estabelecer determinados sentidos. Por exemplo, na identificação, podemos dizer que temos como classe gramatical os substantivos; na qualificação, temos, sobretudo, os adjetivos; na ação, os verbos; e no estabelecimento de causas, as conjunções. Isso gramaticalmente falando, pois, no interior das frases e dos discursos, outras classes gramaticais podem, a partir do contexto, ter essas mesmas funções mencionadas como tipos de operações.

Já o processo de transação se realiza de acordo com os seguintes princípios, que estão na base do postulado de intencionalidade:

O *princípio de alteridade*: todo ato de linguagem é um fenômeno de troca entre dois parceiros (quer estejam diante um do outro ou não) que devem reconhecer-se como semelhantes e diferentes. São semelhantes porque, para que a troca se realize, é necessário que tenham em comum *universos de referência* (saberes compartilhados) e *finalidades* (motivações comuns); são diferentes porque o outro só é perceptível e identificável na dissemelhança, e porque cada um desempenha um papel particular: de sujeito emissor-produtor de um ato de linguagem (o *sujeito comunicante*), de sujeito receptor-interpretante deste ato de linguagem (o *sujeito interpretante*). Assim, segundo este princípio, cada um dos parceiros está engajado num processo recíproco (mas não simétrico) de reconhecimento do outro, numa interação que o legitima enquanto tal - o que é uma condição para que o ato de linguagem seja considerado válido. Este princípio é o fundamento do aspecto *contratual* de todo ato de comunicação, pois implica um reconhecimento e uma legitimação recíprocos dos parceiros entre si.

O *princípio de pertinência*: segundo esse princípio, os parceiros do ato de linguagem devem poder reconhecer os universos de referência que constituem o objeto da transação linguageira. Isto é, como já destacamos no princípio precedente, eles devem poder compartilhar - mas não necessariamente adotar - os saberes implicados no ato de linguagem em questão: saberes sobre o mundo, sobre os valores psicológicos e sociais, sobre os comportamentos, etc. Este princípio exige então que os atos de linguagem sejam apropriados (no sentido de P. Grice) a seu *contexto* (no sentido de Sperber e Wilson) e, nós acrescentamos, à sua *finalidade* (ver abaixo), o que confirma o aspecto contratual do dispositivo sociolinguageiro.

O *princípio de influência*: todo sujeito que produz um ato de linguagem visa atingir seu parceiro, seja para fazê-lo agir, seja para afetá-lo emocionalmente, seja para orientar seu pensamento. Por conseguinte, todo sujeito receptor-interpretante de um ato de linguagem sabe que é alvo de

influência. Isto confere a este último a possibilidade de interagir, mas obriga os parceiros a levar em consideração a existência de restrições ao exercício da influência. A *finalidade intencional* de todo ato de linguagem se acha, pois, inscrita no dispositivo sociolinguageiro.

O *princípio de regulação*: está estreitamente ligado ao princípio de influência, pois a toda influência pode corresponder uma contra-influência. Tal princípio faz parte, consciente ou inconscientemente, daquilo que os parceiros sabem a respeito do ato de linguagem de que participam. Para que a troca implícita ao ato de linguagem não termine em confronto físico ou em ruptura de fala, ou seja, para que ela prossiga e chegue a uma conclusão, os parceiros procedem à « regulação » do jogo de influências. Para isso, eles recorrem a estratégias no interior de um quadro situacional que assegure uma intercompreensão mínima, sem a qual a troca não é efetiva. Este *espaço de estratégias* está inscrito, igualmente, no dispositivo sociolinguageiro (CHARAUDEAU, 2005a, p. 2).

Os processos de transformação e de transação realizam-se de modos diferentes, mas são solidários entre si. Charaudeau diz que há uma pertinência hierarquizada entre eles, pois as operações do processo de transformação não se fazem livremente. “Elas são efetuadas sob ‘liberdade vigiada’, sob o controle do *processo de transação*, /.../ o qual confere às operações uma orientação comunicativa, um sentido” (CHARAUDEAU, 2005a, p. 3). Isto posto, as “operações de transformações devem ser consideradas no quadro situacional imposto pelo processo de transação, quadro que serve de base para a construção de um ‘contrato de comunicação’” (CHARAUDEAU, 2005a, p. 3). Para exemplificar, podemos usar a frase: “vamos abrir com chave de ouro”. Processos de transformação foram empregados para a estruturação desse enunciado, mas quem vai realmente definir o que essa frase significa é o processo de transação, pois permitirá ao destinatário, por meio da situação de comunicação e do contrato estabelecido, saber se se trata de uma chave feita de ouro que será usada para abrir algo, ou de um chavão usado corriqueiramente nas conversações significando o início bem-sucedido de alguma coisa.

Assim, o sujeito comunicante fará uso de contratos e de estratégias a fim de obter sucesso em seu propósito de estabelecer comunicação. Isto posto, “a noção de contrato pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações languageiras dessas práticas sociais” (CHARAUDEAU, 2016, p. 56). Dessa forma, o sujeito comunicante pode supor que o outro esteja em um nível de reconhecimento de sua fala capaz de compreender adequadamente a mensagem. Já a noção de estratégia diz respeito ao fato de o sujeito comunicante conceber, organizar e encenar suas intenções com vistas a persuadir ou a seduzir o sujeito interpretante. Para conseguir tal propósito, ele pode lançar mão da fabricação de uma

imagem real (na qual ele partirá de um lugar de verdade que tem força de lei em relação ao sujeito), ou de uma imagem de ficção (na qual partirá de um lugar de identificação do sujeito com um outro) (CHARAUDEAU, 2016).

Sucintamente, assim Charaudeau define o contrato de comunicação:

Ritual sociolinguageiro do qual depende o implícito codificado e o definimos dizendo que ele é constituído pelo conjunto das restrições que codificam as práticas sociolinguageiras, lembrando que tais restrições resultam das condições de produção e de interpretação (circunstâncias do discurso) do ato linguageiro. O contrato de comunicação fornece um estatuto sociolinguageiro aos diferentes sujeitos da linguagem (CHARAUDEAU, 2016, p. 60).

Em suma, sempre que os sujeitos buscam estabelecer comunicação, essa só se efetivará a contento se houver esse acordo tácito entre os sujeitos da linguagem, que é o contrato de comunicação.

Chegamos ao momento de definir quem são os sujeitos da linguagem na Teoria Semiolinguística:

Designando por EU o sujeito produtor do ato de linguagem, e por TU o sujeito-interlocutor desse ato de linguagem, definiremos que: o TU não é um simples receptor de mensagem, sim um sujeito que constrói uma interpretação em função do ponto de vista que tem sobre as circunstâncias de discurso e, portanto, sobre o EU (interpretar é sempre instaurar um processo para apurar as intenções do EU). Correlativamente, esse TU-interpretante (TU') não é o mesmo que o TU-destinatário (TU) ao qual se dirige o EU. Como consequência, o TU', ao fazer a sua interpretação, reflete o EU com uma imagem diferente daquela que o EU acreditava (queria?) ter. Em outras palavras, o EU dirige-se a um TU-destinatário que o EU acredita (deseja) ser adequado ao seu propósito linguageiro (a "aposta" contida no ato de linguagem). No entanto, ao descobrir que o TU-interpretante (TU') não corresponde ao que havia imaginado (fabricado), acaba por descobrir-se como um outro EU (EU'), sujeito falante suposto (fabricado) pelo TU-interpretante (TU') CHARAUDEAU, 2016, p. 44).

Como se pode notar, um ato de comunicação envolve parceiros em um encontro dialético, no qual vemos dois processos. Um processo de produção, criado por um EU e que é dirigido a um TU-destinatário; e um processo de interpretação, criado por um TU'-interpretante que constrói a imagem EU' do locutor (CHARAUDEAU, 2016). Esse EU', a saber, um EU cuja imagem é construída pelo TU' e que representa uma imagem diferente da que esse EU possivelmente tenha projetado, conduz-nos a entrar nos dois desdobramentos do sujeito que toma a palavra em uma encenação de comunicação. Esse sujeito é o EU que

está descrito acima, e seu desdobramento se dá em ele ser um sujeito enunciador, designado por EUE, que se opõe ao EU produtor da fala, ou comunicante, designado por EUC.

Retomando a discussão implementada na seção anterior, esse EUE (EU-enunciador) se utiliza de uma identidade discursiva que necessita lançar mão de estratégias de credibilidade e de captação. Já o EUC (EU-comunicante) se apropria da sua identidade social, que lhe dá o direito à palavra através de uma legitimidade na esfera social que lhe autoriza a fala.

O sujeito destinatário, que mencionamos acima como o TU, também se desdobrará em dois sujeitos. Assim, o TUD (TU-destinatário) é “o interlocutor fabricado pelo EU como destinatário ideal, adequado ao seu ato de enunciação. /.../ Assim, sempre haverá um TUD presente no ato de linguagem, quer esteja explicitamente marcado, quer não” (CHARAUDEAU, 2016, p. 45). Já o TUI (o TU’ citado acima), ou TU interpretante, “é, ao contrário, um ser que age fora do ato de enunciação produzido pelo EU” (CHARAUDEAU, 2016, p. 46). Isso significa dizer que ele não intervenha no processo comunicativo, até porque, esse jogo entre os participantes se estabelece entre todos os que estão discriminados. Na verdade, esse “TUI é o responsável pelo processo de interpretação que escapa do domínio do EU” (CHARAUDEAU, 2016).

Charaudeau propôs um quadro a fim de demonstrar como se organiza o ato de linguagem e os sujeitos participantes:

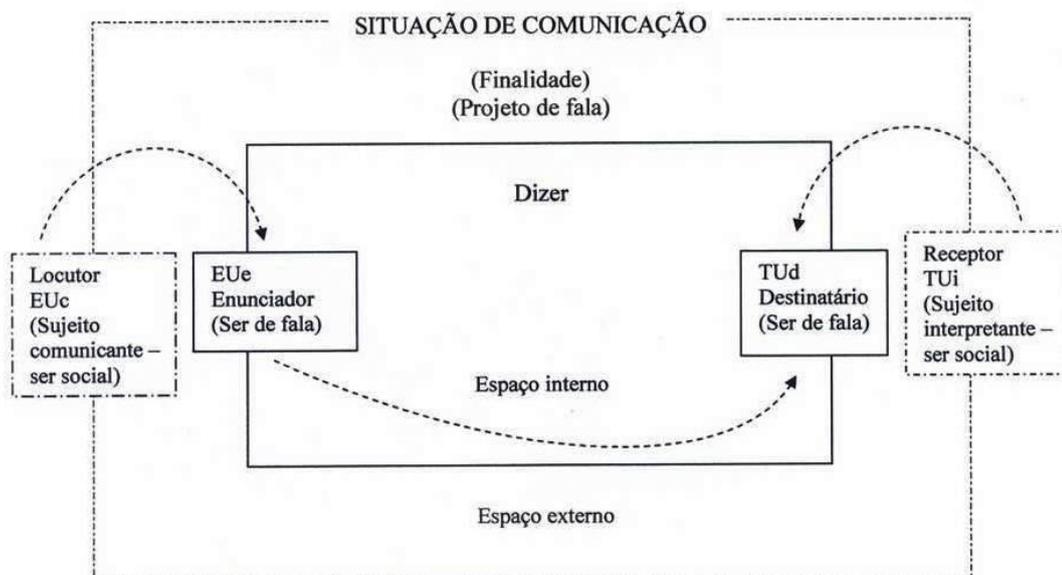


Figura 2 – Quadro dos sujeitos da linguagem.

Fonte: Charaudeau ([2008] 2016, p. 52).

Inicialmente, como se pode ver na parte superior do quadro, temos a situação de comunicação. A situação é externa ao ato de linguagem e constitui as condições de realização desse ato, envolvendo, portanto, características físicas (os parceiros e o canal de transmissão), características identitárias dos parceiros e características contratuais (contrato de troca – dialogal, ou não troca – monologal) (CHARAUDEAU, 2016).

Segundo Machado e Mendes (2013, p. 6), o modo como se concebe o sujeito mostrado no esquema sugere uma reflexão acerca do nosso próprio “fazer analítico-discursivo: o pesquisador está sempre em uma posição de Tu-interpretante e, como tal, sujeito a graus variáveis de compreensão do que o outro enuncia”. Ainda conforme as autoras, esse quadro revela a afirmação do autor em um modelo polifônico, cuja proposta retrata “a vontade de definir um sujeito não mais único, mas fragmentado numa multiplicidade de vozes e papéis sociais, bem como papéis discursivos” (CHARAUDEAU, 2016, p. 7). Notamos, assim, como a perspectiva charaudeana dialoga com os estudos culturais já mencionados acerca da teoria em torno da ideia de identidades fragmentadas, proposta por Hall (2011), e de espaços de fronteira propostos, por Bhabha (1998). O discurso, como se pode ver, se constitui como um modo de percebermos como essas identidades se cruzam por meio dos trânsitos sociais efetuados pelos sujeitos, manifestando-se por meio da comunicação.

2.5 Análise dos sujeitos da linguagem no discurso ficcional e o contrato de comunicação em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*

É importante acordar, desde já, que pretendemos aqui somente visualizar como se estabelece o contrato de comunicação no discurso ficcional na obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, e perceber como se posicionam no discurso os sujeitos da linguagem, o que nos possibilita, além de compreender as estratégias mobilizadas para a escrita de Conceição Evaristo, alcançar seu público leitor e demonstrar como se dá essa legitimação discursiva presente no texto literário, que autoriza o sujeito a enunciar sobre qualquer temática, penetrando diferentes espaços identitários, mesmo que esse mesmo sujeito não compartilhe de experiências típicas de todos os lugares de enunciação aos quais se reporta em seu discurso. Desse modo, são apenas esses os propósitos de adentrarmos nessa área específica da Teoria Semiolinguística, já que o carro-chefe do nosso estudo são os imaginários sociodiscursivos.

Em decorrência da plasticidade inerente ao quadro supracitado, os estudiosos da Teoria Semiolinguística no Brasil propuseram sua extensão a fim de incluir o discurso

ficcional, permitindo que os textos literários também sejam analisados discursivamente sob o viés dessa teoria. O novo esquema propõe a “fusão de Peytard (1983) e Charaudeau (1983 e demais publicações) a partir da inserção da figura do *scriptor* no quadro dos sujeitos da linguagem, com o objetivo de se trabalhar o texto literário via análise do discurso” (MACHADO; MENDES, 2013, p. 7). Assim,

Vale dizer que para Peytard (1983) o *scriptor* é uma instância ergo-textual, ou seja, discursiva, que organiza e constrói o texto literário. Na nossa concepção, que expande um pouco a concepção de Peytard (1983), o *scriptor* é um ser de papel que perpassa gêneros que têm predominância do modo de organização narrativo do discurso, conforme definição dos modos de organização em Charaudeau (2008b) (MACHADO; MENDES, 2013, p. 7).

Segundo a autora, “grosso modo, esses sujeitos (locutor e interlocutor) corresponderiam às entidades “scripteur et lecteur” (*scriptor* e leitor) de um esquema proposto por J. Peytard (1983), que baseou-se, para tanto, em W. Yser, e às entidades “narrador e narratário” de G. Genette” (MACHADO; MENDES, 2013, p. 7).

Assim ficou o quadro²⁵ proposto pelas linguistas brasileiras:

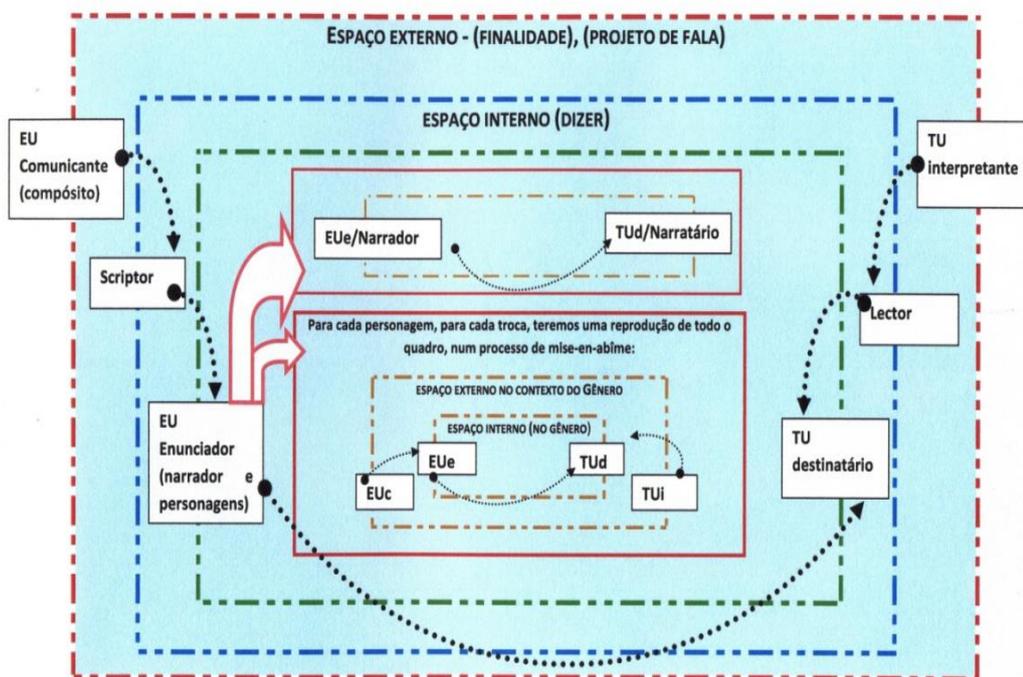


Figura 3 – Quadro proposto por Machado e Mendes.
Fonte: Machado e Mendes (2013, p. 8).

²⁵ É válido dizer que, a princípio, esse quadro foi pensado para o trabalho a partir de gêneros literários de estatuto ficcional. No entanto, observou-se que o mesmo também se aplicava a vários gêneros de estatuto factual que tivessem o modo de organização do discurso na forma narrativa inclusa em estrutura (MACHADO; MENDES, 2013).

Aplicando a obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* ao quadro formulado por Machado e Mendes, teremos:

CONTRATO DE COMUNICAÇÃO

Situação de comunicação: Monológica: Leitura de um livro

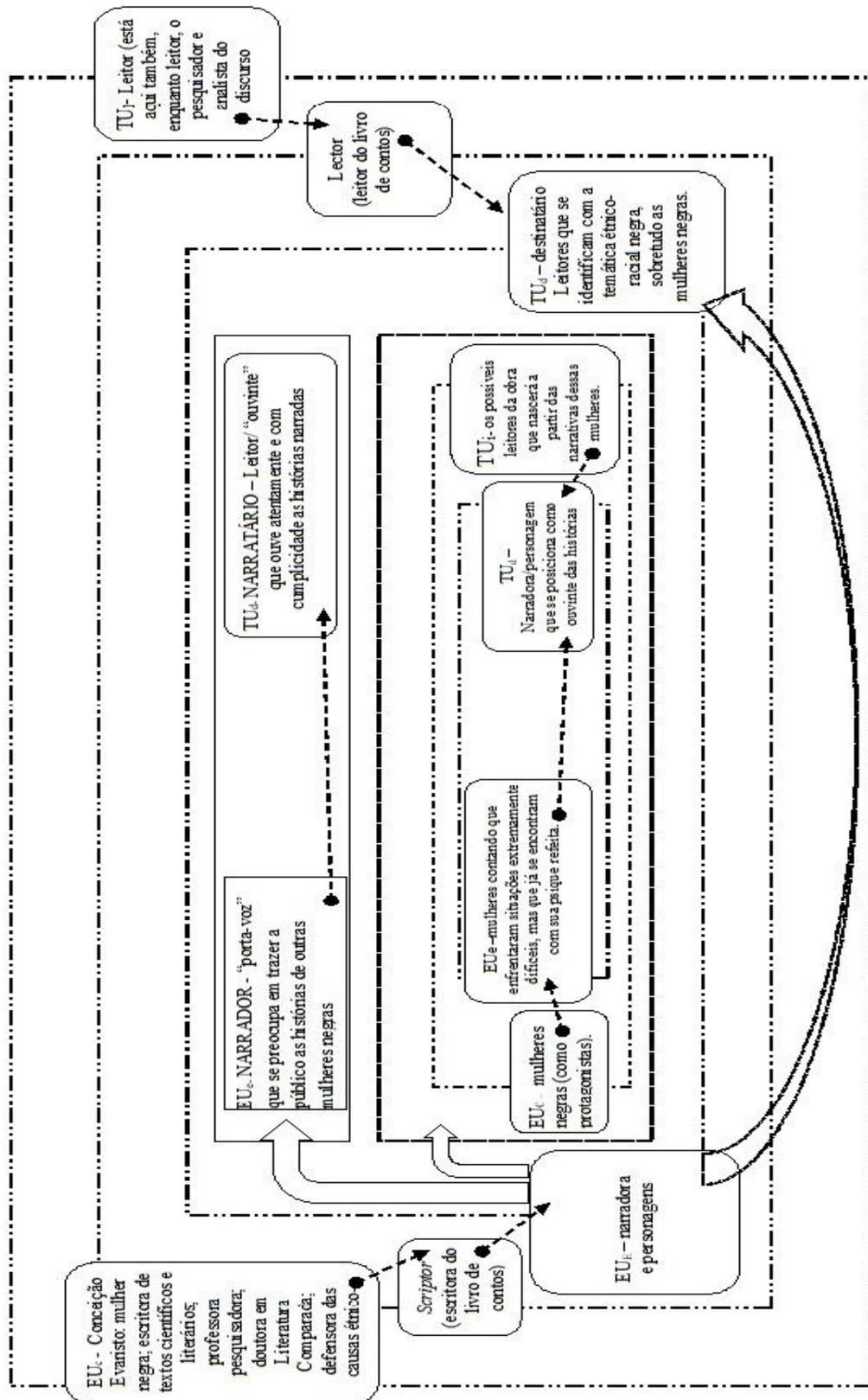


Figura 4 – Contrato de comunicação.
Fonte: Adaptada de Machado e Mendes (2013, p. 8)

Como se pode ver, o sujeito comunicante (EUc) é um sujeito compósito: Conceição Evaristo é uma mulher negra, escritora de textos literários e científicos, professora pesquisadora, doutora em Literatura Comparada, defensora das causas étnico-raciais negras. Essa composição se dá no circuito externo do esquema representacional e corresponde à identidade social do sujeito comunicante. Além disso, quando esse sujeito se propõe a escrever um livro de contos, nesse EUc de natureza compósito teremos que agregar a equipe editorial que se encontra compreendida na figura do papel social de escritora, visto que, para que um livro seja publicado, há toda uma equipe com diferentes funções agindo de modo colaborativo.

Do outro lado, no circuito externo, temos o TU_i, que corresponde ao leitor de modo abrangente - qualquer leitor que se proponha a ler o livro. Entra aqui, inclusive, a figura do pesquisador, do analista do discurso, pelo fato de o TU_i agir fora do ato de enunciação produzido pelo EU.

O gênero conto passa por um trabalho textual que o *scriptor* organiza. “Ele é considerado aqui um ser de papel responsável enquanto função de organização discursiva do gênero, por um projeto de fala” (MACHADO; MENDES, 2013, p. 8). Logo, esse *scriptor*, consubstancia-se na figura do escritor dos contos (nesse caso, uma escritora), alguém capaz de dar vida às personagens e estruturar o enredo, pois, dominando a estrutura do gênero, possui competência de escrita, e, por sua capacidade criativa, possui a competência da criação ficcional.

Do outro lado nesse esquema está o *lector*. Trata-se do leitor do livro de contos. Todo escritor escreve para alguém ler. Esse leitor é, apenas, o interlocutor desse EU escritor.

Nesse esquema representacional de um contrato de comunicação ficcional, diferente de como ocorre no esquema original de Charaudeau ([2008] 2016), em que temos dois desdobramentos do EU e dois do TU, teremos o *scriptor* na zona intermediária entre EUc e EUe, e o *lector* na zona intermediária entre TU_i e TU_d. Assim sendo, dessas duas categorias originam um novo quadro, que se desdobra dentro do quadro maior que é o do gênero conto, ilustrando a metáfora das bonecas russas (MACHADO; MENDES, 2013, p. 7).

O EUe encontra-se no circuito interno da situação de comunicação e é um desdobramento do *scriptor*. Ele dá origem a um novo quadro com novos participantes, os quais são o narrador e os personagens. Do lado oposto, o *lector* apenas manterá um TU-destinatário no circuito interno, porém, ele não dá origem a outro TU devido à própria estrutura do esquema, no discurso ficcional. Esse TU_d corresponde ao interlocutor fabricado

pelo EU como destinatário ideal, adequado ao seu ato de enunciação. Assim, no caso da obra em análise, é perceptível que esse TUD se compõe pelos leitores que se identificam com a temática étnico-racial negra, sobretudo, a das mulheres negras.

O EUE/narrador(a) é uma mulher negra que se posiciona discursivamente como uma porta-voz de outras mulheres negras que se interessem em fazer suas histórias conhecidas. Nos contos, ela se personifica em uma mulher que está na cidade das protagonistas, ora se dirigindo a casa dessas mulheres para “colher” histórias, ora hospedada em um hotel e recebendo aquelas que a procurassem. Esse EUE/narrador(a) é a identidade discursiva, proposta pelo EUC para alcançar seu propósito comunicativo. Assim, a identidade discursiva do sujeito enunciador se realiza nesse lugar do quadro comunicacional.

No outro lado, temos um TUD narratário que se estabelece como um ouvinte atento e curioso a essas narrativas apresentadas pela narradora. Em alguns momentos, percebemos que a narradora narra os encontros com as personagens ao narratário com leveza e cumplicidade, aproximando o TUD narratário da situação narrada.

No quadro central, temos novamente um EUC e EUE, agora direcionado às personagens. O EUC personagem compõe-se pelas mulheres negras como protagonistas. Do lado oposto, o TUI das personagens são os possíveis leitores da obra que nascerá a partir das narrativas dessas mulheres. O EUE personagem são mulheres que contam como enfrentaram situações extremamente difíceis, mas que já se encontram com sua psique refeita, portanto, prontas para revelarem suas histórias. Do outro lado, o TUD das personagens é a narradora personificada em escritora/ouvinte de histórias para usá-las como inspiração para seus contos.

Assim, vimos como se estabelecem os sujeitos da linguagem no contrato de comunicação firmado no livro de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Vimos que a ficção foi a estratégia de persuasão/sedução empregada, na qual o sujeito enunciador parte de um lugar de identificação do sujeito com um outro. E que a situação de comunicação foi monológica, pois se trata de um livro.

CAPÍTULO III

UMA INTERPRETAÇÃO SEMIOLINGÜÍSTICA DOS CONTOS *ISALTINA CAMPO BELO*, *MARY BENEDITA* E *SAURA BENEVIDES AMARANTINO*

Nesse capítulo, temos como objetivo central efetuar a análise propriamente dita dos contos selecionados como nosso *corpus* de estudo. Aqui analisamos de que maneira a escrita de Conceição Evaristo transgride os imaginários sociodiscursivos da mulher negra por meio desses contos. Isto posto, o primeiro passo é expor o modo como as mulheres negras vêm sendo representadas na literatura canônica, evocando imaginários sociodiscursivos que essencializam as identidades dessas mulheres. Para que essa exposição fique a contento, consideramos relevante, de início, esclarecer o que é o cânone literário, além de comentar acerca dos questionamentos que são feitos por estudiosos do universo literário da contemporaneidade quanto ao modo como o cânone literário ocidental foi eleito. Os questionamentos surgem em decorrência da observância da ausência de autores pertencentes às classes minoritárias, apesar de muitos deles terem produzidos obras com grande potencial estético e expressivo.

Tendo colocado a questão das representações das mulheres negras na literatura canônica brasileira, apresentamos o segundo item deste capítulo: a análise do conto *Isaltina Campo Belo*, na qual destacamos duas temáticas, visto que se mostraram de sobremodo proeminentes – a heterossexualização e a lesbianidade. Em seguida, analisamos o conto *Mary Benedita*, em que tratamos os temas intelectualidade, patriarcado e a ressignificação do sangue menstrual. E, por fim, analisamos a questão da maternidade em *Saura Benevides Amarantino*.

3.1 A literatura canônica e o imaginário de mulher negra

No momento em que nos reportamos ao estudo dos textos literários, observando a historiografia literária e a presença de determinados autores elencados entre os clássicos, estaremos nos deparando com o cânone²⁶ literário. Isso porque, estaria presente no cânone aquelas obras (e, respectivamente, seus autores) as quais se costuma chamar de “boa literatura”. De acordo com a crítica literária brasileira Leyla Perrone-Moisés, a “palavra *cânone* vem do grego *kánon*, através do latim *canon*, e significava ‘regra’. Com o passar do

²⁶ É importante esclarecer que tudo o que falaremos nessa seção acerca do cânone estará restrito apenas ao que se associa à cultura dita ocidental.

tempo, a palavra adquiriu o sentido específico de conjunto de textos autorizados, exatos, modelares” (PERRONE-MOISÉS,1998, p. 61). Intelectuais associados ao campo literário, os chamados críticos literários, através de certos critérios, determinam quais textos serão considerados clássicos. Estes textos e/ou autores vão compor o cânone. Acerca dessa questão, a autora afirma:

Os autores chamados “clássicos” constituem uma “nobreza cujos exemplos são leis para o povo”, e “uma fonte a *posteriori* do gosto” (*Crítica do juízo*, § 32). Trata-se de um “critério empírico fraco”, mas é o de que dispomos para conseguir alguma unanimidade de juízo. O modelo supremo, o “arquetipo do gosto”, é apenas o ideal de “um máximo que não pode ser representado por conceito, mas somente numa apresentação singular” (§ 17). Os “clássicos” são exemplos de uma regra universal impossível de enunciar (§ 18) (PERRONE-MOISÉS,1998, p. 63).

Como se pode perceber nas colocações de Perrone-Moisés, dizer por que um clássico é um clássico é uma tarefa demasiadamente difícil, visto que eles teriam sido assim eleitos por meio de “uma regra universal difícil de enunciar”, que estaria ligada a uma espécie de “arquetipo de gosto”. Ao se reportar à escolha dos clássicos no século XX, a crítica literária afirma:

Chegados ao século XX, deparamos com o fenômeno dos escritores-críticos. Suas escolhas não são ditadas por nenhuma autoridade institucional, mas pelo gosto pessoal, justificado por alguns argumentos estéticos e pela própria prática, é o que a humanidade herdou do romantismo teórico-crítico. Apesar de assumirem a precariedade de suas escolhas, os escritores-críticos modernos têm a preocupação pedagógica de fornecer aos mais jovens um currículo mínimo de leituras formadoras, e esse traço pedagógico está presente em qualquer listagem de autores, desde a Antiguidade (PERRONE-MOISÉS,1998, p. 63).

Em decorrência desses critérios, praticamente “inquestionáveis”, pelo seu caráter “universal” de beleza, ou pela sua natureza “pedagógica” de categorização, as obras e os autores são legitimados pelo cânone e, por isso, ganham destaque no espaço literário e são indicados como “boa literatura” no meio social, sobretudo, na ambiência escolar. Além disso, por esses autores e obras serem considerados, a partir da canonização, como sendo superiores, os que não estiverem elencados entre eles poderão ser inferiorizados, menosprezados ou, até mesmo, invisibilizados para o público mais geral. Nesse sentido, um olhar mais atento para as obras inscritas no cânone literário brasileiro nos permitirá a percepção de questões muito sérias como, por exemplo, a presença de segregações e preconceitos raciais.

Fábio Martins Moreira (2011a, p. 19), na pesquisa *O cânone literário brasileiro: preconceito e eugenia em o Presidente Negro, de Monteiro Lobato* afirma que devido à sua importância representacional, “o cânone literário se torna alvo de muitos estudos e questionamentos, em particular no que diz respeito aos seus critérios de seleção, legitimação e exclusão”. No estudo, o autor defende que seja questionado o processo de canonização de autores e obras, porque:

Dentro de um sistema de articulação de interesses produzidos por aqueles que detêm poder social, intelectual e financeiro, a eleição das obras clássicas representa igualmente a exclusão de uma grande gama de textos, por meio de mecanismos e razões que extrapolam o âmbito literário e suas questões estéticas. Neste sentido, a noção de “sugestão” atribuída à função do cânone se distancia quanto mais se aproxima de uma “imposição” manipulada por indivíduos detentores de poder (MOREIRA, 2011a, p. 19).

Após uma discussão acerca dos critérios de eleição dos clássicos, em que Moreira traz à tona o pensamento de outros autores, ele afirma que “o perfil predominante na literatura canônica está ligado ao patriarcalismo, ao arianismo, ao heterossexualismo e ao cristianismo. A percepção de ‘boa literatura’ está ligada à ‘boa cultura’, desprezando o diferente” (MOREIRA, 2011a, p. 20). Nesse sentido, ela “está a serviço dos mais poderosos, estabelecendo hierarquias rígidas no todo social e funcionando como uma ferramenta de dominação” (REIS, 1992 *apud* MOREIRA, 2011a, p. 20). Isto posto, entendemos que existe, intrínseco ao grupo dominante, uma linha ideológica que norteia as escolhas e os padrões de pensamento daqueles que têm o poder de eleger uma obra ou um autor ao patamar de clássico da literatura.

Após uma atenta leitura de todo o estudo implementado pelo autor, notamos que o objetivo da sua discussão não é retirar da lista da literatura canônica os escritores consagrados pela crítica literária, tampouco eleger qualquer autor ou obra sem estar atento a padrões estéticos que determinem a qualidade dos textos, mas sim, deixar claro que, muitas vezes, obras ou autores foram ignorados pelo simples fato de não se enquadrarem em um determinado perfil, o que está muito mais ligado a uma certa linha ideológica do que a um padrão estético. Nesse sentido, Moreira (2011a, p. 23) reitera que “as obras protegidas pelo aval do cânone gozam de uma relativa segurança no que tange à sua perpetuação”, o que não “as deixam imunes a uma análise crítica sobre suas ideologias na cumplicidade com o poder”. Isso porque, tais obras reafirmam a história que, conforme é sabido, sempre esteve a serviço da classe dominante. Nesse sentido, o autor propõe o questionamento: pense “em Shakespeare, autor canonizado pela unanimidade da crítica, em um contexto diferente – caso

seus personagens fossem asiáticos ou caso Hamlet fosse príncipe de uma tribo africana, será que o autor ocuparia a mesma posição no cânone?” (MOREIRA, 2011a, p. 23).

Em suma, o pesquisador defende que o “modo como alguns grupos marginalizados foram encarados por parte daqueles que legitimaram o cânone demonstra a parcialidade nas escolhas” (MOREIRA, 2011a, p. 23), aspecto que nos leva a refletir, dentro do nosso universo de estudo, sobre a ausência de escritoras negras entre as mulheres escritoras que fulguram o cânone, bem como acerca do modo como são representadas as mulheres negras nos textos literários clássicos.

Neste estudo não nos deteremos em discutir a ausência de escritoras negras no cânone justamente por se configurar como uma ausência; além disso, estaríamos repetindo a discussão já implementada por Moreira (2011a). No entanto, abordaremos a forma como essas mulheres foram representadas na literatura canônica, visto que tais representações contribuem ainda hoje para que imagens e discursos se mantenham ativos na memória coletiva do brasileiro, sob a forma de imaginários sociodiscursivos, retroalimentando estereótipos.

As representações das mulheres negras no cânone brasileiro são bastante marcadas por estereótipos, ou embasadas em discursos reducionistas que as impedem de serem vistas em sua totalidade humana. No século XVII, na boca de um poeta e sob a forma de poema, Gregório de Matos destaca e enfatiza a lascividade do corpo negro das mulatas da Bahia (MATOS, 1992). A imagem da mulher negra na poesia satírica barroca de Gregório de Matos é prenhe de qualidades pejorativas. Ainda que, por vezes, a mulata tenha a sua beleza enaltecida, tal qualificativo está sempre aliado à ideia de lascívia; a mulata também é apresentada pelo poeta como bonita e invejosa. Por seu turno, a mulher de pele totalmente escura, geralmente africana, é tida como feia, encrenqueira, dada à luxúria e naturalmente submissa (GRILLO, 2013).

A partir desse contexto, é válido observar o que a socióloga e feminista negra Núbia Regina Moreira (2011b) discute em seu livro *A organização das feministas negras no Brasil* acerca dos modos de representação das mulheres negras. A princípio, ao situar a mulher negra se deve ter a “compreensão de que sua nomeação já é uma representação nomeada de um lugar, de um grupo e de uma posição que está inscrita na sociedade e que se modifica a cada movimento de reformulação dessa sociedade” (MOREIRA, 2011b, p. 22). Assim, analisar o modo como a mulher negra é representada socialmente pelos meios culturais requer visualizar

este lugar de onde emerge a fala dessa mulher. O lugar de voz da mulher negra parte, portanto, de um lugar social específico e de um espaço de representação.

Ainda segundo a autora, é preciso entender os objetos que são representados em um grupo social e qual realidade evocam (MOREIRA, 2011b). Com relação à representação das mulheres afro-brasileiras nos meios de produção cultural, a autora afirma que o brasileiro costuma sempre associá-las às práticas servis e manuais de trabalho e o que comunica sobre elas relaciona-se à sexualização dos seus corpos. A autora corrobora que “existe um símbolo mulher negra que é padrão acionado nas mentes dos membros da sociedade brasileira todas as vezes que mencionamos essa categoria” (MOREIRA, 2011b, p. 22).

Assim sendo, falar de mulheres negras é falar de uma categoria. Uma categorização se associa à ideia de classificação, de inclusão de algo/alguém em determinado paradigma. A questão é que podemos estabelecer tanto relações positivas quanto negativas quando realizamos um processo de categorização. Quando Charaudeau (2017) empreende a discussão sobre os imaginários sociodiscursivos, ele aborda a questão da categorização. O autor afirma que “a opinião coletiva é a que um grupo exprime a respeito de outro grupo. Ela consiste em confinar o outro grupo a uma categoria definitiva em seu essencial” (CHARAUDEAU, 2017, p. 586). Ou seja, existe uma prática de essencialização dos grupos, como se cada membro fosse igual, sem nenhum tipo de idiosincrasia. O autor exemplifica isso, dizendo que:

Se se diz “Os espanhóis são orgulhosos”, carrega-se um julgamento sobre os espanhóis enquanto grupo essencializado, ao passo que se deixa entender que se pertence a um grupo que não possui essa característica. Se for dito: “Os espanhóis pensam que os franceses são chauvinistas”, é como se fosse dito que esse julgamento é próprio aos espanhóis e somente a eles, que deve nascer-se espanhol para se possuir tal opinião. Tanto em um caso quanto no outro, está em questão uma opinião de forte valor identitário, que não se discute e que essencializa um grupo (CHARAUDEAU, 2017, p. 586).

Assim sendo, unindo as afirmações dos dois autores, percebemos que a relação estabelecida na memória coletiva do brasileiro em relação às mulheres negras é negativa, uma vez que é comum haver uma associação reducionista acerca dessas mulheres, ora obedecendo a um padrão de sexualização do corpo, ora às práticas servis e manuais. Isto posto, constatamos que, ao haver sempre a evocação dos mesmos imaginários sociodiscursivos das mulheres negras nos discursos literários, como se todas fossem iguais e desempenhassem sempre os mesmos papéis, manifestando sempre a mesma forma de pensar, de agir, de se

relacionar com os demais membros da sociedade, está posta a uniformização da categoria mulher negra, ou seja, sua essencialização.

Nesse sentido, já que, segundo Charaudeau, é comum um grupo exprimir uma opinião coletiva sobre o outro com base em uma categoria definitiva em seu essencial (CHARAUDEAU, 2017), então, o grande problema reside na associação negativa que se faz em relação a tais mulheres, confinando-as a uma essencialidade estereotipada.

No livro *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*, Queiroz Júnior elencou outras representações dessas mulheres, partindo de Gregório de Mattos até Jorge Amado. Dentre os pontos positivos, segundo o autor, “estão suas habilidades culinárias, sua higiene, sua resistência física ao trabalho, sua saúde, sua beleza perturbadora e sua sensualidade irresistível”. Dentre os pontos negativos, ele aponta “a falta de moralidade e sua irresponsabilidade por ser pródiga sempre” (QUEIROZ JÚNIOR, 1975, p. 76-77).

Por seu turno, Conceição Evaristo (2005a), no já mencionado artigo, *Gênero e etnia: uma escre(vivência) em dupla face*, apresenta uma crítica concernente ao modo como as mulheres negras vêm sendo representadas na literatura brasileira. Ela elucida que a mulher negra não aparece nas narrativas ou nos poemas como musa ou heroína romântica, mas sim com uma imagem insistentemente associada ao seu passado de escravidão, no qual seu corpo é visto apenas como meio para procriação ou como objeto de prazer para os senhores brancos. E, apesar de seu corpo ser visto como corpo-procriação, não há na literatura a representação da mulher negra como mãe.

Assim, o que observamos é que todo esse sistema representacional das pessoas negras estava atrelado a um discurso que tinha como finalidade manter (e até mesmo “justificar”) a presença da escravidão. Desse modo, surgiram até teorias que visavam a minimizar a humanidade dessas pessoas, colocando-as como uma “raça” inferior, com mais características animais do que os demais povos.

Nos séculos XVIII e XIX, não havia dúvida quanto a hierarquização social que devia traçar uma linha de escala intelectual que começava com os brancos europeus, os indígenas abaixo dos brancos e os negros abaixo de todos os outros. Em *A Escala Unilinear das Raças Humanas e Seus Parentes Inferiores*, de Nott e Gliddon (1868), há comparações feitas em imagens com crânios de negros falsamente alargados para se parecerem com os de chimpanzés, enquanto os crânios dos brancos são considerados “normais”. (...) Em seu *Systema naturae* (1758), Caroli Lineu descreveu que “o *Homo sapiens afer* (o negro africano) é “comandado pelo capricho”, enquanto o *Homo sapiens europaeus* é “comandado pelos costumes”. As mulheres africanas são “mulheres sem pudor, seios que segregam leite em profusão” (WESOLOWSKI, 2014).

Ou seja, por um bom tempo, a ciência serviu para propagar ideias errôneas sobre as populações negras. Nos séculos seguintes, mesmo após essas conclusões serem desmentidas, elas continuaram a habitar o imaginário social estabelecendo o modo como os negros deveriam ser vistos. O grupo detentor do poder hegemônico, proeminentemente branco, disseminou discursos racistas para manter seu *status quo* e continuar explorando a mão de obra da população negra, bem como, para afastá-la de qualquer possibilidade de ascensão social. Nesse sentido, as representações difundidas acerca das pessoas negras estavam associadas à supervalorização de aspectos comportamentais que os colocassem na condição de irracionais, representando-os como fortes (burros de carga para o trabalho braçal), selvagens (não civilizados, difíceis de se adequarem às convenções sociais), lascivizados (erotizados, altamente sexualizados), sem grandes capacidades intelectuais (não escolarizados, incultos). Assim, quanto mais regidos pelos instintos parecessem, mais fácil seria tratá-los como coisas, ou seja, como mercadoria. Desse modo, o que restou para as populações negras foi viver às margens da sociedade, já que lhes eram negado o direito de serem tratados como seres humanos.

No que tange, especificamente, às representações das mulheres negras, bell hooks afirma que:

Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Essas representações inculcaram na consciência de todos a ideia de que as negras eram só corpo sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas (HOOKS, 1995, p. 469).

Consoante com algumas dessas (des)qualificações das mulheres negras, Evaristo explicita representações análogas através de personagens bastante conhecidas no âmbito da nossa literatura:

Caracterizadas por uma animalidade como a de Bertoleza que morre focinhando, por uma sexualidade perigosa como a de Rita Baiana, que macula a família portuguesa, ou por uma ingênua conduta sexual de Gabriela, mulher-natureza, incapaz de entender e atender determinadas normas sociais (EVARISTO, 2005a, p. 3).

Sobre essa questão, ainda há algo a ser considerado. Retomando a fala de bell hooks, ao expor o fato do corpo da mulher negra ser iconografado pelo erotismo, notamos que tal

representação, tanto no passado quanto na contemporaneidade, tem o intuito de justificar o assédio, o abuso e o estupro à mulher negra, bem como de inviabilizar o domínio intelectual dessa mulher, já que “vistos como símbolo sexual, os corpos femininos negros são postos numa categoria em termos culturais tida como bastante distante da vida mental” (HOOKS, 1995, p. 469). No entanto, será através da ocupação desse espaço de intelectualidade que essas mulheres exercerão seu poder de voz e manifestarão seus anseios perante a sociedade, assim como faz o grupo dominante.

Nesse sentido, Evaristo assinala a importância de mulheres como ela, sua mãe e Carolina de Jesus se afirmarem enquanto escritoras.

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é privilégio da elite (cf. MACHADO, 2014, p. 249).

A colocação de Conceição Evaristo reflete um contexto de exclusão que perdurou durante séculos, mas que precisa ser rompido ou desmantelado na contemporaneidade. As mulheres negras são tão mulheres, tão humanas, como todas as outras. Elas têm o direito de habitar o espaço da intelectualidade. Aliás, é justamente a ocupação desse espaço que poderá colocá-las como protagonistas de sua própria história. Elas, enfim, poderão dizer o que pensam, como se sentem e como enxergam a dinâmica da vida, e não mais terem apenas suas histórias narradas em terceira pessoa. As mulheres negras precisam conquistar esses espaços que lhe foram negados e assim terem acesso à sua autorrepresentação. Até mesmo porque, na literatura contemporânea existe uma ausência expressiva tanto de autores negros, quanto de protagonistas, o que sugere nas suas ausências (talvez ainda mais do que naquilo que expressa) algumas das características centrais da sociedade brasileira – o racismo (DALCASTAGNÈ, 2008).

São poucos os autores negros e poucas, também, as personagens – uma ampla pesquisa com romances das principais editoras do país publicados nos últimos 15 anos identificou quase 80% de personagens brancas, proporção que aumenta quando se isolam protagonistas ou narradores. Isto sugere uma outra ausência, desta vez temática, em nossa literatura: o racismo. Se é possível encontrar, aqui e ali, a reprodução paródica do discurso racista, com intenção crítica, ficam de fora a opressão cotidiana das populações negras e as barreiras que a discriminação impõe às suas trajetórias de vida. O mito,

persistente, da “democracia racial” elimina tais questões dos discursos públicos, incluindo aí o do romance (DALCASTAGNÈ, 2008, p 87).

Ou seja, o racismo pungente presente na sociedade brasileira, mas negado pelo mito da democracia racial, tem atribuído à população negra um lugar de margem no contexto das literaturas nacionais. Assim, quando revolvemos o nosso olhar, sobretudo, para o cânone literário brasileiro, verificamos o quanto essas populações tiveram sua representatividade deformada, pois, além de não terem tido acesso a uma autorrepresentação, a representação que lhes foi direcionada, foi feita a partir do olhar de uma sociedade preconceituosa, cujos discursos eram mergulhados em fundamentos sexistas e escravagistas.

A pequena (quase ausente) representatividade das mulheres negras revela um modo distorcido de representar a sociedade brasileira, que possui uma população em sua maioria afrodescendente. Tal contexto revela o quanto é importante a visibilidade e a valorização de uma escrita feminina negra, a exemplo de Conceição Evaristo, comprometida com uma escrita que alia qualidade estética, à valorização das questões étnico-raciais, além de se ocupar no combate às opressões, como será possível ver nas análises dos contos no capítulo seguinte, por meio da desconstrução dos discursos hegemônicos, que marginalizam todos os grupos que não se adequam aos seus paradigmas.

3.2 Heterossexualização e Lesbianidade em *Isaltina Campo Belo*

A mulher quedou-se/ e na quietude/ encontrou a sua nova veste/
que suavemente se desfaz/ em corpos iguais/ que se roçam.

Maria e Maria,/ espelho único,/ onde a outra face/ É ela e ela
(Conceição Evaristo, 2017b, p. 72)

Segundo Charaudeau (2017, p. 579), “os imaginários são engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, se organizando em sistemas de pensamento correntes, criadores de valores, desempenhando o papel de justificação, da ação social e se depositando na memória coletiva”. Está na memória coletiva do povo brasileiro, por exemplo, a concepção de que a mulher negra é heteronormativamente sensual. Por meio dessa concepção de sexualização do corpo não se leva em consideração, apesar de se saber da existência, as mulheres negras lésbicas. Ao trazer as dores e os sentimentos mais profundos de uma mulher negra lésbica, Conceição Evaristo transgride esse imaginário de heterossexualização da mulher negra.

É salutar abordar aqui que o processo de construção do imaginário heteronormativo que perdura ainda nos dias atuais da mulher negra se deu no período colonial. Lélia Gonzalez (1984), no artigo *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, em que explica acerca da heterossexualização dos corpos femininos negros na maior e mais conhecida festa popular brasileira (inclusive internacionalmente), o carnaval, afirma que no Brasil colônia a prática de escravização dos homens negros se dava, sobretudo, pela exploração do trabalho, da força, mas, das mulheres negras se dava pela exploração sexual. Embora as mulheres escravizadas fossem utilizadas por seus proprietários como “burros de carga”, sobretudo nos serviços domésticos, era o “serviço” sexual o mais usufruído pelos homens brancos. Gonzalez recorre às abordagens do cientista social Caio Prado Júnior²⁷ em que discorre acerca das relações sexuais no período da escravidão.

Realmente a escravidão, nas duas funções que exercerá na sociedade colonial, fator trabalho e fator sexual, não determinará senão relações elementares a muito simples. (...) A outra função do escravo, ou antes da mulher escrava, instrumento de satisfação das necessidades sexuais de seus senhores e dominadores, não tem um efeito menos elementar. Não ultrapassara também o nível primário e puramente animal do contato sexual, não se aproximando senão muito remotamente da esfera propriamente humana do amor, em que o ato sexual se envolve de todo um complexo de emoções e sentimentos tão amplos que chegam até a fazer passar para o segundo plano aquele ato que afinal lhe deu origem (PRADO JÚNIOR, 1976 *apud* GONZALEZ, 1984, p. 231).

Assim, a mulher escravizada era usada como instrumento de satisfação das necessidades sexuais de seus dominadores. Tal exploração sexual era tão constante que chegava a provocar conflitos entre os envolvidos:

As relações sexuais entre os senhores e escravas desencadeavam, por mais primárias e animais que fossem, processos de interação social incongruentes com as expectativas de comportamento, que presidiam à estratificação em castas. Assim, não apenas homens brancos e negros se tornavam concorrentes na disputa das negras, mas também mulheres brancas e negras disputavam a atenção do homem branco (SAFFIOTI, 1976 citado por GONZALEZ, 1984, p. 230).

Como se pode observar, a prática de exploração sexual das mulheres negras por parte de seus senhores estende-se até os dias de hoje, séculos após a abolição, mas agora na forma da prática de abuso sexual por parte dos patrões que frequentam o quartinho da empregada, bem como de seus filhos, cuja iniciação no sexo também ocorre pela mesma via. Dessa forma,

²⁷ PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia)**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

podemos perceber que a prática de exploração sexual de corpos femininos negros é, desde muito tempo, um dos pilares da construção do imaginário sociodiscursivo de heterossexualização das mulheres negras.

Isaltina Campo Belo é a protagonista do conto que carrega no título o seu nome. A personagem se intrigava com o fato de, desde a infância, não ser reconhecida por seus familiares da mesma forma como ela se via. Isaltina não se reconhecia como menina, mas como um menino. Seu desejo era de que todos vissem o garoto que ela era. Dentro de si, carregava um ressentimento de sua mãe, pois a garota achava inadmissível a mãe não perceber o grande engano que todos estavam cometendo ao considerá-la uma menina e não um menino.

Tive uma infância feliz, só uma dúvida me perseguia. **Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam da maneira errada... Estavam todos enganados. Eu era um menino.** O que mais me intrigava era o fato de minha mãe ser enfermeira e nunca ter percebido o engano que todos cometiam. Ainda novinha, talvez antes mesmo dos meus cinco anos, eu já descobrira o menino que eu trazia em mim e acreditava piamente que, um dia, os grandes iriam perceber o erro que estavam cometendo (EVARISTO, 2016, p. 59, grifo nosso).

Assim, nesse conto, Conceição Evaristo nos apresenta uma mulher que não se reconhecia como tal, pois acreditava que dentro de si habitava um homem. Trata-se de um conto que evoca uma realidade não discutida, invisibilizada nos textos literários produzidos pelos autores consagrados, já que na literatura engajada existe uma tendência a se “fugir dos modelos canônicos em certos tipos de textos que ressaltam o que costuma se chamar de literatura de ideias” (DENIS, 2002, p. 80). Além disso, o conto trará como foco a intersecção raça, gênero e lesbianidade, o que é bastante refletido nas discussões atuais quando se fala no entrecruzamento de opressões, o feminismo interseccional²⁸.

É importante compreender que a dúvida que perseguia Isaltina não era uma simples dúvida infantil. Quando criança não conseguia se reconhecer entre os demais membros de sua família, já que os papéis sociais impostos a ela não eram os que compreendia como sendo seus. A personagem vivenciava um problema identitário muito profundo, já que, no início da

²⁸ Tomamos, neste texto, o conceito de interseccionalidade da feminista, pesquisadora e ativista estadunidense, Kimberlé Crenshaw, que é um expoente nas discussões acerca da interseção de desigualdades. Segundo Crenshaw, a interseccionalidade, enquanto teoria, “trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras”. Com efeito, falar em interseccionalidade é tratar “da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, construindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (CRENSHAW, 2002, p. 175).

narrativa, temos uma menina que está em conflito com sua identidade de gênero, ou seja, não havia uma identificação entre a protagonista e o corpo com o qual nascera, o que denota que, nessa primeira fase da vida, a personagem se via como uma pessoa transexual²⁹. Mais adiante veremos que, quando se encontra na fase adulta, principalmente próximo ao desfecho, a personagem consegue resolver seu conflito interno, aceitando seu corpo feminino progenitor de sua tão amada filha, e verifica que, ao sentir atração por uma igual, e por ela ser correspondida, um sentimento de completude a invade, sendo a partir daí que ela assume sua lesbianidade.

No conto, Isaltina conta que aos seis anos teve uma crise de apendicite. Ela foi encaminhada ao hospital onde faria a cirurgia que resolveria seu problema de saúde. Mas, enquanto todos se preocupavam em acalmá-la, visto que passaria por uma intervenção cirúrgica, a criança só se alegrava ao pensar que o médico descobriria que ela era um menino e assim contaria a todos, tirando de sua alma a dor de se ver ser tratada como algo que não era. Entretanto, o desfecho dessa história não foi como o esperado por ela, pois o médico a cumprimentou após a cirurgia, elogiando seu comportamento de menina corajosa. A dor de decepção da protagonista se agravou ao ver a mãe sorrir e corroborar a fala do médico, como se pode constatar na seguinte declaração: “Odiei minha mãe naquele momento, achei que ela não podia agir comigo daquela forma” (EVARISTO, 2016, p. 59).

Isaltina Campo Belo crescia e não era vista com namorados. Ela conta que aos vinte e dois anos nunca havia experimentado uma paixão, que suprimia seus desejos por outras meninas e fugia dos meninos.

Sobrinho (2015), analisando aspectos da violência simbólica presente em diferentes contos de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo, chega à conclusão de que a violência simbólica imposta pela difusão do imaginário heteronormativo, “um dos braços do patriarcado”, tornava a personagem Isaltina Campo Belo confusa quanto à sua identidade de gênero, levando-a a “amarrar” seu desejo, a contê-lo e a fugir do sexo masculino. “Na verdade, Campo Belo não era um menino em um ‘corpo errado’, como são os transexuais e as transexuais. Era uma menina homossexual /.../” (SOBRINHO, 2015, p. 86). Todavia, a personagem adotava até então um estilo de vida consoante à norma hegemônica, cujos imaginários sociodiscursivos são carregados de axiologias negativas, oriundos de uma organização social pautada na heteronormatividade.

²⁹ Segundo Berenice Bento, “a transexualidade é uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero” (BENTO, 2012, p. 18).

Quando a narradora aborda essa fase da vida de Isaltina, é possível notar por meio de uma fala, mais um imaginário sociodiscursivo sendo revelado e ressignificado:

Tinha eu meus vinte e dois anos sem nunca ter experimentado uma paixão, um afago, uma ilusão de amor qualquer. Nem platônica. A cada pergunta de minha mãe ou de alguém de minha família sobre a existência de um possível namorado, mesmo eu jurando que nem em desejos essa pessoa existia, todas as pessoas, normalmente, desacreditavam de minha resposta negativa. E as justificativas para essas descrenças eram sempre as mesmas. **Como uma jovem tão inteligente, tão bonita, tão educada, tão e tão como eu**, podia estar sozinha... Inexplicável (EVARISTO, 2016, p. 62, grifo nosso).

O trecho destacado é o que rompe com o imaginário de que mulheres negras não são criadas para serem tão inteligentes ou tão educadas, ou tão bonitas porque elas só servem para o trabalho, para a servidão. A ênfase nas qualidades da jovem negra, inclusive na beleza que esta possuía, propõe novas formas de ver a mulher negra, propõe outro imaginário a ser construído, reiterado e reforçado. Por outro lado, é viável também outra leitura. Ao nos atermos à frase, é possível notar que se trata de uma crítica suavizada por elogios. A frase é irônica, escondendo insinuações: ou a moça não queria revelar a verdade a todos, que namorava em segredo, ou, na verdade, o segredo era que não se interessava por rapazes, afinal, com tantas qualidades, era “inexplicável” ela não namorar ninguém.

O trecho seguinte continuará a narrar as angústias pelas quais passava a protagonista por ser uma mulher em conflito com sua sexualidade.

Eu era uma moça a esconder um rapaz, que eu acreditava existir em mim. Tudo desconhecido, nada experimentado no campo amoroso. /.../ até que um dia um colega de faculdade disse estar encantado por mim. Iniciamos um namoro sem jeito, só de palavras e comedidos gestos. /.../ Um dia em que ele desejava beijos e afagos, e eu sem desejo algum, sem nada a me palpitar por dentro e por fora, falei de minha vida até ali. Falei do menino que eu carregava em mim desde sempre. **Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher.** E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois, afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... (EVARISTO, 2016, p. 64, grifo nosso).

Grande parte dos imaginários sociodiscursivos ao redor do mundo caracterizam a mulher homossexual como aquela que só apresenta tal “inclinação” por nunca ter experimentado o sexo com um homem. Isso se dá pelo modelo de sociedade ser estruturado

sob uma concepção patriarcal, machista e heteronormativa, muitas vezes embasado também pela religião. Como pode uma mulher não se interessar sexualmente por um homem? Se isso ocorre, é porque ela está com medo, ou simplesmente porque ainda não foi “despertada”. Como ressalta Sobrinho:

Tal prepotência impede o entendimento da sexualidade feminina independente do homem e prescindindo dele. Para o pensamento heteronormativo, o prazer feminino vem em segundo plano e é inadmissível se for experimentado sem que o homem esteja presente como agente ativo. Nessa perspectiva, o macho é o tutor sexual, o que faz o desejo despertar, o que faz uma mulher ser uma mulher /.../ (SOBRINHO, 2015, p. 88).

O discurso do namorado de Isaltina reflete tal imaginário, conforme visto no trecho destacado. A escritora Conceição Evaristo rompe com essa concepção ao dar prosseguimento a uma narrativa que revela que Isaltina manteve sua orientação sexual até o fim, ainda que reiteradamente exposta a imaginários sociodiscursivos que a impeliam a afirmar a sua sexualidade\sensualidade de mulher negra, muito bem marcado discursivamente, como se vê no excerto: “E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois, afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra...” (EVARISTO, 2016, p. 64). Vemos aqui revelada a imagem de que mulher negra é fogosa, é “boa de cama” e tem desejos sexuais mais ardentes que as demais mulheres. Essa visão é difundida na literatura brasileira, tanto na poesia quanto na prosa, por meio de inúmeras personagens. Só a título de exemplo, podemos citar, na prosa, Rita Baiana (*O Cortiço* – Aluísio de Azevedo) e a negra Fulô, no poema *Essa Negra Fulô*, de Jorge de Lima.

Isaltina Campo Belo vivenciou esse episódio, mas não sabia ela que uma dor maior estava por vir. Se ela sofria emocionalmente por não poder ter sua orientação sexual reconhecida, agora ela teria seu corpo violado, agredido, violentado. E, pior, tal prática ainda seria justificada por uma concepção sexista e racista embasada num imaginário impresso na memória coletiva que, como afirmou Charaudeau (2017), tem a função de tanto criar valores, como de justificar ações.

Esse meu pretenso namorado, ou melhor, pretensioso namorado, continuou me cercando. /.../ Um dia, ele me convidou para a festa de seu aniversário e dizia ter convidado outros colegas de trabalho, entre os quais, duas enfermeiras do setor. Fui. Nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e solidão de meu corpo. Diziam entre eles, que estavam me ensinado a ser mulher. Tenho vergonha e nojo do momento. Nunca contei para ninguém o acontecido. Só agora depois de trinta e cinco anos, nesse exato momento me

esforço por falar em voz alta o que me aconteceu. Os mais humilhantes detalhes morrem na minha garganta, mas nunca nas minhas lembranças. Nunca mais voltei ao trabalho. Hoje eu reagiria de outra forma, tenho certeza, mas na época, fui tomada por um sentimento de vergonha e impotência. Sentia-me como o símbolo da insignificância. Quem eu era? Quem era eu? Depois apareceu a gravidez, uma possibilidade na qual eu nunca pensara, nem como desejo, e jamais como um risco. Tal era o estado de alheamento em que me encontrava que, que só fui me perceber grávida sete meses depois, quase com a criança nascendo. /.../ dentre cinco anos, de quem seria a paternidade construída sob o signo da violência? (EVARISTO, 2016, p. 65).

O feminismo negro tem como uma de suas pautas a quebra do silêncio das mulheres negras. A escritora caribenha-estadunidense Audre Lorde (2017), poeta e ativista e, como a si mesmo descrevia, feminista, negra, lésbica, “guerreira” e “mãe”, afirma que as mulheres foram criadas para respeitar o medo em vez de manifestarem por meio da linguagem suas necessidades e que, enquanto todas esperarem em silêncio por aquele “luxo final do destemor, o peso do silêncio vai terminar por engasgá-las”. Ela considera que é através da palavra que a sociedade vai tomar conhecimento das dores e dos desafios vivenciados pelas mulheres negras. Audre Lorde (2017) foi uma mulher que sentiu na pele o peso das opressões interseccionadas de raça, gênero e sexualidade. O tempo todo era confrontada por ter identidades distintas e todas sujeitas à discriminação. Por isso mesmo defendeu que não se pode negar uma identidade em detrimento da outra e que a sociedade precisava passar por uma transformação real. Nesse ínterim, a poeta feminista usou a palavra para denunciar tal contexto tal como Conceição Evaristo, porém, esta pela via de uma literatura engajada, à qual prefere chamar de *escrevivência*.

No trecho do conto descrito acima é possível observar a ruptura de um silêncio guardado por trinta e cinco anos. Ganha voz uma personagem que diz estar contando à narradora do conto, apenas naquele momento, o que lhe ocorrera no passado. Parece algo simples, mas é de extraordinária representatividade. Essa quebra de silêncio remete a um grito de socorro que denuncia a violência que vem acontecendo ao longo dos séculos com as mulheres – o estupro coletivo, praticado por aqueles que discordam da orientação sexual da vítima.

Ao relatar sua dor mais íntima, a personagem tem sua história ouvida. À sociedade e aos leitores é dito o que não se ouvia antes, já que, conforme Umberto Eco (2011), uma das funções da literatura é dizer explicitamente aquilo que socialmente jamais poderemos colocar em dúvida. A mulher negra sofre calada a violência em seu corpo e em sua alma simplesmente por não se enquadrar nos padrões heteronormativos. Dessa maneira, nesse

episódio, é possível visualizar abertamente a interseccionalidade enquanto meio de “capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo”, conforme a definiu Kimberlé Crenshaw (2002, p. 7). Assim, a escrita evaristiana denuncia um cenário que acomete um incontável número de mulheres negras.

A cena descrita por Isaltina, tão envolta em violência, tanto física quanto psicológica, é reveladora de um problema que sempre assola aqueles que não se encaixam nos padrões pré-estabelecidos por uma sociedade erigida sobre as bases da heterossexualidade – a homofobia. Segundo Audre Lorde (2017), “a homofobia é o medo dos sentimentos de amor pelos membros do próprio sexo e, portanto, o ódio por esses sentimentos pelos outros”. Trata-se, desse modo, de um fenômeno social que ocorre em virtude dos preconceitos e da discriminação existentes em torno daqueles que professam um estilo de vida contrário ao padrão heteronormativo. Nesse sentido, os sujeitos que percebem qualquer expressão contrária a essa matriz heterossexual sentem-se no direito de punir, ou, na concepção deles mesmos, corrigir quem não se adequa, visto que se sentem amparados por uma mentalidade social heteronormativa.

Apesar de todo o sofrimento vivenciado por Isaltina, a personagem consegue encontrar no amor à sua filha Walquíria a estabilidade emocional para dar prosseguimento à vida. E como a protagonista mesma diz, “bons ventos também sopram”, pois, ao matricular a filha no jardim de infância, ela percebeu “não só as orientações que a professora transmitia às mães das crianças, mas também o olhar insistente da moça” em direção a ela. Foi aí que a personagem notou que o menino que habitava seu corpo havia crescido, e ela então faz uma rápida retrospectiva de todas as dolorosas situações pelas quais passara até aquele momento, levando-a à conclusão de que:

Não havia nenhum homem dentro de mim. /.../ Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam (EVARISTO, 2016, p. 67).

Isaltina se dá o direito de viver plenamente sua lesbianidade ao se conhecer melhor (“não havia nenhum homem dentro de mim”), possuindo agora uma consciência de identidade de gênero e de sua orientação sexual. Quando decide se entregar ao desejo por sua semelhante e ser desejada por ela, a personagem se entrega a um amor possível. Ao se reconhecer como mulher, “igual a todas e diferente de todas”, ela consegue preencher as lacunas internas que a

impediam de ser feliz sexual e emocionalmente. Desse modo, ao concluir o conto com uma relação homoafetiva feliz e bem resolvida, a escrita de Evaristo rompe em definitivo com o imaginário que estava presente na fala e nas atitudes do jovem namorado de Isaltina e, com isso, a autora lança um novo discurso acerca da mulher negra: o de que esta também pode reconhecer sua lesbianidade.

No caso em questão temos uma constatação que coaduna com a teoria de Stuart Hall (2011), em que não é mais possível falar em identidade, mas em identidades, ou em identidades fragmentadas, já que elas não são fixas, estáveis, definidas simplesmente por fatores biológicos, mas são construídas socialmente por meio diferentes determinantes.

Além disso, vemos que esse sujeito, a exemplo de Isaltina, está habitando um entre-lugar, segundo Bhabha (1998), uma vez que se vê atravessada por várias identidades, identificando-se com cada uma delas. Esse sujeito, habitante de um espaço fronteiriço, depara-se o tempo todo com opressões e resistências, visto que existe na sociedade um sistema de opressão interligado, conforme postula o feminismo interseccional, oriundo das diferentes esperas de manifestação de preconceitos.

Os imaginários sociodiscursivos em torno das mulheres negras encontram-se ainda cristalizados em modelos tradicionais do pensamento, que postulam a existência de identidades rígidas, essencializadas. Nesse sentido, é possível compreender que não se pode rotulá-las, classificando-as a partir de conceitos que reduzem suas identidades a um padrão essencialista de categorização. Ou seja, as mulheres negras, como sujeitos sócio-históricos que são, possuem identidades múltiplas, visto que habitam diferentes espaços de interação social. Isaltina só conseguiu obter a consciência de suas identidades na fase adulta, após passar por inúmeros processos emocionais, psíquicos e sociais que permitiram o desencadeamento de um autoconhecimento na personagem.

Assim, esse conto traz uma nova representação de mulher negra, que pode vir a se tornar um novo imaginário sociodiscursivo. Com efeito, como afirma Cordeiro e Barbosa:

.../ a escrita de Evaristo apresenta-se como uma proposta de positivizar, enaltecer, dignificar personagens que historicamente sempre foram colocadas à margem e quando estavam presentes na literatura canônica eram sempre tratadas com menosprezo, ridicularizadas, condenadas e colocadas no ostracismo (CORDEIRO e BARBOSA, 2015, p. 12).

Além disso, partindo de um olhar interseccional das opressões, ao propor um desfecho de superação, no qual se percebe o reconhecimento e a aceitação das identidades

como elementos intrínsecos de bem-estar psíquico e social, podemos afirmar que essa escrita traz representações que caminham em direção ao empoderamento das mulheres negras. Veementemente defendido pelo Feminismo Negro e Interseccional, o empoderamento passa pelo âmbito da “autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento de si e de suas mais variadas habilidades humanas” (BERTH, 2018, p. 14). Nesse sentido, uma escrita que viabilize tal olhar estimula a emancipação do sujeito que se encontra carente de empoderamento.

Quanto à formação dos imaginários sociodiscursivos presentes no conto, tanto os que aparecem explicitamente, como aqueles que foram identificados de modo implícito no texto, foram construídos a partir de saberes de crença, remetendo a estruturas discursivas próprias do saber de opinião. Isso porque, como foi dito, os saberes de opinião “resultam de um movimento de apropriação, da parte de um sujeito, de um saber dentre os saberes circulantes nos grupos sociais. Esse saber é, então, ao mesmo tempo pessoal e partilhado” (CHARAUDEAU, 2017, p. 584). Ou seja, esses imaginários foram historicamente construídos; são oriundos de uma sociedade colonial, patriarcal e escravocrata, e foram circulando nos grupos sociais, sendo partilhados pelos brasileiros. Tais imaginários são “um julgamento de verdade por trás do qual se encontra um ver geral, uma crença popular anônima, como que emanando de uma voz que se encontra por sobre os sujeitos, /.../uma voz coletiva em relação à qual o sujeito se posiciona” (CHARAUDEAU, 2017, p. 585).

Em suma, foi possível perceber que a imagem da mulher negra continua atada aos moldes heteronormativos que a veem de modo lascivo e heterossexualizado, como se fosse inadmissível, ou “inexplicável”, uma jovem negra não se interessar pelo sexo oposto. Por conta dessa visão essencializada, a homofobia ganha força e permite que a violência sexual seja “autorizada”, como é possível ver na atitude do namorado de Isaltina, em companhia dos seus amigos, que se sentiam no “dever” de despertar a heterossexualidade da moça a qualquer preço, comentando entre eles que a “estavam ensinado a ser mulher” (EVARISTO, 2016, p. 64).

No entanto, foi possível perceber também que a escrita de Conceição Evaristo evoca esses imaginários sociodiscursivos de lascivização e heterossexualização das mulheres negras não para reiterá-los, mas para transgredi-los. Essa transgressão se dá quando a autora aponta a lesbianidade como uma identidade possível e digna, ao narrar um desfecho de felicidade e de bem-estar para a protagonista que sentiu, desde a infância, o peso negativo desses imaginários, e que só se viu um sujeito harmonizado intimamente ao assumir sua identidade

de gênero. Assim, junto à transgressão do imaginário de heterossexualização, houve uma ressignificação do imaginário da lesbianidade, colocado como possível e válido como opção.

3.3 Intelectualidade, Patriarcado e a Ressignificação do Sangue Menstrual em *Mary Benedita*

E em todas as manhãs bendizemos/ o nosso sangue, vida vazante no tempo./
E nossas vozes, guardiãs do templo,/ entoam salmos e ladainhas/
louvando a humana teia guardada em nossas veias
(EVARISTO, 2017b, p. 35).

O conto narra a história de uma mulher que, desde a infância, sonhava em ganhar o mundo, conhecer novos lugares, novas línguas, ser uma artista... Mary Benedita foi uma criança com um comportamento que destoava do perfil do lugar onde nascera, Manhãs Azuis, uma cidadezinha do interior, pacata, tranquila, sem grandes surpresas. A menina era inquieta, agitada e “imprimia urgência a cada passo, como se tudo fosse fugir de seus pés” (EVARISTO, 2016, p. 71). A única coisa que a fazia perder a noção do tempo era, com um atlas aninhado às mãos, planejar seus infinitos roteiros de viagem. Porém, para que esses sonhos todos pudessem vir a se tornar realidade, ela precisaria mudar-se para uma cidade maior, com maiores oportunidades. Foi então que teve a ideia de fingir-se de doente, reduzindo sua euforia em tudo, demonstrando apenas apatia e desânimo.

De chazinhos a rezas, após se esgotarem os recursos da família para curá-la, Mary é levada para a casa da tia desgarrada da família, que morava sozinha na capital, a fim de que, com maiores recursos, fosse possível um diagnóstico e, assim, a cura. Sua tia a recebeu muito bem e não demorou a descobrir que o problema da menina estava longe de ser uma doença. Estar ali com tia Aurora, para a garota, era a oportunidade da sua vida. Assim, quando os pais quiseram a todo custo levá-la de volta a Manhãs Azuis, Mary e a tia, já sua aliada, conseguiram, após visitas, muita conversa e negociações, convencê-los de sua permanência definitiva em Horizonte Aberto.

Estar em uma cidade grande aos cuidados de alguém como a tia Aurora era o que a menina precisava para buscar a realização de seu sonho de ganhar o mundo. A tia era professora de música, já tinha trabalhado na embaixada brasileira em Viena e como arquivista em uma grande empresa de engenharia. Com a tia, a menina passou a entender de música e a tocar piano. Por meio dela também foi possível ter acesso a um curso de inglês. E esse foi o pontapé inicial para, gradativamente, Mary Benedita conhecer diferentes lugares do mundo e, autodidaticamente, tornar-se uma grande artista e poliglota. Em sua fase adulta, Mary tem seu

trabalho artístico reconhecido internacionalmente por produzir uma arte única, original: ela pintava boa parte de suas telas com seu próprio sangue: “Navalho-me. Valho-me como matéria-prima. Tinta do meu rosto, das minhas mãos e do meu íntimo sangue” (EVARISTO, 2016, p. 80).

Existem vários aspectos no conto que podem ser analisados discursivamente a partir de diferentes perspectivas. Entretanto, iremos focar apenas aos que contribuam para a percepção da maneira como a escrita evaristiana transgride os imaginários sociodiscursivos evocados no discurso presente no conto. Começemos, então, pela representação de uma protagonista negra e intelectual.

No artigo *Intelectuais negras*, bell hooks³⁰ (1995) discute a presença/ausência das mulheres negras nos espaços de intelectualidade. A autora explica que são as representações deturpadas das mulheres negras, promovidas por uma sociedade racista e sexista, as quais se estendem do período da escravidão à atualidade, as responsáveis tanto pela perpetuação das desigualdades sociais, do racismo e do sexismo em torno dessas mulheres, como, até mesmo, pelo fato de haver poucas mulheres negras no espaço da intelectualidade.

O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da mulher negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. (...) Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Essas representações incutiram na consciência de todos a ideia de que as negras eram só corpo sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. Vistos como símbolo sexual, os corpos femininos negros são postos numa categoria em termos culturais tida como bastante distante da vida mental (HOOKS, 1995, p. 468-469).

O que a feminista estadunidense chama de iconografia de representação, Charaudeau (2017) chama de imaginários sociodiscursivos. Ou seja, é depositado na memória cultural de um povo, nas palavras de hooks, “na consciência cultural coletiva”, imaginários sociodiscursivos de que as mulheres negras são altamente sexualizadas, primitivas, animalizadas, dadas apenas ao trabalho servil, distantes de uma vida mental. Como se pode notar, essa iconografia criada em torno das mulheres negras serviu, e ainda serve, para

³⁰ Apesar de nesse texto a autora apresentar aspectos que foram observados no contexto estadunidense, o que ela comunica acerca da temática em apreço pode ser facilmente percebido em todo o ocidente, como ela mesma elucida em alguns pontos do seu artigo.

subjugá-las, relegando-as a um espaço de inferioridade perante os demais membros da sociedade ainda em nossos dias.

Por esse motivo, bell hooks (1995, p. 468) defende que “é essencial para a luta de libertação das mulheres negras que elas ocupem o espaço interdito do trabalho intelectual”. Será, portanto, através da ocupação desse espaço que as mulheres negras terão oportunidade de levar seu pensamento e sua crítica à sociedade, de modo que sejam visibilizadas e não tenham mais sua humanidade negada. Nesse sentido, um dos objetivos do feminismo negro é oportunizar à mulher negra o direito de construir uma imagem de si capaz de revelar suas idiossincrasias, sua forma de estar no mundo, suas emoções, enfim, o direito de se autorrepresentar, seja em sua particularidade, ou em sua coletividade.

Conceição Evaristo, como intelectual negra, tem ocupado esse espaço de intelectualidade com um objetivo muito bem traçado. Sua “escrivência” nasce fundamentada no imaginário histórico que ela quer desconstruir, ressignificar:

Esse imaginário traz a figura da “mãe preta” contando histórias para adormecer a prole da Casa Grande. (...) A nossa “escrivência” conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande (EVARISTO, 2017a).

Como a escrita evaristiana pode “rasurar” essa imagem de “mãe preta” contando histórias? De que maneira essa escrita ajudará a romper com os imaginários sociodiscursivos que estigmatizam as mulheres negras? Isso será feito através de uma escrita que parte de um lugar de existência sob a perspectiva feminina negra.

O conto em análise leva no título o nome de sua protagonista: Mary Benedita. Temos aqui uma mulher negra protagonizando sua própria história. Spivak (2010, p. 15) defende que para que a mulher negra não permaneça silenciada num lugar de subalternidade caberá à mulher intelectual “a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual”. Desse modo, a escrita de Conceição Evaristo ocupa um lugar de enunciação importante nesse processo de construir espaços para fazer emergir a voz do sujeito subalternizado. Como mulher negra oriunda da periferia, por meio de sua escrevência, ela se posiciona como uma voz, outrora subalternizada, mas agora “autorizada” a se expressar por sua posição de escritora e intelectual, a enunciar por meio da arte literária sobre como é ser negro (a) no Brasil. Além disso, ao criar personagens negras que protagonizam suas próprias

histórias, está criando espaços para que a voz da mulher negra se manifeste e seus anseios e pensamentos sejam conhecidos.

Mas, além da protagonista ser uma mulher negra, Mary Benedita é uma intelectual: uma artista reconhecida internacionalmente, uma poliglota com vasto conhecimento cultural, por ter viajado e conhecido inúmeros lugares pelo mundo afora.

Além do português, sabia falar com desenvoltura: inglês, francês e espanhol. Tinha ainda um conhecimento relativo às línguas africanas, como o quimbundo e o suahile, da mesma forma que falava, sem muitas dificuldades, o grego e o árabe. Conhecia muito também do vocabulário norueguês e tcheco, assim como as estruturas linguísticas e gramaticais dessas duas línguas. (...) Confessou-me que o interesse dela, no momento, estava voltado para algumas línguas faladas pelos índios brasileiros. Queria aprender pelo menos duas: maxakali e o nheengatu (EVARISTO, 2016, p. 69-70).

Quando Conceição Evaristo nos apresenta uma protagonista negra intelectual, poliglota, viajada, ela está transgredindo os imaginários que vêm as mulheres negras como “só corpo sem mente” (HOOKS, 1995, p. 469). Há, portanto, uma nova representação de mulher negra, que contradiz aos imaginários sociodiscursivos negativos associados a elas, conforme discutido acima. Temos, desse modo, uma ressignificação dos imaginários por meio de novas representações que dignificam as mulheres negras, construindo uma imagem oposta ao que se tem fixada na memória coletiva da sociedade. Logo, a escrita evaristiana transgride o imaginário de que as mulheres negras não são (ou não podem ser) intelectuais, visto que só podem se dedicar a trabalhos que lhes exijam mais esforço físico e menos intelectualidade.

É possível ver a (des)(re)construção do imaginário sociodiscursivo da mulher negra como aquela que pode, sim, ocupar o lugar de intelectualidade, não só através da protagonista, mas também da personagem tia Aurora. Conforme o conto, Aurora sempre ocupara postos de trabalho nos quais o intelecto era valorizado. Ela fora arquivista em uma grande empresa de engenharia, depois atuara na embaixada brasileira em Viena e, por último, estava atuando como professora de música (EVARISTO, 2016).

Mas vale ressaltar que Mary teve que lutar contra as dificuldades impostas pelo sistema educacional brasileiro para prosseguir com seu propósito de galgar conhecimento. Sueli Carneiro (2011, p. 92), discorrendo acerca dos processos educacionais no Brasil que poderiam ser a chave para a mobilidade social, afirma que o “aparelho educacional tem se constituído como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual dos racialmente inferiorizados” justamente pelo rebaixamento constante

das condições dos negros, bem como por meio da negação dos mesmos como sujeitos do conhecimento. Ou seja, reforça-se sempre os imaginários que colocam as pessoas negras, sobretudo as mulheres, como incapazes de serem detentores do conhecimento, o que acaba levando-os ao um “processo de banimento social” devido à exclusão das oportunidades educacionais (CARNEIRO, 2011, p. 92).

Mary Benedita teve que enfrentar um difícil processo que lhe exigiu sair do seu lugar de origem e romper com suas raízes para poder ir em busca de oportunidades. A presença da tia, que atuava num ambiente profissional dado à intelectualidade, foi determinante para as conquistas da protagonista. Em outras palavras, não é fácil para uma mulher negra e pobre conquistar seus sonhos. No entanto, o que essa narrativa nos revela é que, embora existam situações negativas, também existem mulheres negras que anseiam pela intelectualidade e, se é isso que elas desejam, se faz necessário romper com esse imaginário sociodiscursivo que nega à mulher negra o direito a ocupar lugares de conhecimento e expressividade artística na área das palavras, dos discursos. Conceição Evaristo, então, transgride esse imaginário ao propor personagens dedicadas ao serviço intelectual.

Outro aspecto a ser analisado discursivamente nesse conto é a presença do patriarcado. Percebemos na personagem Mary um forte sentimento de realização, no entanto, atravessa o enredo um cortante sentimento de dor vivenciado tanto por ela quanto por sua tia. Na personagem Aurora, essa dor pode ser traduzida pelo nome de solidão, sendo mais evidenciada em uma cena na qual ela toca seu violino para a sobrinha misturando o som das notas ao do seu choro-solúço. É que dificilmente uma mulher consegue conquistar certos objetivos sem ter que pagar um alto preço cobrado pelo patriarcado.

O patriarcado pode ser definido como um sistema político modelador da cultura e dominação masculina, especialmente contra as mulheres. É reforçado pela religião e família nuclear que impõe papéis de gênero desde a infância baseados em identidades binárias, informadas pela noção de homem e mulher biológicos, sendo as pessoas cisgêneras aquelas não cabíveis, necessariamente, nas masculinidades e feminilidades duais hegemônicas (AKOTIRENE, 2018, p. 112).

É possível comprovar a presença do patriarcado através de várias cenas descritas no conto, o que comprova que as personagens Mary Benedita e Aurora viveram subjugadas a esse sistema que modela a cultura e que oprime as mulheres. Essas personagens, oriundas de uma cidade do interior com poucas oportunidades de aprendizagem escolar, vieram de uma família nuclear, o que só assevera os papéis sociais de gênero prescritos pelo patriarcado. Vejamos:

Como uma menina nascida em Manhães Azuis, a sétima de dez filhos, no seio de uma família de pequenos lavradores, poderia ganhar o mundo /.../.
Havia anos que ela [Aurora] não via o irmão; meu pai e minha mãe, ela só vira no dia do casamento dos dois.
Correndo, entrava [Mary] esbaforida pela igreja adentro, assustando o padre e envergonhando a família.
Rezas de minha mãe e de minha madrinha, junto ao altar da Senhora das Graças /.../. Nada que pudesse ser curado com chazinhos, benzeções, rezas e promessas (EVARISTO, 2016, p. 71 -73).

Podemos perceber, por meio desses trechos, que também a religião, através de seus dogmas e tradição, reforça o sistema patriarcal. A personagem tia Aurora era considerada como “desgarrada da família” por viver na capital sozinha, ou seja, não escolheu para si o destino comum às mulheres do patriarcado: casar-se para constituir uma família, procriar e viver submissa ao marido. Essa expressão, “desgarrada”, assim como a ideia de haver anos sem ver o irmão, pai de Mary, somada da surpresa do irmão ao vê-la disposta a ir a Manhães Azuis para intervir pela sobrinha, que queria morar com ela na capital, denotam que Aurora vivia isolada da família. Assim, a família de Mary não achava que a tia fosse uma pessoa indicada para servir de exemplo para a menina. Seus pais desejavam que sua vida seguisse na mesma direção que a deles e de seus demais filhos, e temiam pelo futuro da garota, pois o sistema de pensamento no qual estavam inseridos os levavam a crer que uma mulher “se perderia” caso se afastasse daquele modelo de vida. Por isso, tentaram de todas as formas possíveis impedi-la de ir para a capital. Há, portanto, em toda narrativa, um machismo sutil, mas forte o suficiente para causar sentimentos de dor e abandono nas personagens.

A personagem tia Aurora rompe com o modo de vida patriarcal quando decide morar sozinha. Apesar de ter enfrentado a solidão que muitas mulheres enfrentam ao romper com certas práticas típicas do sistema, a personagem optou pela liberdade de poder escolher seu próprio caminho e traçar seu destino. O mesmo ocorreu com a protagonista: Mary precisou sair do ciclo do patriarcado para buscar a realização com a qual sonhara desde a tenra idade.

Com essas personagens, Conceição Evaristo questiona o imaginário sociodiscursivo em torno do qual as mulheres precisam estar atadas ao modo de vida patriarcal para sobreviverem socialmente. No entanto, a escrita evaristiana também revela que romper com o sistema pode ser doloroso, e que é preciso ter coragem para enfrentá-lo; que é preciso saber o que se quer e o que se busca a fim de enveredar pelo caminho das realizações pessoais em uma sociedade que encarcera sonhos quando estes não estão circunscritos nos paradigmas do patriarcado.

O enredo desse conto revela que Mary é uma artista que pinta parte de suas telas, as que ela classifica como as melhores, com seu sangue íntimo, o menstrual, ou com sangue oriundo de cortes que ela cindia sobre sua pele. Está posta, aqui, a próxima pauta da análise desse conto.

Pinto e tinjo com o meu próprio corpo. Um prazer táctil imenso. Uso os dedos e o corpo, abduco do pincel. Tinjo em sangue. Navalho-me. Valho-me como matéria-prima. Tinta do meu rosto, das minhas mãos e do meu íntimo sangue. (EVARISTO, 2016, p. 80).

Assim, discutiremos aqui a utilização do sangue como matéria-prima para a criação de muitas de suas obras-primas. No entanto, não nos ateremos ao sangue extraído das várias partes do corpo da personagem, mas sim, do sangue menstrual, devido a toda atmosfera simbólica e significativa em torno desse tipo de sangue, considerado pela grande parte das sociedades, inclusive a nossa, como algo sujo, impuro, indigno.

Por simples definição, a menstruação é “um sangramento cíclico através da vagina, que é produzido após um ciclo ovulatório normal e que corresponde à perda da camada mais superficial do endométrio uterino” (DICIONÁRIO MÉDICO, 2014). No entanto, apesar de ser uma ocorrência comum no corpo feminino, oriundo de um ciclo indissociável à reprodução humana, algo imprescindível à perpetuação da vida na Terra, o assunto não é encarado com naturalidade em nossa sociedade, sendo recorrente a associação entre o sangue menstrual e o imundo.

As explicações para a origem desse imaginário sociodiscursivo que vê a menstruação como algo repulsivo remontam a tempos distantes. Segundo Anna Druet (2017), no artigo intitulado *Como a menstruação virou tabu*, talvez essa concepção remonte a antes da agricultura, do cérebro moderno e até mesmo da linguagem, uma vez que “a vida dos primeiros seres humanos estava concentrada na sobrevivência, reprodução e funções biológicas: nascimento, morte, sexo e caça”. Seria, portanto, “nesse ponto em que os antropólogos fazem suas pesquisas sobre o tabu menstrual: na intersecção entre evolução, comportamento e biologia” (DRUET, 2017). E, apesar de os tabus em torno da menstruação serem quase universais, há exceções, já que algumas sociedades fazem associações positivas com o tema e, além disso, esses mesmos tabus podem ter variações (DRUET, 2017).

Conforme Druet (2017), o universo místico e as religiões também contribuíram para corroborar a visão estigmatizada da menstruação que se tem ainda hoje, pois:

Os tabus menstruais podem ser encontrados no Alcorão:
Abstende-vos, pois, das mulheres durante a menstruação e não vos acerqueis delas até que se purifiquem (Alcorão 2:22).

Na Bíblia:

/.../ em sua impureza menstrual; ela está impura... quem tocar em algumas dessas coisas ficará impuro; lavará suas roupas e se banhará com água, e ficará impuro até à tarde (Levíticos 15) (DRUET, 2017).

Como se pode notar, conforme esses livros sacros, era recomendado que ninguém se aproximasse das mulheres no período menstrual, visto que a impureza delas poderia fazer com que estas pessoas também se tornassem impuras. Na literatura clássica latina, aludiu-se ao sangue menstrual como uma substância capaz de esterilizar a terra, azedar vinho novo e destruir a vida, conforme se vê na citação de Druet:

E na primeira enciclopédia latina (73 a.C.):

O contato com [sangue menstrual] torna o vinho novo azedo, colheitas tocadas tornam-se estéreis, enxertos morrem, sementes nos jardins secam, o fruto das árvores cai, a borda de aço e o brilho de marfim são embotados, colmeias de abelhas morrem, até mesmo o bronze e o ferro são absorvidos pela ferrugem e um cheiro horrível enche o ar; prová-lo enlouquece os cachorros e infecta suas mordidas com um veneno incurável (DRUET, 2017).

Apesar de todas as informações que se têm aludindo ao sangue menstrual como algo ruim, as pesquisas na área ainda não conseguiram explicar a motivação exata para a origem dos discursos depreciativos da menstruação. Desse modo, a questão vem sendo debatida através dos tempos, e os teóricos e pesquisadores, na verdade, apenas responderam ao enigma a partir da visão científica que se tinha em cada período histórico em que as teorias foram propostas. Assim:

Freud disse que era por medo de sangue. Allan Court argumentou que o tabu começou, em parte, porque os humanos primitivos acreditavam que o sangue menstrual era sujo (ou, como ele mesmo disse em 1963, tinha "um efeito depressivo em materiais orgânicos"). A antropóloga Shirley Lindenbaum teorizou em 1972 que o tabu era uma forma natural de controle populacional, limitando o contato sexual por causa do estigma da "sujeira". Em 2000, o historiador Robert S. McElvaine cunhou o termo síndrome não-menstrual ou SNM para descrever a inveja reprodutiva que levava os homens a estigmatizarem a menstruação e dominarem socialmente as mulheres como forma de "compensação psicológica para aquilo que o homem não consegue fazer biologicamente". Clellan Ford postulou que o tabu menstrual foi desenvolvido porque as primeiras sociedades sabiam dos seus "efeitos tóxicos e causadores de doenças" /.../ A toxicidade do sangue menstrual foi refutada no final de 1950 (DRUET, 2017).

Na contemporaneidade, os estudos científicos mantêm a ideia da ausência da toxicidade do sangue menstrual, a não ser que este esteja contaminado por agentes nocivos. Neste caso, o problema não é do sangue em si, mas da sua contaminação.

Fato é que, independentemente da certeza da origem da ojeriza que a sociedade mantém do sangue menstrual, a condição de inferiorização feminina em meio à supremacia masculina e o sistema patriarcal só impulsionaram a manutenção desse estigma. A antropóloga e feminista Emily Martin, em um estudo que realizou a partir de informações extraídas de textos do século XIX e de livros de medicina, descobriu que a menstruação era considerada um processo patológico, um tipo de distúrbio que deixa a mulher fora do controle³¹ (MARTIN, 2006). Segundo a autora, a menstruação, nos textos analisados, estava ligada a termos como falta, perda, desintegração e privação, devido ao fato de representar a ausência de uma gravidez, portanto, de uma reprodução – “considerar a menstruação como uma produção que deu errado também contribui para vê-la de forma negativa” (MARTIN, 2006, p. 92).

Simone de Beauvoir (2000) afirma que, desde a infância, é imposto às meninas o silenciamento diante da menstruação. Esta se torna motivo de desconforto e rejeição, como se a partir da primeira menstruação a mulher se tornasse impura. Assim sendo, quando a menarca chega, frequentemente é recebida com receio e desconforto, visto que já se espera com ela nada de bom: mães e filhas tentam escondê-la dos demais convivas, por motivos diferentes.

Assim, o discurso presente nas práticas sociais nos mais diferentes âmbitos – familiar, religioso e até mesmo educacional – ao longo dos séculos, ao reforçar aspectos negativos em torno do sangue menstrual, estava (e está) também estigmatizando a própria mulher, pois, se o sangue menstrual é impuro e sujo, a mulher que o produz também é. É, portanto, por esse motivo que existe um pensamento no âmbito feminista de que o tratamento negativo dado à menstruação é um ato de misoginia³².

Assim, contrapondo o imaginário sociodiscursivo de que a menstruação é impura, suja e repulsiva está o pensamento de sua aceitação como uma forma de valorização do feminino. Se menstruar é uma peculiaridade das mulheres, valorizar o ciclo menstrual é uma forma de conduzir o pensamento social para uma espécie de orgulho de ser mulher, de ser diferente do

³¹ Leia-se “do controle” mesmo, pois a ideia é a de que, no período menstrual, a mulher ficava, muitas vezes, em um estado de nervos que a deixava auto descontrolada e, desse modo, difícil de ser controlada também pelo homem.

³² Em uma conceituação comum, como a que está presente nos dicionários, misoginia é o sentimento de repulsa e/ou aversão às mulheres (FERREIRA, 2011, p. 599).

homem e por ter o poder de carregar a vida, já que o ciclo que dá origem à menstruação é o ciclo reprodutivo feminino. Dessa forma, os adeptos dessa concepção estão buscando construir novas imagens e discursos que sejam capazes de eliminar esse estigma, ao passo que, fazendo isso, a sociedade estará aceitando algo que é inerente ao corpo feminino, portanto, respeitando o ser mulher.

No entanto, apesar de haver esse contradiscurso em relação à visão negativa que se tem do sangue menstrual, este continua sob o estigma de ser sujo, impuro e imprestável. Logo, ainda se faz necessário que esse imaginário sociodiscursivo seja transgredido, a fim de que esse estigma seja suplantado. É possível visualizar essa transgressão na escrita evaristiana ao se fazer uma análise do conto *Mary Benedita*.

A protagonista conta que, em relação à pintura, dois momentos lhe marcaram. Um deles foi quando chegou a sua menarca, pela qual ela esperava com alegria.

A primeira pintura consciente foi no dia em que fiquei menstruada pela primeira vez. Eu tinha doze anos. Tia Aurora já tinha me explicado tudo sobre o sangue que escorre sobre nós mulheres em vez em vez. Eu aguardava feliz a chegada. Quando meu sangue, primeiro em gotas, depois intensos borbulhos, jorrou de mim, fui tomada pelo prazer intenso de ser mulher e queria fazer algo que traduzisse aquele momento. Resolvi pintar, fiz algo na tela que me deixou plena de mim (EVARISTO, 2016, p. 78).

É nesse momento que a personagem descobre que tem talento para a arte, pois ela foi “tomada pelo prazer intenso de ser mulher” e, na busca por realizar algo que pudesse traduzir aquele momento, ela resolveu pintar. Diante disso, nasce aí também a valorização do sangue menstrual como matéria-prima para a composição de sua arte. Posteriormente, a personagem passou a utilizar o sangue obtido através dos cortes que produzia sobre sua pele, inclusive, do seu rosto.

Vale ressaltar que a menstruação, nesse trecho, é recebida com celebração porque representava para a personagem a passagem³³ de uma fase da vida para outra, na qual ela se veria não mais como criança, mas como mulher. A protagonista enxergava um sentido sublime e intenso naquele sangue que, para ela, tinha uma representação tão especial que precisava ser visto por outras pessoas que viessem a olhar para sua pintura estampada na tela.

³³ É válido sinalizar que há outros contos no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* que trazem a menarca como um momento ímpar e bastante significativo na vida das personagens. São eles: *Natalina Soledad*, *Maria do Rosário Imaculado dos Santos* e *Isaltina Campo Belo*. Em todos, notamos que a primeira menstruação representou uma passagem de uma fase para outra, trazendo, com isso, novas formas de encarar a vida, os fatos e as angústias.

Isso contraria o estigma em torno do sangue menstrual, tanto por ele ser recebido com alegria, não com receio ou nojo, quanto por ele ser usado como tinta para a pintura do quadro, ou seja, como algo útil, não descartável, próprio para uso, dada a sua representatividade. Evidentemente, temos aí uma transgressão do imaginário sociodiscursivo de que o sangue menstrual é impuro, sujo, descartável e/ou insignificante. E não somente isso, o protagonismo da mulher negra que se contrapõe ao discurso materializado na sociedade a respeito da menstruação desmantela a proposta de dominação do corpo feminino imposto pela cultura androcêntrica, que considera o homem como medida de todas as coisas (GARCIA, 2011).

Ainda cabe ressaltar que, no conto em análise, a temática em questão não está restrita apenas às mulheres negras, pois o estigma em torno do sangue menstrual atinge a todas as mulheres. Assim, a escrita de Conceição Evaristo ultrapassa um imaginário que a mulher, do ponto de vista enquanto categoria, trazendo à tona imagens e discursos ligados à natureza feminina, o que revela um compromisso em pensar as mulheres negras sob diferentes aspectos e não apenas aos que estão direcionados às questões étnico-raciais. Essa postura prima por demonstrar que as mulheres negras experienciam múltiplos espaços, de modo que além do racismo (e de seus desdobramentos), ainda existem as opressões impostas pelo sistema patriarcal.

Quanto à formação dos imaginários sociodiscursivos discutidos no conto *Mary Benedita*, notamos que o que deu origem a eles foram os saberes de crença, visto que eles estão associados a processos de apreciações e julgamentos a respeito dos fenômenos, dos eventos e dos seres do mundo (CHARAUDEAU, 2017). Mulheres negras não poderem ser intelectuais não é uma representação oriunda de um saber científico, ou experimental, mas de uma crença que surgiu em decorrência de discursos difundidos no período colonial para justificar a exploração da mão de obra, a do corpo feminino e a do trabalho servil. As postulações do sistema patriarcal são também oriundas de um sistema imposição discursiva embasada em opiniões, no caso, dos homens, de que eles são superiores às mulheres, determinando assim os papéis sociais no interior do sistema. De igual modo, são os saberes de crença, ora de opinião, ora de revelação, que estigmatizaram o sangue menstrual.

3.4 A questão da maternidade em *Saura Benevides Amarantino*

Do meu corpo/ o feto ossificado/ há de brotar um dia./
Ele apenas se escondeu/ nos vãos de minhas/ sofridas entranhas,/
enquanto eu de soslaio/ assunto a brutalidade do tempo.
Do meu olhar/ a flor petrificada/ em meu íntimo solo/

contempla a distração de muitos/ e balbucia uma estranha fala,/
mas eu sei qualquer dizer/ pois quem convive/
com os forçados à morte decifra todos os sinais/
E sabe quando o silêncio,/ julgado eterno,/ está para ser rompido
(EVARISTO, 2017b, p. 30).

O conto *Saura Benevides Amarantino* narra a história de uma mulher que não consegue destinar amor a um de seus filhos. Em seu íntimo, a personagem é muito bem resolvida quanto à ausência de amor materno, mas, no entanto, incomoda-lhe bastante a pressão que sofre socialmente por ser incapaz de sentir amor pela filha que nasceu por último. Ao contar sua história, Saura elucida que isso não significa que ela não conheça o amor materno, algo que a sociedade defende como inerente a toda mulher dita “normal” que um dia dá a luz; ela só não consegue senti-lo por todos os seus filhos.

Dizem que do amor de mãe nada sei. Engano de todos. Do amor de mãe, sei. Sei não só da colhida de filhos, de que uma mãe é capaz, mas também do desprezo que ela pode oferecer. Dos três filhos que tive, duas meninas e um menino, meu coração abrigou somente dois. A menina mais velha e depois o menino; a filha caçula sobrou dentro de mim. Nunca consegui gostar dela. A aversão que eu sentia por essa menina, em medida igual, era o acolhimento que fui capaz de oferecer e ofereço aos outros. Sou mãe de Idália e Maurino. Os dois me bastam (EVARISTO, 2016, p. 117).

A personagem declara abertamente que não consegue aceitar a filha e dedicar-lhe amor. O fato de a protagonista não negar essa situação perante aquelas pessoas com as quais convive, leva-a a sofrer pressões, visto que, aos olhos da sociedade é inadmissível uma mãe não amar o seu filho.

Vemos, desse modo, já no início da narrativa, quando a protagonista sinaliza a centralidade da problemática do enredo do conto, que a questão da maternidade a ser apresentada no conto em nada se assemelha aos modos de representação das mulheres negras no âmbito literário tradicionalmente posto no Brasil. Isso porque as mulheres negras são comumente representadas como a figura da “mãe preta”, como aquela que cuida dos filhos dos senhores brancos, destinando a eles amor e atenção, deixando, inclusive, seus próprios filhos em segundo plano. Nesse sentido, é válido considerar o que afirma Fabiana Carneiro da Silva, em seu artigo *A Maternidade negra em Um defeito de cor: a representação literária como disrupção do nacionalismo*:

Somando-se ao estereótipo da “mulata”, a “mãe preta” configura a outra forma com que a mulher negra foi principalmente representada pela literatura alçada à condição de nacional no Brasil. Em ambas as

representações, tolhe-se a possibilidade de que essa mulher seja representada subjetivamente enquanto mãe, na medida em que, num dos casos ela é estéril (conforme indica o termo “mulata”, do qual deriva “mulata”, que se refere à espécie resultante do cruzamento entre um cavalo e um jumento) e, no outro, sua relação com o próprio filho é invisibilizada. Ainda, a inserção do elemento “preta” como caracterizador da ideia (tão essencializada) de “mãe” demarca com intensidade a racialização e a posição subalterna atribuída à mulher negra (CARNEIRO, 2018, p. 245).

Tais representações foram sendo construídas desde o período da colonização brasileira e foram perpetuadas na literatura mesmo muito tempo depois da abolição da escravatura, através de personagens como tia Anastácia de Monteiro Lobato, agora, na figura da empregada doméstica que tinha as mesmas características abnegadas da “mãe preta”. Assim, no âmbito da literatura canônica, conforme Sônia Roncador (2008, *apud* SILVA, 2018, p. 246):

A “mãe preta” é alçada à condição de mito, no qual aparece como símbolo da “fidelidade incondicional” e do “servilismo absoluto à classe senhorial”; Trata-se, desse modo, de uma mulher que, “apesar de lhe ter sido retirado o filho, ama e acolhe com doçura a criança branca a que deverá amamentar”.

Logo, não há representações das mulheres negras como mãe de seus próprios filhos. Não vemos uma construção discursiva em torno do modo como as mães negras educavam seus filhos ou como vivenciavam os sabores e os dissabores da maternidade. Conceição Evaristo (2005b, p. 53) afirma que

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra.

Mantendo o foco nessa discussão, a autora questiona os motivos para essas representações se apresentarem dessa forma, apontando para uma tentativa do discurso literário, como o histórico, procurar apagar os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira (EVARISTO, 2005b).

Assim, partindo de uma escrita que busca romper com esse imaginário, Evaristo traz uma história de uma mãe negra, que, como qualquer outra mãe, experimenta a maternidade e a significa a partir do seu olhar próprio e de suas vivências. Desse modo, a autora rompe em definitivo com a imagem de “mãe preta”, ao ignorá-la totalmente, visto que não se reporta de nenhum modo a esse imaginário no conto em questão, e ainda evoca um outro imaginário, mais contemporâneo, e também passível de ressignificação, o do amor materno inato, incondicional.

Saura Benevides, então, dirige-se à sua interlocutora, e conta a sua história a fim de esclarecer os fatos que estão relacionados ao contexto em que seus filhos foram concebidos, demonstrando os fatores que a levaram a aceitá-los ou não como filhos amados.

Aos 16 anos, Saura engravidou de sua primogênita, Idália. O pai era um rapaz igualmente jovem e foi com quem descobriu o prazer sexual. Na época, os pais de Saura iriam obrigar os jovens a se casarem, mas eles articularam um plano para que o rapaz fugisse, já que não era desejo de ambos unirem-se em matrimônio. Apesar disso, Saura não viu a gravidez como algo terrível e que poderia atrapalhar seus sonhos de juventude. Ao contrário, sentiu carinho pela criança mesmo antes da história vir à tona para a família. Seus pais auxiliaram a adolescente na criação do bebê, apesar da relutância inicial do avô. Assim, “Idália cresceu cercada por meu amor e sempre aconchegada aos avós” (EVARISTO, 2016, p. 118).

O segundo filho, Maurino, foi o filho desejado, planejado. Nasceu de um relacionamento estável e harmônico. O pai do menino era um homem pobre, mas decente, conforme descrição da protagonista, com quem ela viveu feliz até o dia em ele faleceu. O companheiro de Saura acolheu Idália e deu-lhe o seu sobrenome ao registrá-la como sua filha, aos cinco anos de idade da menina.

A escrita de Idália ao grafar o nome da família Amarantino parecia dançar feliz sobre as folhas de seus primeiros cadernos. Eu também dançava feliz no jogo conjugal de Amarantino sobre mim. A vida nos permitiu sermos felizes por 11 anos. Um dia, repentinamente, ele adoeceu e se foi. O vazio deixado pela morte de Amarantino pesa ainda sobre nós. Da ausência dele, padeço e padeço até hoje, embora ninguém acredite (EVARISTO, 2016, p. 119).

O curso da narrativa leva à terceira gestação, àquela que foi rejeitada. Saura é julgada negativamente por seus pais: por meio de namoro sem compromisso com um ex-colega de juventude, pouquíssimo tempo após o início de sua viuvez, sua gravidez era vista como inconsequente, mesmo estando senhora de si. Seu pai a lembrou da insensatez da primeira gravidez e cobrava-lhe, agora, o pudor por ser uma mulher viúva e já mãe de dois. Saura não se conformava com o fato de, nessa gravidez, realmente ter se comportado de maneira inconsequente, pois, segundo ela, na primeira, ela não sabia o que estava fazendo. Além disso, a primeira tinha o encanto da ideia de poder gerar uma vida. Mas agora, ela era uma mulher madura, consciente inclusive dos métodos contraceptivos que poderia ter usado para evitar a concepção de mais um filho. Além disso, “a terceira, a última, foi uma gravidez que se intrometeu na lembrança mais significativa que eu queria guardar. Imagem da última dança do corpo de Amarantino sobre mim, antes dele adoecer” (EVARISTO, 2016, p. 121). A

terceira gravidez era, pois, para a personagem, a prova pública de que se deitara com outra pessoa, rasurando a lembrança nítida do último momento íntimo que tivera com o companheiro. “E desde então, odiei a criança que eu guardava em mim” (EVARISTO, 2016, p. 121).

Para completar a lista dos motivos que a protagonista elenca a fim de justificar sua rejeição pela filha, vem o fato de a menina ser a “imagem” fiel do pai, o que a levou a tomar a decisão de entregá-la aos cuidados dele.

Quando a menina nasceu, mas desgosto me esperava. Ela não saíra com uma só marca de nossa família. Sinal algum denunciava que ela era minha filha, a aparência dela era toda a família paterna. E, se fosse um menino, poderia ser confundido com uma miniatura do pai. /.../ Ela era toda o pai, toda. Que fosse para ele então (EVARISTO, 2016, p. 121).

Mas essa decisão não foi bem vista, sobretudo, por sua família. Sua mãe desgostou-se profundamente por não compreender como a filha poderia entregar a criança assim como quem se desvencilha de um “pacote de embrulho”. A avó chegou a pedir que o bebê lhe fosse entregue, pois ela queria estar com a neta e permitiria que o pai estivesse presente para colaborar com a educação da filha. Como nas demais vezes, ela iria auxiliar a criar seus netos. Porém, Saura não queria a filha por perto.

O que minha mãe não entendia era que eu queria aquela criança longe de mim. Eu não sentia nada por ela; aliás, sentia sim, raiva, muita raiva. Queria esquecer a filha que eu não havia concebido, nem antes e muito menos nos momentos após o parto, quando contemplei a criança e me irritei com todos os traços dela, que acintosamente negavam os meus (EVARISTO, 2016, p. 122).

Apesar de a sociedade ditar que “quando nasce um filho, nasce também uma mãe”, vemos cotidianamente casos em que mães doam seus filhos, outras os abandonam e algumas chegam até a jogá-los fora. Se olharmos atentamente para esses casos em que mães abandonam seus filhos, veremos que não estamos falando de loucura, ou de simples assassinato. Não é sempre um assassinato, porque há aquelas que não matam o bebê após o parto, mas deixam vivo na lata do lixo ou em algum outro lugar, denotando que a intenção era o abandono, não necessariamente o homicídio (embora saiba que alguém tão frágil, dificilmente sobreviverá por muito tempo a uma ação como essa). E, em grande parte das vezes, não se trata de loucura, pois muitas mães que praticam tal ato chegam a ser apreendidas pelo poder público, que após feitas as devidas análises médicas, determinam que a mãe não sofria de nenhum transtorno psicótico ou anomalia psiquiátrica.

Aquelas que abandonam os filhos são motivadas por circunstâncias que nem sempre estão associadas à falta de amor, o que não significa dizer que muitas não mascarem a falta de amor ao lançarem mão de circunstâncias adversas para justificar sua ação. E as que doam, também podem estar motivadas por situações adversas, e são até mais bem vistas socialmente, mesmo que não amem seu filho, pois, ao menos, a criança poderá ser adotada por alguém que deseje lhe destinar amor. Há ainda os casos em que se diagnostica a depressão pós-parto, em que a mãe quer estar distante do filho, sentindo-se incapaz de criá-lo, alimentá-lo e protegê-lo, ou sente aversão total à criança, não suportando, sobretudo nos primeiros dias, a presença dela ou ter que interagir com ela. Está na página oficial do site do Ministério da Saúde do Brasil:

A depressão pós-parto é uma condição de profunda tristeza, desespero e falta de esperança que acontece logo após o parto. /.../ Os custos emocionais ligados à depressão pós-parto fazem com que a mãe interaja menos com a criança. Da mesma forma, sintomas como irritabilidade, choro frequente, sentimentos de desamparo e desesperança, diminuição da energia e motivação, desinteresse sexual, transtornos alimentares e do sono, ansiedade e sentimentos de incapacidade de lidar com situações novas são emocionalmente potencializadas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Todo esse contexto nos leva a refletir sobre o imaginário sociodiscursivo do amor materno inato e incondicional. A noção que temos de amor materno hoje é a mesma de sempre na história das sociedades humanas? Seria esse imaginário originário de um saber de crença ou de conhecimento?

A escritora, filósofa e historiadora Elisabeth Badinter, em seu livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, com primeira publicação em Paris em 1980, por meio de uma extensa pesquisa histórica, discute a questão da maternidade sob a perspectiva de que esse amor de mãe não é um instinto, uma tendência feminina inata, mas sim um comportamento social variável de acordo com a época e os costumes. Assim, a autora parte justamente da constatação de que, não somente hoje, mas também no passado, por meio dos relatos históricos, esse sublime amor materno dá razões para ser questionado. Em seguida redargua o argumento de que a mulher é semelhante aos animais no sentido de ser movida por um instinto que a conduz a essa dedicação ao filho indiscutivelmente. Em um dado momento da discussão, afirma:

Em princípio, a lei natural não admite nenhuma exceção. Mesmo se substituirmos o conceito de lei (universalidade) pelo de regra (geral), é necessário constatar que há demasiadas exceções à regra do amor materno para que não sejamos forçados a questionar a própria regra. O Amor, no reino humano, não é simplesmente uma norma. Nele intervêm numerosos fatores que não a respeitam. Ao contrário do reino animal, imerso na natureza e submetido ao seu determinismo, o humano — no caso, a mulher

— é um ser histórico, o único vivente dotado da faculdade de simbolizar, o que o põe acima da esfera propriamente animal. Esse ser de desejo é sempre particular e diferente de todos os outros (BADINTER, 1985, p. 16).

Ainda segundo a autora, aqueles que defendem o amor materno quanto à sua imutabilidade em essência são os que corroboram a ideia de a natureza humana só se modificar superficialmente. Segundo esse raciocínio, então:

A cultura não passa de um epifenômeno. Aos seus olhos, a maternidade e o amor que a acompanha estariam inscritos desde toda a eternidade na natureza feminina. Desse ponto de vista, uma mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe. Toda exceção à norma será necessariamente analisada em termos de exceções patológicas. A mãe indiferente é um desafio lançado à natureza, a anormal por excelência (BADINTER, 1985, p. 16).

Eram justamente embasadas nesse fundamento que as pessoas em torno de Saura Benevides a censuravam, julgando-a como alguém sem sentimentos, uma mãe anormal.

Desse modo, para comprovar a tese de que o amor materno não é inato, mas adquirido ao longo dos dias passados ao lado do filho, Badinter (1985) vai trazendo em sua obra as inúmeras formas de ser mãe, em outras épocas, demonstrando que algumas dessas formas, apesar de serem encaradas como maneiras de amar, em nada se assemelham à ideia de amor que temos hoje, ou, até mesmo, ao significado que se atribui ao verbo amar na história³⁴. Segundo Badinter, “observando-se a evolução das atitudes maternas, verifica-se que o interesse e a dedicação à criança não existiram em todas as épocas e em todos os meios sociais. As diferentes maneiras de expressar o amor vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou quase nada” (BADINTER, 1985, p. 19).

Dessa forma, para manter o sentido da discussão, segundo a autora, é importante ter em mente as características e as representações que garantam uma definição mínima do que é o amor. Assim, temos:

Não é ele sempre uma atenção bondosa para com outrem, que se exprime por pensamentos e gestos? (BADINTER, 1985, p. 13)
/.../ o amor não se exprime a todo momento, e que pode perdurar em estado latente. Mas, se não se cuida dele, ele pode se debilitar ao ponto de desaparecer. Se faltarem oportunidades para se exprimir o próprio amor, se as manifestações do interesse que se tem por outrem são demasiado raras, então se corre o grande risco de vê-lo morrer. (BADINTER, 1985, p. 14)

³⁴ Até mesmo porque se os exemplos trabalhados fossem vistos apenas sob a perspectiva atual, a autora estaria trabalhando com anacronismos (BADINTER, 1985).

/.../ não há amor sem algum desejo, e que a ausência da faculdade de tocar, mimar ou beijar é pouco propícia ao desenvolvimento do sentimento (BADINTER, 1985, p. 18).

Tendo em vista o que se entende por amor, tomemos esse fato histórico: vejamos alguns exemplos apresentados na obra que apontam para momentos circunscritos na história em que vemos, ora sutilmente, ora abertamente, a ausência de amor materno.

1780: o tenente de polícia Lenoir constata, não sem amargura, que das 21 mil crianças que nascem anualmente em Paris, apenas mil são amamentadas pela mãe. Outras mil, privilegiadas, são amamentadas por amas-de-leite³⁵ residentes. Todas as outras deixam o seio materno para serem criadas no domicílio mais ou menos distante de uma ama mercenária. São numerosas as crianças que morrerão sem ter jamais conhecido o olhar da mãe. As que voltarão, alguns anos mais tarde, ao teto familiar, descobrirão uma estranha: aquela que lhes deu à luz. Nada prova que esses encontros tenham sido vividos com alegria, nem que a mãe tenha se apressado em saciar uma necessidade de ternura que hoje nos parece natural (BADINTER, 1985, p. 19).

Onde está o instinto maternal que impulsiona a mulher, após conceber seu filho, a querer tomá-lo nos braços, chamá-lo de seu e passar, assim, a cuidar, alimentar e proteger seu bebê? Onde está o sentimento amoroso quando uma mãe entrega um ser indefeso para uma mulher (estranha) que, como a história relata, não necessariamente cuidaria adequadamente da criança, já que muitas faleciam aos “cuidados” da ama? Ou, ainda, “como explicar esse abandono do bebê numa época em que o leite e os cuidados maternos representam para ele uma maior possibilidade de sobrevivência?” (BADINTER, 1985, p. 19).

Nessa esteira, F. Lebrun (1975) levanta uma série de questões relacionadas ao contexto do século XVIII:

Por que levar o mais depressa possível à igreja, para cerimônias suplementares do batismo, o recém-nascido já batizado sumariamente em casa, prática desastrosa em muitos casos (os registros de sepultamento o provaram) e ainda menos justificada uma vez que o batismo sumário tem pleno valor de sacramento? Por que, na cidade, mandar a criança para a casa de uma ama poucos dias depois de seu nascimento, seja qual for seu estado de saúde, a estação do ano e a distância? Por que esse uso inveterado, apesar das proibições frequentemente reiteradas das leis sinodais, de dormirem os

³⁵ Segundo numerosos testemunhos, foi no século XVII que o uso de deixar a criança na casa da ama-de-leite se generalizou entre a burguesia. Foi a vez das mulheres dessa classe pensarem que tinham coisas melhores a fazer, e o disseram. Um estudo de Jean Ganiage sobre os lactentes parisienses confiados a amas-de-leite em Beauvaisis confirma esse fato. Mas é no século XVIII que o envio das crianças para a casa de amas se estende por todas as camadas da sociedade urbana. Dos mais pobres aos mais ricos, nas pequenas ou grandes cidades, a entrega dos filhos aos exclusivos cuidados de uma ama é um fenômeno generalizado (BADINTER, 1985, p. 67).

pais na mesma cama com crianças novinhas, o que provocava frequentes acidentes mortais por sufocação? Por que, de uma maneira geral, essa ausência de precauções elementares em torno do bebê, em casa da mãe ou a fortiori em casa da ama, pelo menos antes da tomada coletiva de consciência dos anos 1760-1770? Não se trataria, da mesma forma que em certos abortos, de uma estratégia (mais ou menos consciente, tomando o sentido da seleção natural) de limitação do número dos filhos no seio da família? (cf. BADINTER, 1985, p. 75).

As respostas para essas e para outras perguntas semelhantes foram constatadas pelos historiadores que apontaram justificativas econômicas, demográficas e ideológicas para os valores e a cultura de cada época, que determinaram, inclusive, a condição feminina inferiorizada, portanto, sujeita à ordem social imposta pela supremacia patriarcal. No entanto, independente do que as justificativas apontaram, fato é que o instinto da preservação e manutenção da vida suplanta a maternidade. O que nos leva a concluir que, apesar de extremamente importante para os seres humanos, a tese de que o amor materno não é inato é verdadeira.

Vale salientar que, em hipótese alguma, essa discussão não se propõe a negar a existência e a autenticidade do amor materno. Apenas buscamos demonstrar que o amor materno “foi por tanto tempo concebido em termos de instinto que acreditamos facilmente que tal comportamento seja parte da natureza da mulher, seja qual for o tempo ou o meio que a cerque” (BADINTER, 1985, p. 19) e que essa concepção perpassa pela obra de Conceição Evaristo. Logo, o amor de mãe, como um sentimento humano, se mostra semelhante a qualquer outro, podendo ser excelso, forte, benevolente, como também incerto, frágil e imperfeito; tanto pode, como não pode existir, pode aparecer e desaparecer, preferir um filho, ser de todos, ou desprezar algum (BADINTER, 1985).

O conto *Saura Benevides Amarantino* retrata exatamente essa constatação da filósofa. A protagonista dispensou amor, cuidado e atenção aos seus dois primeiros filhos, pois se permitiu mergulhar nos sentimentos mais benevolentes da maternidade. Entretanto, na terceira concepção, a personagem destinou à filha um sentimento de desprezo: “Sei não só da colhida de filhos, de que uma mãe é capaz, mas também do desprezo que ela pode oferecer” (EVARISTO, 2016, p. 117). Ora, se o amor materno fosse um sentimento inato, na concepção da escritora, Saura teria amado a sua caçula. E se Saura fosse uma mãe anormal, ou sofresse de alguma patologia, certamente não teria amado seus dois primeiros filhos.

Psicólogos, sociólogos, assim como a feminista e filósofa Simone de Beauvoir (2000), também questionaram o instinto materno. Mas, por serem em sua maioria mulheres, seus postulados e reflexões não foram tão levados a sério quando mereciam. Essas mulheres eram

feministas, e “fingiu-se acreditar que sua inspiração era mais militante do que científica. Em lugar de discutir seus trabalhos, foram muitos os que ironizaram a esterilidade voluntária de uma, a agressividade e a virilidade da outra” (BADINTER, 1985, p. 21). Nas páginas 55 a 58 do primeiro volume de *Segundo Sexo*, Beauvoir (2000) apresenta toda a mecânica biológica da fecundação, do processo de gestacional e do nascimento da criança, demonstrando como gestar uma vida é extremamente traumático e doloroso para a fêmea dos mamíferos. “A mulher torna-se mais emotiva, mais nervosa, mais irritável do que de costume e pode apresentar perturbações psíquicas graves” (BEAUVOIR, 2000, p. 57). O corpo feminino fica muito mais vulnerável a doenças e infecções, e a mulher chega a correr risco de morte, sobretudo, durante o parto. No pós-parto a situação continua dolorosa, agora devido ao período de amamentação:

O aleitamento é também uma servidão esgotante; um conjunto de fatores – o principal dos quais é, sem dúvida, o aparecimento de um hormônio, a progesterina – traz às glândulas mamárias a secreção do leite; a ocorrência é dolorosa e é acompanhada, com frequência, de febres, e é em detrimento do seu próprio vigor que a mãe alimenta o recém-nascido (BEAUVOIR, 2000, p. 58).

Fica claro que nem todas as mulheres encararão a gravidez da mesma forma – como um momento difícil em nome de um bem maior. Sim, muitas mulheres não se sentirão confortáveis com a ideia de passar por tantos processos dolorosos, abrindo mão de seu bem-estar em nome de outra pessoa. Na gestação, “a mulher, como o homem, é seu corpo, mas seu corpo não é ela, é outra coisa” (BEAUVOIR, 2000, p. 57), e nem todas estão preparadas para essa verdade.

Esse conto nos convida a refletir sobre o imaginário sociodiscursivo de amor materno que, com base no estudo de Elisabeth Badinter, remete-nos a uma imposição do sistema patriarcal, que se manifestou no âmbito materno de diferentes maneiras no decorrer da história. Com a construção dessa personagem, Conceição Evaristo transgride esse imaginário, propondo um novo olhar para as mulheres, negras ou não, que não conseguem maternar, pois não viram nascer dentro de si o sentimento do amor materno. Além disso, por representar a mãe negra a partir de uma perspectiva diferente do que tradicionalmente vem sendo representada, a autora transgride o imaginário de “mãe preta” servil, ou da mulata estéril, tão largamente difundidas na memória coletiva dos brasileiros. Logo, a imagem de “mãe preta” contando histórias para ninar a prole do senhor, como menciona Evaristo ao discorrer sobre a escrevivência, é aqui totalmente subvertida, visto que deseja acordá-los de seus sonos injustos

por meio da quebra do silêncio e da apresentação de representações que não mais essencializem as mulheres negras.

A personagem Saura, por amar seus dois primeiros filhos e não amar a caçula, permite que o leitor a veja como alguém que tem, sim, capacidade de amar, mas também tem o direito de não amar, se assim não brotar o amor em seu íntimo. A narrativa não a revela como um ser indigno, ou desprovido de bons sentimentos, ou ainda perturbado psiquicamente, mas sim, mostra uma mulher normal, uma pessoa, com qualidades e defeitos, portanto, humana, de modo que, por ser simplesmente um ser humano, merece respeito.

Quanto à origem dos saberes mobilizados para a formação desse imaginário sociodiscursivo de amor materno inato e incondicional, Elisabeth Badinter afirma que vários discursos contribuíram para esse pensamento, que vão desde a preceitos moralistas, religiosos, de declínio do papel paterno, até aqueles propagados na área médica, herdados dos postulados de Sigmund Freud.

O discurso psicanalítico contribuiu muito para tornar a mãe o personagem central da família. Depois de ter descoberto a existência do inconsciente e mostrado que ele se constituía durante a infância, e mesmo da primeira infância, os psicanalistas adquiriram o hábito de interrogar a mãe, e mesmo de questioná-la, à menor perturbação psíquica da criança. Embora a psicanálise jamais tenha afirmado que a mãe era a única responsável pelo inconsciente do filho, não deixa de ser verdade que ela foi logo considerada — e veremos porque — a causa imediata, senão primeira, do equilíbrio psíquico deste. Quer se queira ou não, a psicanálise levou a pensar, durante muito tempo, que uma criança afetivamente infeliz é filho ou filha de uma mãe má, mesmo que o termo "má" não tenha aqui nenhuma conotação moral. /.../ Portanto, a psicanálise não só aumentou a importância atribuída à mãe, como "medicalizou" o problema da mãe má, sem conseguir anular as posições moralizadoras do século anterior (BADINTER, 1985, p. 295-296).

O discurso na área médica nos remete aos saberes de conhecimento na formação dos imaginários sociodiscursivos, pois essa área está ligada ao conhecimento científico considerado socialmente como um conhecimento com alto grau de legitimidade. Os outros discursos supracitados estão vinculados aos saberes de crença, ora associados aos saberes de opinião (no caso dos discursos moralizadores), ora ao saber de revelação (no caso dos discursos de ordem religiosa). Assim, podemos afirmar que o imaginário do amor materno foi formado a partir tanto de saberes de crença como de conhecimento. Vale dizer que a ciência evolui e por isso, apesar de sua legitimidade, pode ser contestada a partir de novos estudos e novas teorias.

Em nosso espírito, ou antes em nosso coração, continuamos a pensar o amor materno em termos de necessidade. E apesar das intenções liberais, vemos sempre como uma aberração, ou um escândalo, a mãe que não ama seu filho. Estamos prontos a tudo explicar e justificar de preferência a admitir o fato em sua brutalidade. No fundo de nós mesmos, repugna-nos pensar que o amor materno não é indefectível. Talvez porque nos recusemos a questionar o amor absoluto de nossa própria mãe... (BADINTER, 1985, p. 22).

Assim finalizamos essa seção com a constatação de Elisabeth Badinter, que acreditamos dialogar muito bem com todo o contexto apresentado na análise desse conto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo primeiro contextualizamos a produção literária de Conceição Evaristo, explicitando as especificidades dessa produção que a levaram a ter sua obra reconhecida nacional e internacionalmente como representante de uma autoria feminina negra dos nossos dias. Vimos como se deu sua tomada de consciência de negritude, o que a conduziu a toda uma vida de dedicação à causa étnica, primeiramente como ativista e, posteriormente, como ainda hoje, como acadêmica e como escritora, por meio de discursos em textos científicos e literários, sendo estes últimos o que lhes renderam maior notoriedade no âmbito da leitura.

Vimos, ainda, o que significa, o que representa e como se construiu a *escrevivência* – conceito elaborado pela autora para nomear sua maneira ímpar de escrever. A *escrevivência*, como produção literária que une escrita e vivência proposta por uma mulher negra, se apresenta como uma forma de reivindicar um espaço de atuação intelectual negado àqueles que são negros, sobretudo às mulheres negras, subalternizadas, silenciadas. Surge para propor um espaço de quebra de paradigmas representacionais.

Nesse capítulo, pudemos ainda conhecer, de maneira genérica, a obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, sua estrutura e suas especificidades. Notamos que as mulheres circunscritas nos contos enfrentaram violências e dores atrozes, no entanto, ao projetarem suas narrativas em direção à sua interlocutora, que é a narradora (EUE/narrador) dos contos, revelaram-se mulheres que não se entregaram às desventuras da vida, mas lutaram por sua sobrevivência. São personagens que se mostram “refeitas em sua psique, com as emoções apaziguadas e as antigas dores superadas” (DUARTE, 2016, p. 153).

Refletimos, também nesse íterim, sobre o protagonismo feminino negro impresso em cada conto do livro, motivo principal que nos conduziu à escolha dessa obra como objeto de estudo. Além disso, definimos o recorte e o *corpus* de análise à luz da Teoria Semiociológica.

Começamos o segundo capítulo com a definição do gênero conto para situar o leitor no contexto da nossa pesquisa, a partir do qual nos direcionamos para nosso arcabouço teórico-metodológico, que é a Teoria Semiociológica. Empreendemos uma abordagem que nos permitiu ter uma visão dessa teoria na dimensão de que precisamos para efetuar a análise dos contos selecionados como nosso *corpus*. Assim, apresentamos, primeiramente, a parte da Teoria Semiociológica, que é o foco da nossa pesquisa e, inclusive, dá nome à nossa dissertação, qual seja, a que trata sobre os imaginários sociodiscursivos. Compreendemos o

que são e como são formados esses imaginários, e expusemos a partir de quais saberes foram formados os imaginários citados direta ou indiretamente nos contos de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, revelando como tais imaginários foram elaborados a partir de representações depreciativas das populações negras.

Adentramos na esfera dos conceitos de identidades segundo a perspectiva charaudeana e vimos de que forma os imaginários sociodiscursivos com elas se relacionam. Vimos que outras noções de identidade da modernidade dialogam diretamente com a perspectiva charaudeana por meio das ideias de Stuart Hall (2011) e Homi Bhabha (1998). Apresentamos, ainda, a teoria das identidades social e discursiva como o fundamento da competência comunicacional, elucidando que para que a análise do discurso seja efetuada, não se pode ignorar que o sujeito enunciador possui essas duas dimensões identitárias para serem levadas em consideração.

Definimos teoricamente o que são os sujeitos da linguagem e o contrato de comunicação, para, posteriormente demonstrarmos como essa teoria, em conjunto com a proposta de Machado e Mendes (2013), ou seja, a perspectiva semiolinguística brasileira, se aplica ao livro, objeto de nosso estudo, na perspectiva, portanto, do discurso ficcional. Elucidamos que tal demonstração visou, especialmente, demonstrar como se dá a legitimação discursiva presente no texto literário que autoriza o sujeito a enunciar sobre qualquer temática, adentrando diferentes espaços identitários, mesmo que esse mesmo sujeito não compartilhe de experiência típicas desses lugares de enunciação.

No terceiro capítulo foi possível constatar, através da aplicação da teoria dos imaginários sociodiscursivos ao discurso presente nos contos, e por meio do diálogo que estabelecemos com o pensamento dos feminismos, que funcionaram como articuladores junto à teoria principal, como se deu a transgressão dos imaginários sociodiscursivos da mulher negra na escrita de Conceição Evaristo.

Discutimos temas que têm sido pauta em muitas discussões da contemporaneidade e dividido posições, dada a sua expressividade discursiva em um contexto sócio-histórico no qual muitos imaginários têm sido questionados quanto à sua legitimidade e valoração representacional. Foram eles: a heterossexualização e a lesbianidade, em *Isaltina Campo Belo*; a intelectualidade, o patriarcado e o sangue menstrual, em *Mary Benedita*; e em *Saura Benevides Amarantino*.

Por meio da análise dos contos *Isaltina Campo Belo* foi possível constatar que os brasileiros continuam acionando mentalmente os imaginários sociodiscursivos da

sexualização heteronormativa do corpo negro, decorrendo disso grande parte dos conflitos vivenciados pela protagonista no conto. No entanto, o modo como a escrita evaristiana constrói a personagem permite-nos ver uma transgressão desse imaginário através da construção de outro – o de uma mulher negra homossexual.

Já em *Mary Benedita* o que mais se destaca é a presença de uma protagonista negra e intelectual, visto que não existe na memória coletiva brasileira imaginários sociodiscursivos de mulheres negras intelectuais, tampouco protagonistas de suas histórias. Isso se dá porque estão sempre tendo suas histórias contadas por terceiros, sendo coadjuvantes nas narrativas, quando não, antagonistas mesmo. Na literatura, não as temos representadas como pessoas que promoveram qualquer tipo de contribuição intelectual.

Assim, ao apresentar uma protagonista negra intelectual, Evaristo transgride o imaginário sociodiscursivo de que as mulheres negras não podem ser dadas à intelectualidade, ao mesmo tempo em que propõe uma nova representação social para essas mulheres, por meio da construção de uma protagonista intelectual, demonstrando que as mulheres negras podem ser o que elas quiserem.

Em *Saura Benevides Amarantino*, a escrita evaristiana transgride o imaginário de amor materno inato e incondicional, demonstrando que uma mulher pode igualmente amar ou desprezar os filhos que têm. Além disso, temos um total rompimento com o imaginário de “mãe preta”, já que tal imagem sequer é aludida. Em vez disso, temos outras representações de maternidade.

A análise desses contos foi um convite à observância de uma escrita que se propõe a desconstruir os imaginários que, embasados em representações sociais instituídas a partir de perspectivas construídas como reflexo de uma sociedade mergulhada em preconceitos de todos os tipos, precisam passar por um olhar crítico e reflexivo, capaz de repensar a forma como os sujeitos representam certos grupos na sociedade.

Nesse sentido, depreendemos que as transformações pelas quais passaram as sociedades ao longo dos séculos não foram capazes de fazer com que a humanidade compreendesse que as idiosincrasias são inerentes aos seres humanos. Portanto, a individualidade e a alteridade precisam ser valorizadas. Embora o escravismo, tal qual como aconteceu no período colonial, no qual havia a exploração física e visível dos corpos negros, tenha sido superado, o racismo, advindo de representações e práticas sociais, ainda permanece. Não obstante o patriarcado seja constantemente questionado, sexismo e heterossexismo se mantêm ativos. Nessa ambiência, as mulheres negras que, inegavelmente,

são as principais vítimas desse contexto opressor, se veem ainda sufocadas por práticas e discursos que descarregam sobre elas estigmas e estereótipos, mantendo-as nas piores condições de superação das desigualdades sociais, resultantes desse sistema.

É importante dizer que, segundo Charaudeau (2006, p. 117), “o sujeito falante não tem outra realidade além da permitida pelas representações que circulam em dado grupo social e são configuradas como imaginários sociodiscursivos”. Desse modo, se não há novos imaginários que representem as mulheres negras, os sujeitos falantes recorrerão aos já existentes no âmbito discursivo. Daí a necessidade de construção de novos imaginários.

Podemos afirmar que a literatura, enquanto espaço de representações da realidade, apresenta inúmeros imaginários sociodiscursivos. E, apesar de vermos o imaginário sob a perspectiva semiolinguística, em que não se atribui a ele algo de falso como se atribui ao estereótipo, mas que ele apenas apresenta uma forma de pensar advinda de uma representação social, podemos refletir o que esses imaginários estão comunicando.

Nesse sentido, vale considerar o que disse Charaudeau acerca da valoração do imaginário, visto que ele pode ter uma conotação social negativa ou positiva a depender do contexto em que se insere:

/.../ deve-se acrescentar que esses discursos criadores de imaginários se produzem, como já dito, dentro de um domínio de determinada prática social que desempenha um papel de filtro axiológico. Isso permite compreender que um mesmo imaginário possa receber um valor positivo ou negativo, dependendo do domínio de prática no qual se insere (CHARAUDEAU, 2017, p. 579).

Isto posto, um imaginário que pode ser bem visto em um contexto, como por exemplo o imaginário do amor materno de que falamos há pouco, pode servir de uma ancoragem discursiva para o preconceito, que foi o que aconteceu com Saura Benevides, que, ao entregar a filha ao pai, passou a ser hostilizada e depreciada socialmente.

Dessa forma, notamos, por meio de uma visão crítica da realidade, que existem representações, ou seja, modos de perceber e significar a realidade, que embasam imaginários sociodiscursivos que precisariam ser revistos ou ressignificados, dado o seu teor de significado.

É válido dizer que, enquanto o poder hegemônico masculino e branco dominar a sociedade, as identidades das mulheres negras continuarão a ser facilmente ignoradas, visto que reconhecê-las é negar muitos imaginários que contribuem para a manutenção e o fortalecimento do poder instituído. E, para que esse modelo de pensamento continue

exercendo o seu poder, é imprescindível que representações sexistas e racistas continuem a existir. Logo, para que esse sistema opressor seja desmantelado, novos discursos e novas representações, que transgridam, que rompam com esse modelo de pensamento precisam surgir, afim de dar lugar a novos imaginários sociodiscursivos.

A escritora e ativista negra Maria da Conceição Evaristo concebe a literatura como “espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos”. No entanto, ela “tem se constituído como um espaço em que se prima em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra” (EVARISTO, 2005b, p. 2), o que só reforça estigmas e preconceitos. Assim, por meio de sua escrita literária, ou melhor, da sua escrevivência, ela abre espaço para que as mulheres negras.

Comprendemos, assim, que a escrevivência de Conceição Evaristo, por reunir escrita (espaço em que se manifesta intelectualidade) e vivência (experiências de vida de uma mulher negra na sociedade brasileira) pode se constituir como uma importante ferramenta de transformação sociodiscursiva no atual contexto em que vive a sociedade brasileira. No seu firme propósito de rasurar a velha imagem de mãe preta contando histórias para ninar a prole do senhor de escravos, essa voz faz reverberar um discurso capaz de acordá-los de seus sons injustos. A escrita evaristiana, ao transgredir os imaginários sociodiscursivos das mulheres negras por meio dos contos de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, se mostra comprometida em combater discursos cristalizados, que ignoram as identidades dessas mulheres e se centram nas essencializações, ou seja, nos imaginários oriundos de uma orientação racista, sexista e de essência segregacionista.

Essa escrita que constrói protagonistas mulheres e negras, atravessadas também por outras identidades, está aí para compor o repertório dos (novos) leitores brasileiros. Ela é capaz de trazer um impacto, por exemplo, no ensino de literatura, cujo olhar geralmente está voltado para os clássicos³⁶, com suas construções identitárias da mulher negra essencializada. É, portanto, dessa voz, que propõe novas narrativas acerca das mulheres negras, com representações decolonialistas e com autorrepresentações, nunca outrora enlevadas na literatura canônica, que precisamos para que, gradativamente, novos imaginários sociodiscursivos dessas mulheres integrem o cenário discursivo da nossa literatura, e por extensão, da nossa sociedade.

³⁶ Com isso não estamos dizendo que os estudantes não devam mais ler os clássicos, mas que lhes sejam propostas também outras leituras que lhes permitam ter um olhar crítico e reflexivo sobre as representações do passado presentes nos textos canônicos que, infelizmente, ainda se manifestam na forma dos imaginários sociodiscursivos na atualidade.

Ainda no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, poderíamos nos ater a questões importantes relacionadas a essas identidades fragmentadas que permeiam quase todos os contos dessa obra. Isso fica como sugestão para outros estudos nessa área. No conto *Mary Benedita* não discutimos, por exemplo, a questão da automutilação, pois, apesar de ser um tema presente no texto e bastante relevante na contemporaneidade, não compreendia o eixo da presente discussão, mas, poderia ser discutido em um estudo posterior ao aqui empreendido. Além disso, sugerimos o estudo das diferenças e semelhanças entre as mulheres representadas na obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* e as do livro *Olhos d'água*, por também apresentar um bom número de protagonistas negras.

Por fim, se o que se evoca são imaginários que não deveriam mais corresponder à realidade dos nossos dias, uma vez que o colonialismo e a escravidão de povos africanos já foram abolidos há mais de dois séculos, depreendemos que existe a necessidade de novas imagens e discursos serem mobilizados, bem como disponibilizados nos meios culturais com vistas à formulação de novos imaginários que não coloquem à margem as mulheres negras, e é justamente isso o que faz Conceição Evaristo, através de sua escrita literária engajada. É notável o engajamento literário da autora negra, visto que seu texto reflete uma preocupação em recuperar processos de identificações (subjetividades) através da cobrança de uma revisão histórica e representacional, como também por meio da denúncia das opressões interseccionais vivenciadas pelas mulheres negras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silva Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte - MG: Letramento: Justificando, 2018.

AMOSSY, Ruth. **As imagens de si no discurso.** São Paulo: Contexto, 2015.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado:** o mito do amor materno. Traduzido por Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical.** 7. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo.** V.1. 3 Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense. 2012.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília, DF, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>. Acesso em: 02/08/2019.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade.** São Paulo: TAQueirós, 2000.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade social no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso, In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005a, p. 11-27.

_____. "Réflexions sur l'identité culturelle. Un préalable nécessaire à l'enseignement d'une langue", in Gabry J. et alii, **Ecole, langues et modes de pensée**, CRDP Académie de Créteil, 2005b. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Reflexions-sur-l-identite,119.html>. Acesso em: 12/12/2019.

_____. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional, In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

_____. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 1-23, dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3932/2910>. Acesso em: 25/07/2019.

_____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Traduzido por Angela M. S. Correa & Ida Lúcia Machado. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2016

_____. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Tradução de André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

COLLINS, Patrícia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. Tradução de Angela Figueiredo e Jesse Ferrell. **Cadernos Pagu**, n. 51, 2017. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpa-18094449201700510018.pdf>. Acesso em: 28/05/2019.

CORDEIRO, Hildalia Fernandes Cunha; BARBOSA, Julio César. A escrita negra feminina e lesboafetiva de Conceição Evaristo no conto Isaltina Campo Belo. *In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES*, 4., 2015, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Realize, 2015, p. 1-15. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/comunicacaooralhildaliafernandes.pdf>. Acesso em: 26/03/2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Documentos para encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 26/03/2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, D.F., n. 31, p. 87-110, jan.-jun. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/profe/Downloads/Dialnet-EntreSilenciosEEstereotipos-4846142.pdf>. Acesso em: 26/07/2019.

DE MELLO, Renata Aiala. Especificidades e interseções entre os conceitos de imaginários sociodiscursivos, imagem de si, estereótipos e representações sociais. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA*, v. 2, n. 1, 2012. **Anais [...]**, Uberlândia: Edufu, 2012, p. 1-14.

DENIS, Benoit. **Literatura e engajamento**: de Pascal a Sartre. Bauru: EDUSC, 2002.

DICIONÁRIO MÉDICO. **Menstruação**. 2014. Disponível em: <https://www.xn--dicionariomdico-0gb6k.com/Menstrua%C3%A7%C3%A3o.html>. Acesso em: 10/01/2020.

DIRETRIZES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA. Brasília: MEC. Secretaria de Formação Continuada, Alfabetização e Diversidade e Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, outubro 2004.

DUARTE, Constância Lima (Org.). **Mulheres em Letras** – Antologia de Escritoras Mineiras. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

DUARTE, Constância Lima; CORTES, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Org.). **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: IDEA, 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis; LOPES, Elisângela. Conceição Evaristo: literatura e identidade. **Literafro**, 2008. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/199-conceicao-evaristo-literatura-e-identidade-critica>. Acesso em: 23/07/2019.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth (org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DOUBROVSKY, Serge. **Fils**: roman. Paris: Éditions Galilée, 1977.

DRUET, Anna. **Como a menstruação virou tabu**. 2017. Disponível em: <https://helloclue.com/pt/artigos/cultura/como-a-menstruacao-virou-tabu>. Acesso em: 15/01/2020.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

EDITORA MALÊ. 2019. Disponível em: www.editoramale.com. Acesso em: 12/12/2019.

EVARISTO, Conceição. Da representação a auto representação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares – Cultura Afro-brasileira**. Brasília, DF, ano 1, n. 1, p. 52-54, ago. 2005a.

_____. Gênero e etnia: uma escrevivência em dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005b.

_____. Depoimento. Entrevista concedida a Eduardo de Assis Duarte em nov. 2006. In: DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: Antologia crítica. Belo Horizonte: EdUFMG, 2011. v. 4, p. 103-116.

_____. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, maio de 2009, Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/conceicaoovaristo/dados.pdf>. Acesso em: 08/05/2019.

_____. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. 2 ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. **Entrevista concedida ao Nexo Jornal**. Nexo. 2017a. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/> Acesso em: 15/07/2019.

_____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Malê. 2017b.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Escolar de Língua Portuguesa Aurélio**. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. 3. ed. São Paulo: Claridade, 2015.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em: 27/09/2019.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 11ª edição. São Paulo: Ática, 2006.

GRILLO, Angela Teodoro. De lasciva a musa: a representação da mulher negra em versos de Gregório de Matos a Mário de Andrade. **Scripta Uniandrade**, Curitiba, v. 11, n. 2, p. 76-96, 2013.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOOKS, bell. **Intelectuais negras. Estudos feministas**, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p. 464-478, 1995. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>. Acesso em: 23/07/2019.

_____. **Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo**. 1ª ed. Tradução livre para a Plataforma Gueto, 2014. Disponível em: https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf. Acesso em: 25/07/2019.

IPEA. **Estudo mostra desigualdades de gênero e raça em 20 anos**. 2017. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526:-estudo-mostra-desigualdades-de-genero-e-raca-no-brasil-em-20-anos&catid=10:disoc&directory=1. Acesso em: 15/12/2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário - A normatividade em ação. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013.

LEENHARDT, Jacques. A Construção da identidade pessoal e social através da história e da literatura. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas: UNICAMP, 1998, p. 259-268.

LITERAFRO. **Conceição Evaristo**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> . Acesso em: 26/03/2019.

LORDE, Audre. **A transformação do silêncio em linguagem e ação**. 2017. Disponível em: <https://transformativa.wordpress.com/2017/01/31/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao-audre-lorde/>. Acesso em: 25/03/2019.

MACHADO, Bárbara Araújo. “Escre(vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo. **História Oral**, v. 17, n.1, p. 243-265, jan./jun.2014. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=343>. Acesso em: 15/07/2018.

MACHADO, Ida Lúcia; MENDES, Emília. A análise semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização. **Revista Latino-americana de estudos do discurso**. Brasília, DF, v. 13, n. 2, p. 7-20, 2013. Disponível em: <http://raled.comunidadeled.org/index.php/raled/article/view/50/52>. Acesso em: 13/06/2018.

MARQUES, Geisa. **Femicídio, mulheres negras e sobreposição de vulnerabilidades**. Comunicação Elas por Elas. 2018. Disponível em: <https://pt.org.br/femicidio-mulheres-negras-e-sobreposicao-de-vulnerabilidades/> Acesso em: 18/02/2019.

MARTINEZ, Rafaella. A literatura pode ajudar a entender o valor de uma luta coletiva. **Diário do Litoral**, 2019. Disponível em: <https://www.diariodolitoral.com.br/cultura/a-literatura-pode-ajudar-a-entender-o-valor-de-uma-luta-coletiva/125899/>. Acesso em: 20/07/2019.

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução**. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2006.

MATOS, Gregório de. **Obra poética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

MIES, Maria e SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Tradução Fernando Dias Antunes. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Depressão pós-parto: causas, sintomas, tratamento, diagnóstico e prevenção.** 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-mental/depressao-pos-parto>. Acesso em: 10/01/2020.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária.** 5ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

MOREIRA, Fábio Martins. **O cânone literário brasileiro: preconceito e eugenia em o presidente negro, de Monteiro Lobato.** 2011. 140p. Dissertação (Mestrado em Letras) – URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Pró-Reitoria de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação Departamento de Linguística, Letras e Artes Campus de Frederico Westphalen, 2011a.

MOREIRA, Núbia Regina. **A organização das feministas negras no Brasil.** Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011b.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social.** 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

PASQUALE, Ademir. Entrevista com Conceição Evaristo. **Revista Conexão Literatura,** 2017. Disponível em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2017/10/entrevista-com-conceicao-evaristo.html>. Acesso em: 18/07/2019.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes.** São Paulo: Paulinas, 2007.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos.** 1998.

QUEIROZ, EÇA. **Contos.** 2ª edição. Porto: Porto Editora. 2006.

QUEIROZ JUNIOR, Teófilo de. **Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira.** São Paulo: Ática, 1975.

REIS, Maurício de Novais; ANDRADE, Marcileia Freitas Ferraz de Andrade. O pensamento decolonial: análises, desafios e perspectivas. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 202, mar. 2018. Ano XVII, ISSN 1519.6186. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/eunapolis/textos-fixos-campus-eunapolis/documentos-materias/documentos-materias-2018/aya-1.pdf>. Acesso em: 27/09/2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SILVA, Fabiana Carneiro. Maternidade negra em Um defeito de cor: a representação literária como disrupção do nacionalismo. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n. 54, p. 245-275, maio/ago. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182018000200245&lng=pt&tlng=pt, Acesso em: 12/02/2020.

SCHMIDT, Rita Teresinha. **Quando pensar o feminino não é falar como (uma) mulher.** Anais do Seminário Alagoano Mulher e Literatura. Maceió: UFAL/FAPEAL, 1995.

SOBRINHO, Simone Teodoro. **A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade:** estudo de Insubmissas Lágrimas de Mulheres, de Conceição Evaristo. 2015. 109p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras: estudos literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro.** As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TERRA, Ernani. **O conto.** 2019. Disponível em: <https://www.ernaniterracom.br/o-conto/>. Acesso em: 30/12/2019.

XAVIER, Elódia. Para além do Cânone. *In*: RAMALHO, Cristina. (org.) **Literatura e feminino**. Propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

WESOLOWSKI, Patrick. **O Racismo Científico** – A Falsa Medida do Homem. 2014.
Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-racismo-cientifico-falsa-medida-homem/>.
Acesso em: 06/08/2019.